BIBLIOTHECA

DE

Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME XLIX)

HISTORIA TRAGICO-MARITIMA

COMPILADA POR

Bernardo Gomes de Brito

COM OUTRAS NOTICIAS DE NAUFRAGIOS

(VOLUME X)

ESCRIPTORIO

147=RUA DOS RETROZEIROS=147

LISBOA

1905

NAUFRAGIO

DA

NAO NOSSA SENHORA DE BELEM

Feito na terra do Natal no Cabo de Boa Esperança, e varios successos que teve o capitão Joseph de Cabreira, que nella passou á India no anno de 1633 fazendo o officio de almirante daquella frota até chegar a este reino.

Escritos pelo mesmo Joseph de Cabreira

OFFERECIDOS

A DIOGO SOARES

Do conselho de Sua Magestade, e seu Secretario de Estado em Madrid

Com todas as licenças necessarias

Em Lisboa

POR

LOURENÇO CRAESBEECK

IMPRESSOR D'EL-REI, ANNO DE 1636

A DIOGO SOARES

Do conselho de Sua Magestade, e seu Secretario do Estado

Logo que me determinei a publicar este naufragio, me senti persuadido a offerece lo a v. m., assim pelos antigos favores com que meu irmão, e eu nos reconhecemos obrigados, como pela grande lisonja que faço a meus infortunios, vendo que os refiro a quem já passou os desta navegação, e saberá avaliar o que custam: e juntamente porque ficando desde agora em poder de v. m. me escuzo de outro memorial quando me veja nessa corte, onde espero ir lançar me aos pés de v. m. a quem Deos guarde, &c.

Joseph de Cabreira.

PROLOGO

Ao leitor

Tres cousas me moveram a fazer este Tratado: a primeira, o proveito de que fique na memoria de todos um roteiro para semelhantes desgraças, que a prudencia dos homens até na inconstancia dos mares descebrio acertos para saber naufragar: a segunda, ver que tardava o padre Jeronymo Lobo da Companhia de Jesu, que de Angola passou a Indias, o qual mais miudamente, e com melhor rethorica traz escrita esta perdição: e a terceira, o pedirem-mo alguns ministros superiores, assim de Madrid, como desta cidade, e como as mostras de vontade de quem póde mandar, são leis absolutas para quem deve obedecer, me resolvi atropelar meu proprio conhecimento, e sahir, a luz com este naufragio; pois se para sofrer tantos, e tão grandes trabalhos, me constrangeo a profissão de soldado, para os imprimir me acobardava a insuficiencia de meu estylo, que é mui ordinario nos soldados saber melhor padecer os infortunios, que referi-los; e assim os offereço quasi em borrão, fiando de quem os ler, que considere mais a sustancia de seus transes, que o exornado das razões: advertindo, que como nunca tive tenção de fazer es-

te Roteiro, me foi agora difficultoso lembrar-me de muitas destas cousas; e que tambem devem de esquecerme outras, ainda que não consideraveis para a certeza da historia, nem sustancias para a satisfação que procuro dar a todos deste successo infelice, que quando commummente não logre os aplausos que merece, nem em particular sirva aos ministros de memoria para o premio de tantos trabalhos, ao menos fio delle, que publique o zelo com que os vassallos de Sua Magestade o sabem servir em toda a parte, e os riscos a que se expõem em tão barbaros climas, com tão poucas esperanças de vida.

Naufragio da nao Nossa Senhora de Belem na terra do Natal no Cabo de Boa Esperança no anno de 1635

PARTI da barra de Lisboa para a India em seis de Março de 633 em companhia de tres naos, de que era capitão mór Antonio de Saldanha, fazendo eu o officio de almirante na nao Nossa Senhora de Belem, a mais fermosa, mais bem fabricada, e a maior que nunca navegou esta carreira; e todos prosperamente em boa conserva, chegamos a Goa em 19 de Agosto do mesmo anno.

Depois de descarregadas as naos se tratou do concerto dellas, principalmente da em que eu ia, por necessitar mais delle, assim por haver arribado, como invernado neste reino. E por razões que se offereceram, houve esta nao de ficar na India para melhor se concertar, o que fez de tudo o necessario até dia do Apostolo São Mathias 24 de Fevereiro de 635 em que o conde de Linhares Viso-Rei daquelle estado veio fazer desamarrar as naos, obrigando os officiaes ao trabalho, não só com sua assistencia, mas com grandes liberalidades, que com elles usou, de que aos da mi-

nha nao não coube pequena parte, porque ao mestre della Miguel Jorge o grego, deu um anel de um diamante de muito preço, que tirou da propria mão, e do pescoço um chaveiro de ouro, que deu tambem ao piloto; com que feitas as duas naos á vela, vi logo que na minha me quiz Deos mostrar um annuncio do triste fim que nos esperava; porque virando a proa para as praias de Bardes, mostrava que era melhor ficar nellas, que seguir a principiada navegação; que muitas vezes até as cousas insensiveis mudamente avisam dos successes futuros; mas esquecendo estes presagios com o tornar se a pôr a nao a caminho (o que se fez com excessivo trabalho) e seguindo nossa viagem, não deixei eu de ficar com grande cuidado pelo que havia succedido, em razão do receio que trazia, por haver estado a nao em seco duas vezes, posto que depois que encalhou a primeira, se havia concertado mui bem, o que tudo foi necessario por haver quebrado mais de quarenta cavernas, e braços, e haverem-se-lhe cortado os mastros para que pudesse sair do baixo, e depois de dada a querena, se emmastreou no Rio de Goa, com grandissimo trabalho por serem os mastros mui pezados, assim em razão do que excediam em grandeza aos que levou deste reino, como do excesso que faz o peso da pugna, de que estes eram, ao pinho de Flandes.

E saindo para a barra para se acabar de aparelhar, e tomar a carga da pimenta, e mais drogas, tornou a nao a encalhar no banco que faz a barra, onde esteve em quanto a maré vazou, e na enchente sahio do baixo, assim por espias dadas ao mar, que se viravam com a força dos cabrestantes, como por toas dadas nos navios da armada, que se remavam a poder de braço; o que tudo foi necessario; porque de mais ser a nao um monte de madeira, e já emmastreada, as pan-

cadas que deu com a quilha foram muitas, até por-se em nado, e assim surta na barra, se lhe deu outra querena por ordem do conde Viso-Rei, que em todos estes trabalhos acudio sempre com grandissimo cuidado, e só com sua presença se puderam vencer as muitas difficuldades, que então se offereceram, supposto que o dano que se lhe achou, foi só no codaste uma faceira de quilha fóra.

A consideração de todos estes successos me animavam o receio, com que vinha, e me fazia reparar muito na volta, e máo governo da nao, quando no principio desamarrou, e assim com este temor (ainda que vencido da esperança que tinha em Deos nos levar a salvamento) fui seguindo minha viagem, vendo-me em breves dias com novos trabalhos, em razão da pouca gente do mar que trazia, que não eram mais de cento e quarenta e cinco pessoas com os officiaes, de que a mais della vinha enferma, e debilitada, e a outra ainda mal convalecente das doenças que havia passado em Goa, e ser-me necessario vir de noite dando á bomba de roda com os escravos, que eram bem poucos, por poupar a gente do mar para as maiores necessidades; pois em razão da que convem a uma nao, e da que levei deste reino, que foram duzentas pessoas de mar, vinha eu desemparadissimo de gente, e ainda essa que trazia tão enferma como tenho referido.

E desvelando-me muito a agua, que a nao tinha, perguntei aos calafates donde procederia, e me responderam, que da aguada que tinhamos feito para a viagem, e não me satisfazendo desta razão, assisti uma noite á bomba até a esgotar de todo, para averiguar o bem que tinha, ou o dano que me esperava; mas ao outro dia achei a bomba com agua, e assim dahi por diante vinham todos os negros ao convés a dar á bomba por exercicio quotidiano, e tiravam sempre

quantidade della; o que me dava grande pena, porque ou fosse a agua das pipas, ou a que fizesse a nao, era sempre de dous males duvidosos haver de ter um por certo; porque ou a doce viria a faltar para o sustento da viagem, ou a salgada a crecer para impedi-la, com a felicidade que todos desejavamos. E esta afflicção occultava eu sempre a todos, pelos não desanimar, supposto que obrigados destes motivos foi geralmente profetizado o miseravel fim que tivemos.

Com esta ancia continuava a viagem trazendo sempre menos véla, que a outra nao, por conservar sua companhia, e assim mo ter ordenado Sua Magestade em seu regimento, e chegando á altura de cinco graos da banda do Sul entre os baixos das Sete Irmãs, e os de Pero dos Banhos, nos deu uma noite um chuveiro tão forte, que levou pelos ares a véla de gavea grande, supposto que vinha arriada, e bem á sombra do papafigo maior, e nesta faina se começou a sentir a falta da gente, assim por pouca, como por debilitada, com que trabalhosamente se acudia como convinha, por mais que a diligencia dos officiaes se adiantasse; porém navegando assim para mais altura, nos levou tambem a furia do tempo outras vélas de gavia, com que ao passo que nos cresciam os trabalhos começavam os temores, e a agua que a nao fazia a crescer para elles serem mais intimos, que este é um dos tranzes maiores da navegação; porque tudo impossibilita.

Quasi nesta altura se apartou de mim a outra nao, fazendo-se em outra volta; e se é que me fez os sinaes que o regimento de Sua Magestade manda, de cá os não vimos, não faltando boas vigias, ainda que as naos estavam um pouco desviadas uma da outra. Eu segui a mesma volta até amanhecer, em que me achei só; mas virando a capitania outra vez pelo rumo que o dia de antes levamos por ser o conveniente de nosse

navegação, nos tornamos a encontrar, e com uma vara de bons ventos Suestes que nos deram, fomos o primeiro dia de Maio amanhecer com a ilha de Diogo Rodrigues, que está em vinte graos ao Sul da linha, a qual fomos correndo de longo muito alegres, assim por irmos tambem navegados, como por fazermos ponto novo, parecendo-nos a todos que em breves dias nos livrariamos dos perigos que ha no passar do Cabo de boa Esperança, durando nos o vento que então levavamos; mas a capitania se foi sempre com a proa no mar, enchendo a altura, e se poz em mais de trinta e quatro graos, que é o sol que os meos pilotos tomáram, onde o vento passou ao Noroeste Oesnoroeste, que são nesta paragem os inimigos mais certos, que esperam as naos. Creceram os temporaes, amiudandose com tanta força, que conhecendo eu os achaques da minha nao, me cheguei á capitania, e lhe disse que eu me fazia na volta da terra, não só porque a razão o pedia, mas porque assim o ensinavam todos os regimentos dos pilotos antigos; com muita causa, porque em paragem de tanta altura, e tanto ao mar, sempre o perigo é mais certo, e os remedios mais impossibilitados, e junto á terra acham as naos mais abrigo, e em Abril, e Maio (porque os ventos cursam Levantes; e Nordestes) é melhor ir ver terra do Cabo em altura de trinta e um para trinta e dous graos, e não desgarrar tanto ao mar a buscar tormentas: de mais que para os infortunios desta navegação sempre na terra se offerece mais prompto acolhimento. Pelo que nesta volta viemos ambas as naos mais de oito dias até ver a primeira terra daquella costa, que entendo era de trinta e dous para trinta e tres graos, donde contra o curso ordinario desta monção começaram os temporaes a ser tão rijos, e continuos que parece que cada qual procurava de acabar com nosco de uma

vez, e era cousa digna de notar-se, que apenas havia alguma bonança, e lançavamos as rascas ao mar para colher algum peixe (que é o desta paragem com grande excesso o melhor que deve de haver em nenhuma do mundo) logo se nos seguia nova tormenta, de sorte que muitas vezes com o peixe entre os dentes se acudia a marear as vélas, e tinhamos já por certo sinal de borrasca, este breve alivio da pescaria, que com ser com tanta pensão, ainda o julgavamos por favor da ventura: que este bem tem o estado da miseria, que até os pequenos alivios recebe por grandes contentamentos.

A nao já neste tempo com o exercicio continuo de a desagoar, vinha mui falta de fuzis, chapeletas, e torneis de ferro para a bomba de roda, que as ordinarias não vertiam agua por sairem da India mal concertadas, culpa do calafate da viagem, que em Goa proveram em lugar do que levei deste reino, por ficar em terra mui enfermo, e este tambem o estava, como de sobreselente, e na India com a pressa da embarcação tratou mais de meter quatro fardos de canella, do que o necessario para as bombas; e o mestre da nao (que é o que podia acudir a estas faltas) tambem adoeceo malignamente, e muitos dias dantes não pode vir a bordo a tratar do que mais convinha para viagem tão prolongada: de maneira que todas estas cousas ao presente nos augmentavam o trabalho, e desde Goa parece que já nos encaminhavam a perder.

Mas por intentar todos os remedios, me cheguei á outra nao, e lhe pedi alguns fuzis, e arneis de bomba, e que me emprestasse algum calafate, e carpinteiro, e outras cousas, que tambem me eram necessarias; e porque neste dia em que lhe manifestei minha necessidade andava o mar grosso, e inquieto, não houve mais tempo que de falarmos, e dahi a dous me respon-

deram que deitasse o batel fóra para me darem o que quizesse, que foi o mesmo que negar-mo cortês, mas não piadosamente, porque lançarmos o batel era impossivel, assim porque elle não estava calafetado, antes mui esvahido, e uma das cousas que eu pedia era calafate, como se me faltava gente para a mareação das vélas, quanta mais me era necessaria, guarnecer aparelhos, e lança-lo ao mar, além de que tambem neste tempo trazia rendido o garlindeo da maior, e nem para se fazer um de páo havia carpinteiro da obrigação que o fizesse, porque o de viagem de mais de ser velho, estava mui doente, e o de sobreselente no mesmo estado.

Perdidas pois as esperanças de que a outra nao me socorresse, assim pelo que me responderam, como porque a furia do tempo não dava lugar, a necessidade sempre mestra, e investigadora de remedios, me encaminhou a valer-me do que tinha na propria nao, e assim mandei arrancar todas as argolas que cravam da banda de fóra da proa, e todas as que vem debaixo da varanda, que umas, e outras servem, para que os homens se embalsem, quando convem concertar, ou leme, ou proa, e destas metidas no fogo fiz fuzis, e torneis, remediando como melhor pude, o concerto da bomba.

A primeira manhã que o tempo nos deu lugar, mandei aos calafates assim doentes com mais alguns homens, que os ajudassem pela banda de fóra, a ver se havia alguma estopa sahida por baixo das mesas da guarnição, e á proa, e popa, que como a não trabalhava muito com os balanços por estes lugares obrigam as enxarcias a muito dano, e todo o que se vio, se calafetou o melhor que foi possivel; e imaginando eu que só por estas partes fazia a nao agoa, sempre que daqui avante nos dava algum temporal, tanto que

era mais brando, mandava pessoas de confiança ao porão, e por entre cubertas, a ver se ouviam, ou enxergavam alguma agoa; mas nunca se descubrio outra cousa, que gotejar da que vinha pelas amuradas, por estarem já as cubertas mui abaladas, e o costado mui esvahido, levada a estopa de muitas partes, com os grandes balanços da nao.

E porque o trabalho crecia cada vez mais, reparti a gente da nao em tres esquadras: o guardião Belchior Dias com os grumetes não só servia o seu officio, mas o de calafate, ajudando sempre com grande cuidado, e vigilancia no apresto dos fuzis, e chapetas da bomba de roda, que por infinitas vezes faltáram, quebrando a cadea por ser muito pesada. O contramestre com os marinheiros, que tambem acudia a seu quarto com pontualidade, e Simão Gonçalves Franco despenseiro da nao com os passageiros, e alguns artilheiros, que estavam com mais saude para o trabalho, a que todos assim por esta ordem acudiam com grandissimo desvelo, e assistencia.

Entramos no mez de Junho, que é a força do inverno, naquella costa, como bem á nossa custa o experimentámos, com os grandes furacões, e temporaes, que aqui tivemos, e dous dias antes de Santo Antonio nos deu um tão rijo, que nos deixou a todos atemorizados, e sem darmos lugar de tomar alento nos entrou outro a noite do mesmo Santo tão forte, que ficando-me a capitania por popa, por fugir ao mar, fui correndo com os papafigos, com o farol aceso, como S. Magestade ordena: mas quando amanheci, foi sem a outra nao, a qual não vi mais até o dia em que encalhei.

O ponto dos pilotos se fazia perto da bahia de São Brás, mas com a furia dos ventos, com os balanços que a nao dava não tinhamos lugar para se dar ás

bombas, que era só uma das do gancho, e outra da roda, com quem intentamos todas as diligencias para haver de as concertar, até querer tira-las, e meter outras velhas, que vinham na nao, o que não pudemos nunca effeituar, em razão do tempo, e a que laborava só ficou mal concertada, e assim nos ajudava pouco.

Pelo que considerando-me entre tantos apertos, e que para nossa conservação vinha a nao mui falta de tudo, e sobrada de miserias, e que os temporaes cresciam por momentos mais rigorosos, como que nos queriam consumir, comecei a tratar do ultimo remedio, que em casos semelhantes se usa no mar, ordenando que se fizessem gamotes no convés, prevenindo-me assim para os successos, que antevia ; e como a gente era tão pouca, e o trabalho tanto, quando a occupava em uma cousa, me faltava para a outra ; mas com tudo se concertáram quantidade de barris para os gamotes, e não tardando muito have-los mister, em que os passageiros, e os negros continuavam neste tempo com maior fervor, no que Simão Gonçalves assistio sempre, gostando muito de sua matalotagem para os esforçar, e animar, assim aos negros, como aos mais que o ajudavam.

E posto que as afflicções eram grandes, todos ainda neste tempo tinhamos muitas esperanças de que Deos nosso Senhor nos daria algum vento prospero para poder continuar nossa viagem, a dobrar o Cabo de Boa Esperança tão tormentoso e fatal para os navegantes ; mas como as tempestades nunca nos davam mais descanço, que de cinco, seis horas, e nellas ficava o mar sempre tão grosso, e levantado, que este vinha a ser o maior perigo, porque a nao com os balanços de mar entravés era possivel que abriria mais, chamei a todos os officiaes que vinham nella, e a gente do mar mais pratica, e outras pessoas, e religiosos que me

acompanhavam, presente o escrivão del-Rei, lhes propuz, que considerando o estado, em que me via, e a paragem em que me tomavam tantas miserias, discursassem todos em seu entendimento, e vissem as suas consciencias o que melhor se podia fazer para salvação daquella nao, pimenta de Sua Magestade, e o mais que nella vinha, e dando-lhe o escrivão o juramento dos Santos Evangelhos a cada um per si, se assentou por todos, que a nao não estava em estado de poder tornar acometer o Cabo de Boa Esperança, e que antes arribassemos a Moçambique, se pudessemos lá chegar; porém o mestre foi de parecer como mui experimentado, que a nao não podia atravessar a buscar a cabeça da ilha de São Lourenço, e em razão dos ventos Nordestes, que muitas vezes costumam a ser naquella altura muito aturados, e tormentosos, e ser necessario o pairar com a nao, trabalho que ella já mal poderia sofrer, e que antes fossemos ao longo da costa alcançando onde mais perto pudessemos chegar.

E tomado pelo escrivão este assento no livro de S. Magestade, ficamos todos bem desconsolados, e muito affligidos, pois havendo não só dous annos, e tres mezes, que haviamos partido da barra de Lisboa, mas cinco que durava esta viagem, desda primeira arribada que fiz a este reino, nos viamos entre nossos trabalhos com mais certeza da morte, que de poder chegar a este reino desejado, premio, e apetecido descanço de todos os que se deliberam a tão prolongada navegação.

Estando as cousas neste estado, os temporaes com pouca differença uns de outros nos não largavam nunca, e como a agua principal que a nao fazia era pelo alto, e vinha por cima, calava pelos paioes da pimenta, com o que pouco a pouco foi inchando, e por alguma greta, que abrio cahia no porão de sorte, que por momentos crecia em tanta quantidade, que de todo nos julgamos por perdidos. Pelo que obrigados da

falta da gente, que não chegava a guarnecer as bombas, e os gamotes; acudiam a trabalhar até as mesmas mulheres, desanimando a todos, e enfraquecendo-os muito, assim as furias das tempestades, que nos não largava, como o grande frio que nos regelava, e o desvelo continuo de tantas noites; porém como em quanto se sustenta a vida nunca desmaiam as esperanças, depois de pôr todas em Deos, fiavamos de nosso trabalho, todo o remedio de tantas necessidades, e assim para tomar algum alento, se revezava a gente, e acudiam todos pontualmente á sua obrigação.

E como eu até então não presumia que toda a agua era por cima, ordenei a um marinheiro meu por nome Manoel Fernandes, que era o que só nos ajudava, por ser bom carpinteiro, porque o da nao, e o de sobrecelente, não sahiam de seus gazalhados (um por muito velho, e ambos por estarem doentes) que fosse a baixo, e fizesse exquisitas diligencias a ver se podia dar com agua para a remediarmos, e assim em uma noite de muito tempo, topou na proa por onde a nao a fazia, achando-a aberta por onde chamam o coral, e tudo como um canissado, de sorte que quando cahia com o balanço, se metiam uns paos pelos outros, entrando um rio de agoa, fazendo um estrondo grande, medonho, e triste, e se uma impulheta deixaramos de dar ás bombas, e gamotes, foramos a pique ao fundo; porque ainda assim a agoa crecia, mas parecendo-nos que tinhamos nas nossas mãos este breve intervalo da vida, por suste-la se trabalhava excessiva, e anciosamente.

Mandei com tudo ao mestre, e ao guardião com algumas pessoas mais, que vissem se naquella parte podia haver algum concerto, mas conhecendo elles que alli era a fortaleza da nao, donde vem a rematar, e fechar toda a obra della, vieram muito desconsolados;

mas nem assim não cessando de buscar-lhe algum remedio, se nos o tempo permitisse algum jazigo: quizeram nossos peccados que indo eu abaixo aos gamotes, que pareciam o retrato do mesmo inferno, assim com a motinada, e grita dos que trabalhavam, o es. trondo da agoa que cahia, como com os grandes balanços que tudo arrojava de um ao outro bordo, sem haver quem se pudesse sustentar, nem ainda estando pegados, e mandando eu chamar a este Manoel Fernandes para eu ver pessoalmente o que se podia fazer, vindo decendo pela escotilha donde estava o primeiro gamote, com um balanço cahio por ella até o porão, e quiz nosso Senhor que o guardava para valer-nos no que ao diante direi, que não topou em cheio em nenhum dos paos que estavam sobre a cuberta do porão, donde se enchiam os barris da agoa, á maneira dos que se põem nos possos das noras para afastar os alcatruzes, que se não quebrem nas paredes; mas deu tão grande pancada sobre a agoa, que eram mais de dez palmos, que vindo para cima meio desconjuntado, e moido, acabei de perder quasi toda a esperança que podia ter de remedio humano, confiando só no do ceo, pois não havia outra pessoa, que me ajudasse na obra de carpintaria com tão boa vontade, nem com tanta perfeição; e sendo que sempre nestas naos vão de ordinario entre a gente do mar homens deste officio, e de outros, nesta parti da India só com um Thomé Fernandes, que nos havia cahido ao mar de um vagado, havendo ido a bordo estando sangrado algumas vezes.

E porque nenhum remedio nos faltasse, tinhamos ordenado uma moneta estofada, para que dando-nos o tempo lugar a corressemos por baixo da proa da nao para por esta via se vedasse alguma agoa, o que o tempo nos não permitio nunca, antes rebentando

pouco a pouco os paioes de pimenta se começaram a entupir as bombas (rigorosa demonstração em tantas miserias, e quasi indicio certo, que nos profetisava o ultimo tranze.)

Neste tempo nos faltou o calafate de viagem de morte subita todo inchado, por se haver metido muitas vezes na agoa frigidissima, o que despertou o animo de todos para nos aparelharmos a dar conta a Deos de nossos peccados, confessando-nos, e fazendo outros actos de catholicos.

As tormentas não cessavam sem nos permitir lugar de descanço por quatro horas aturadas, e era tanto maior nosso trabalho, quanto mais nos chegavamos ás ultimas miserias de perder-nos.

E assistindo eu no convez com toda a gente, para que trabalhassem com mais pressa, por nos irem já faltando as bombas, que ocupavam uma Estacio de Azevedo Coutinho com seus escravos, e até sua mulher D. Isabel da Branches que com animo robusto offerecia á dureza do trabalho a brandura de suas mãos; e na outra revezados, hora Simão Gonçalves, hora o guardião, que sempre acudiam com singular cuidado, e eu no continuo laborar dos gamotes, me gritavam decima, que mandasse gente do mar a braciar a véla de correr, por não atravessar a nao, que já governava pesadamente, por levar toda a proa metida debaixo do mar, e nos não desse algum atravessado, que a acabasse fazer pedaços; que suposto que estava gente ás escotas, não bastava quando o mar crecia; e assim sempre que mandava alguns homens do mar, quando tornavam aos gamotes, se achavam mais dous, e tres palmos de agoa á popa, e á proa dobrados duas vezes, com cujos intervalos se acabaram de entupir as bombas, e só os gamotes laboravam com muito trabalho, pela muita pimenta que vi-

nha na agoa: e por isto não desocupava a gente para haver de alijar, que é um dos remedios destas necessidades, se bem a nao vinha tão descarregada, que o que então tinha de agoa lhe faltava de peso; que se viera como costumam as da India, muitos dias antes nos tiveramos ido a pique sem nenhum remedio; mas com tudo sendo-me necessario alijar para mais alivio da nao, o não podia fazer, vendo que me havia de levar toda a gente se o quizera dispor, e gastar o tempo, que era o que eu mais poupava; e só quem experimentou o que é uma nao da India com alguma carga entre cubertas, pode julgar como nos era possivel acudirmos com tão pouca gente ao que tinhamos entre mãos, e ao trabalho de alijar.

Tão rigoroso aperto me aconselhou a prevenir-me para o que esperava, e assim mandei por alguns negros, que por pequenos não serviam para a bomba, com o tanoeiro, e meirinho pôr em cima mosquetes, balas, coleiras de cargas, polvora, e as mais munições, que tudo mandei meter em pipas, e barris estanques, e juntamente algum arroz, que tudo ao diante nos foi necessario.

Pouco mais depois do São João, para remate de nossas ancias, veio a pimenta a fazer code já por cima da agoa, de maneira que uns áparta-la com paos, e outros a tira-la, não vinham acima em cada empu lhete quatro barris de agoa, e ainda essa ametade era pimenta.

Aqui póde considerar todo o juizo desapaixonado, ou quem se vio em semelhantes naufragios, quaes estariamos todos, abarbados com a morte, sem divisar outro remedio mais que a immensa misericordia de Deos; e assim tomando a Virgem Santissima por nossa intercessora, que como mãi de piedade ouvio nossos clamores, e nos deu o tempo algum alivio.

E porque já neste ia toda a proa da nao quasi metida debaixo do mar, e os gamotes de todo entupidos com a pimenta, por haverem arrebentado todos os paioes della, de sorte que só com enxadas se poderia tirar, fiz outro assento com os officiaes, e gente do mar, sobre o que se devia fazer, para salvarmos as vidás, e o mais que pudesse escapar, e assentou-se por commum voto de todos, já que as miserias nos chegavam a tanto aperto, que fossemos em demanda da terra para encalhar com a nao, e salvar a vida, o que a tivessee destinada por Deos.

E tomada esta miserrima resolução no livro del-Rei, fomos a buscar a terra, que ao outro dia vimos ser o principio da terra do Natal de trinta e dous-graos, e não foi menos festejada, que se descobriramos a deste reino, que um estado penoso faz que alvorecem até as mesmas desgraças.

Aqui por aliviar a nao em vespora de S. Pedro, deitamos a verga grande ao mar bem resistidos do tempo, que ainda tormentoso mal nos prometia nem este breve desafogo, e indo assim correndo a terra por ver se descobriamos alguma praia, ou enseada, onde com menos risco, e mais commodidade pudessemos encalhar, vimos umas serras mui altas, e cortadas como de algum rio, e uns fumos em partes, como que havia povoações de gente; e como sempre nestes casos são tantos os pareceres, e as opiniões como as pessoas, me foi necessario particular favor de Deos para tomar resolução certa do que convinha que foi chegar-me bem á terra, para melhor poder divisar o que viamos; mas ficando-me o vento mais escasso, não pude canjar senão quasi uma legoa mais adiante das referidas serras.

Determinada a mais gente a encalhar logo com a nao por recearem irem-se a pique, por quanto a agoa

crecia cada vez mais, eu o não consenti, antes atropellando por todos os pareceres, e confusões, mandei surgir com uma ancora, não cessando de dizerem uns, que alli nos haviamos de afogar sem remedio algum, o que não chegaria a todos se não encalhassemos : outros, que aquella noite por isto ser já bem tarde, nos havia de quebrar a amarra, e dar a nao á costa, e com a escuridade não ser possivel escapar pessoa alguma.

Com tudo entre este laberinto de pareceres, e guiado de melhor discurso, mandei lançar o batel fóra, no que tambem houve bravas opiniões, e grandissima confusão ; e em fim metendo-me nelle já disposto a morrer, ou a reconhecer a praia que nos ficava atraz, e em que sempre puz o olho para nossa salvação, e bem pronostiquei como ao diante sucedeo, levei comigo ao guardião da nao por obrigado acompanhar-me quando sahia della, e trinta e sete homens mais, todos armados com seus mosquetes e espingardas, um barril de polvora, ballas, e a corda necessaria, sem nenhum mantimento, porque a pressa o não permitio.

E pedindo ao padre Jeronymo Lobo da Companhia de Jesu quizesse acompanhar-me naquelle tranze, pois em todos os da nao o havia feito com grande caridade, elle por sua muita virtude houve por bem de o fazer : juntamente chamei ao padre Fr. Antonio capellão da nao, e sendo bem tarde me larguei della, que vista de fóra estavam torcidas as sintas á maneira de um cajado, e determinando primeiro reconhecer as serras que havia discurrido, que a praia que me ficava defronte da nao, disse aos que nella estavam, que até o quarto da madorra tornaria a dar razão do que tivesse visto.

E sendo eu julgado de todos que ia a morrer por quanto na aspereza daquella costa mal se podia navegar com embarcação muito grande, quanto mais em

um batel tão pequeno; com tudo entendendo que só por este caminho tão arriscado podia haver alguma esperança de remedio, tendo-a mui grande em Deos nosso Senhor, me resolvi entre tantos trabalhos a expor-me a este com tão evidente perigo de minha vida: mas como confiava que o logro havia de ser grande (ainda que o aperto foi um dos particulares em que me vi) tudo considerava facil no proveito de poder chegar a terra, aonde dando a nao á costa, era força, que a maior parte da gente se salvasse em jangadas, em paos, e taboas; e que indo assim algum meio morto, ou de frio, que era grandissimo, ou ferido dos prégos, e rachas, e atropelado do rolo do mar, que arrebentava furiosissimo muito antes de chegar á costa, não visse algum alarve de entre aquelles matos, e pelos roubarem acabassem de os matar, a cujo resguardo eu podia acodir, com a gente que me acompanhava. E tambem tomando terra deixa-los assim armados, cubertos com alguma trincheira, ou valo para defensa dos cafres que baixassem á praia, como para recolher seguro tudo o que podesse sahir a terra, e voltar-me outra vez para a nao, para o que conviesse fazer-se della.

Com se remar fortemente, e a agoa ir comnosco, não pude chegar a terra senão com o ar mui pardo, depois de se haver posto o sol, e me vi em grande necessidade, por andar o mar mui alterado, e nos não dar lugar a descobrir nada; e era grande mercê de Deos não arrebentar no batel alguma das muitas ondas, que de longe vinham quebrar na costa, porque infalivelmente pereceramos todos: e como com a noite não podiamos ver, nem ainda as serras altas, alargando-nos um pouco espaço para fóra surgimos com uma fateixa, escolhendo este pelo ultimo remedio, pois não descobriamos outro, aparelhando-se cada um em

seu coração, para dar conta de seus peccados, parecendo-nos que nos não poderiamos sustentar sobre o mar, nem duas horas.

Mas por entre a grande miseria daquella noite, assim com os grandissimos frios, como com o muito mar, que atravessava por cima do batel, veio rompendo a manhã, pelo que tratamos logo de fazer ao que haviamos vindo; mas sem divisar paragem donde pudessemos chegar com o batel, nem ainda que vimos as serras talhadas, destinguir claramente se havia rio caudaloso; porque como o mar na resaca andava mui levantado, e arrebentado em flor muito distante della, por serem tudo baixos, era impossivel recochecer o que pretendiamos.

E com esta desconsolação ao longo da costa fomos remando outra vez para a nao com excessivo trabalho, por quanto nos detinham as agoas, que velozmente corriam para o cabo de boa Esperança, e a gente não só cortada dos trabalhos passados, mas muito fraca, pela falta do comer; e assim andavamos pouco; mas com tudo com o cuidado em vigiar se havia alguma parte onde pudessemos chegar, o que não permitio Deos que fizessemos, porque quiz sua divina providencia que toda a obra fosse sua, pois sendo isto quasi ás tres da tarde, em dia de S. Pedro, estando á vista da nao, não pude chegar a ella, e surgindo outra vez para descançar a gente, tornou o vento a crecer do Sueste (que é travessão naquella costa) e o mar a cruzarse dos tempos passados Oestes, Oessudoestes, de maneira que vendo-nos em tão miseravel estado, recorremos todos a pedir a Deos misericordia, pois mostrava que nem era servido de que tornassemos á nao a buscar nossos companheiros.

E fazendo o padre Jeronymo Lobo em alta voz um acto de contrição, que todos repetiamos, puzemos a

popa no mar, e a proa em terra, e remando a todo impeto, porque o batel fosse mais despedido levados do vento, e das ondss nos dispuzemos a encalhar onde melhor pudessemos, e já perto da terra veio um mar como um monte, que cubrindo-nos por cima, ficou o batel cheio de agoa, e a não ser um marinheiro, a quem chamam Antonio Domingues, que ia governando com um remo por leme, junto do qual eu ia, sem duvida fora este o ultimo tranze; mas sempre animado, e com grande sentido procurava que não atravessassemos no alto deste mar, a que logo se seguiram outros não menos terriveis, como é costume em costas bravas. E gritando pela Virgem do Rosario sempre protectora nas maiores miserias, foi ella servida que fossemos a terra por baixo delles, e misturados com as ondas sem ninguem se afogar, antes levando todos suas armas nas mãos, aventurando-se mais os que melhor nadavam, que em tomando pé, acudiam a ajudar aos outros, se foram salvando todos. Eu que sabia mal sustentar-me sobre a agoa me deixei estar até que puxaram por mim, e tambem pela misericordia de Deos fui a salvamento.

Tiramos as munições, e a polvora enxuta, por ir em barril estanque, tratei primeiro que tudo de que se fizesse fogo nas pedras das espingardas para enxugarmos as armas, e voltando para o batel, vi que estava já meio quebrado, e todo cheio de area, julgando este por um dos maiores milagres que Deos nosso Senhor nos fez, nos abraçamos uns aos outros, dando-lhe muitas graças; e como pessoas que de novo naciamos para esta vida, havendo-nos visto quasi na outra.

Recolhemo-nos logo a um pequeno mato que nos pareceo mais acommodado, assim para nos defendermos dos alarves da terra, como para nos enxugarmos,

fazendo cada um fogo onde melhor lhe pareceo, o que bem permitia a muita lenha de que esta terra abunda.

Neste tempo tanto que os da nao viram que o batel virára logo entenderam pelo grosso mar que fazia, que me ia a perder, e picando a amarra, largáram o traquete, e vieram para o mesmo lugar, que era pouco mais adiante que as serras que atrás digo, onde sempre tivemos tenção de encalhar, e como o vento era Levante, vinham em popa, o que visto por nós fomos correndo a praia, e lhe puzemos na ponta de uma lança uma toalha, para que vissem, que nos não tinhamos afogado, e que os podiamos ajudar quando encalhassem; mas como com o grosso mar nos não podiam ver, e a nao não queria governar, ora punha a proa para o mar, ora para a terra, imaginando que os mais que tinhamos vindo no batel eramos afogados, se foram buscar a praia, em que assima muitas vezes tenho fallado, e eu havia ido reconhecer, e nella encalháram, mui perto onde um rio sai do mar, que de uma, e outra parte tudo é baixo de area, e pelo canal vaza, e enche a maré com muito impeto, sendo donde tocáram a terra, mais de um terço de legoa, e como era baixamar, e andava toda a costa em flor, não divisáram por então o canal do rio, e abonançando o tempo algum pouco, tiveram mais esperança de vida, passando aquella noite, e o dia seguinte em mil discursos.

E' necessario advirtir aqui, que tanto que me sahi da nao, deixando ordem para isso, alijáram ao mar tudo quanto estava á proa, e no mais corpo da nao por cima, com que se puderam sustentar até vir encalhar.

Ao outro dia depois de a nao estar encalhada, botaram ao mar um balão que vinha nella do conde Viso-Rei que foi todo o nosso remedio, e se meteram nelle os mais aventureiros a ir reconhecer se tinham

canal, ou paragem comoda para desembarcar, que posto que o que havia era muito estreito, e de sete até oito palmos de agoa, não dava jazigo senão a espaços, porque quebrando o mar no baixo, corria toda a costa com grandissimo impeto, e impetuosa resaca.

O dia em que me perdi no batel, que foi o mesmo em que encalhou a nao, vieram a demandar alguns alarves a gente que comigo tinha vindo, que eu deixei com o padre Jeronymo Lobo, por eu haver ido com alguns homens por cima de uma serra a descobrir aonde a nao estava encalhada, e com toalhas lhe fizemos muitos sinaes para que todos nos animassemos, assim elles por ver que haviamos escapado da força do mar, e que tambem podiam vir a terra aonde os podiamos ajudar, como nós, parecendo-nos que tinhamos companheiros, para os futuros trabalhos que esperavamos, que não é pequeno alivio para os desgraciados, vêr que tem participes em seus males.

Ao outro dia antes de amanhecer mandei ao guardião, e Simão Franco, com mais quatorze pessoas da melhor gente que tinha vindo comigo todos armados, para que fossem defronte donde a nao estava aos ajudarem no que conviesse, em quanto eu o não podia fazer, por ficar acompanhando o resto da gente, a mais della impossibilitada para poder caminhar: partidos elles veio o sol saindo, e de entre os matos ajuntar se poucos, e poucos tantos alarves, que vieram a ser mais de trezentos, o que nos poz em grande cuidado, por sermos tão inferiores em numero, e os mais delles quebrantados da agoa do mar, e não bem armados.

E' esta terra de ares excellentissimos, e de grandes matos, madeiros mui altos, e grossos, e de suaves cheiros, supposto que os frios são excessivos, ha muita lenha, e como o sol levanta aquenta bastantemen-

te a terra; isto é no inverno, que quando se chega mais a nós, não deixa de haver calma, mas mui sofrivel sem fazer mal o sol, porque andando nós sempre a elle nos não adoeceo nunca ninguem, antes vindo a gente mui doente, convaleceo a maior parte della, e só nos morreram quatro, ou cinco pessoas, que do mar vinham mui enfermas; e com o temor, e espanto de se verem deitados naquellas praias, acabaram as vidas nos primeiros cinco ou seis dias, os quaes enterrámos em um lugar que para isso se escolheo, por nos parecer que morreria muita gente, pondo-lhe uma cruz sobre a sepultura, o que nos movia a grande magoa, e acrecentava maiores saudades, por vêr nossos companheiros enterrados donde nunca puzeram pés mais que alimarias bravas, ou aquelles alarves naturaes, que tambem se distinguem pouco das proprias féras.

A gente desta terra é muito enxuta, e direita dos corpos, grande das estaturas, e fermosa de gestos, mui sofredora de trabalhos, fomes, e frios, vivem duzentos annos, e ainda mais com boa saude, e com todos os dentes, e são tão ligeiros, que andam por cima das fragozidades das serras, tão velozmente, como veados, andam cubertos com umas péles por cima dos hombros, que lhe chegam por baixo dos joelhos, estas são de vaca, mas por seu artificio as abrandam tanto, que parecem um veludo, entre elles tambem ha pobres, e ricos, mas isto vem a ser o que tem mais, ou menos vacas; trazem todos na mão uns paos de quasi dous palmos, e por remate delles um rabo como de raposa, que lhe serve de lenço, e abano, usam de umas alparcas redondas de pele de elefante, que trazem dependuradas nas mãos, e nunca lhas vi postas nos pés: as armas de que usam são azagaias com seus ferros bem feitos, e largos, seus broqueis de pele de elefante com impunhadura como os nossos, mas á feição ou modo

de adargas; os mais ricos se servem de outros: todos trazem cachorros cortadas as orelhas, e rabos, com que caçam porcos montezes, e veados, como tambem bufaros, elefantes, tigres e leões, e muitos cavallos marinhos, e das aves ha perdizes, galinhas do mato, tambem ha cazeiras mas são muito pequenas, pombos verdes, e papagaios, que é mui bom comer, porque destas matamos muitas, tambem ha coelhos, lebres, ginetas, que tudo isto tomamos em laços: os Reis tem quatro, cinco, e sete mulheres, estas todas são as que trabalham, semeiam, e lavram a terra com uns paos para disporem suas searas, que são de milho tão grosso, ou mais que linhaça: tambem o ha de maçarocas; semeam balancias mui grandes, e mui boas, feijões, abobaras de muitas castas, canas de assucar, ainda que disto pouco nos trouxeram; mas o de que mais fazem fundamento é de vacas, que são fermosissimas, e o mais manso gado que tenho visto em terra alguma; quando é o tempo do leite se sustentam delle coalhando o, e fazendo-o azedo, do que nós gostavamos pouco. Comem tambem umas raizes, que na feição se parecem com o trovisco, e dizem lhes dá muita força, e assim ha outras que dão uma semente miuda, que tambem nasce debaixo da terra, a qual comem com grande gosto, e a rezina das arvores, sem gastarem nenhuma fruta da que ha nos matos, em nenhum modo, o que nos foi a todos de muita utilidade; porque com ella nos ajudamos a sustentar muitos dias, posto que não tem semelhança com nenhuma deste reino, nem com as que ha na India. Nos casamentos não trazem as mulheres dotes, antes elles os dão a seus paes de vacas, e ellas são como suas cativas, e de seis, ou sete que elegem cada lua metem uma em casa, sem que as moleste ciume algum, e até as suas joias são para elles, porque ellas só trazem suas peles

melhores, ou peiores, conforme a possibilidade de seus maridos. As joias são manilhas nos braços, e arrecadas nas orelhas, ou de cobre, ou de osso.

Postos pois em terra, como tenho dito, resgatamos algum milho, que ellas traziam as mãos cheias, e sinalei ao padre Jeronymo Lobo, para que corresse com isto a troco de algumas fechaduras, azelhas, e prégos de escritorio; e estavamos tão cortados da fome, por haver tres dias que não comiamos mais que uma meia costa de biscuito, e ainda menos, que a cazo trouxe o padre atado em uma toalha, repartindono-lo que chegasse a todos, que eu me senti tão fraco, que me fui a umas figueiras bravas, e me puz a comer-lhe os cardos de dentro, que ainda que imitam ás da India, e lá usam os naturaes este mantimento, não é nada saboroso.

Quando estes alrarves chegavam aonde nós estavamos, que era com as costas em um mato, que nos servia assim de defensão do frio, como para elles quando nos quizessem acometer; em um monte de area, que estava defronte, pregavam as azagaias primeiro que chegassem a nós, e dalli por acenos nos diziam, para que tinhamos as armas nas mãos, quando elles estavam com as suas postas de parte; e como nisto mostravam desconfiança, e o tempo era de cobrar amigos, eu me resolvi a me meter entre elles, largando a um companheiro uma espingarda que tinha, ficandome com uma pistola na cinta, e com uma adaga, a primeira cortezia que lhes fiz, foi pegar-lhe pelas barbas, e esfregando-lhas mui bem, e logo sentar-me entre elles, de que se mostraram mui contentes, por entenderem ser eu o capitão daquella gente, me davam grandes louvores, chamando-me na sua lingoa, Canansys, Molumgo, Muculo, Manimusa, que na nossa querem dizer grandes titulos.

Alli estivemos largas duas horas até que se dividiram para varias partes. E mandando eu um grumete com um barril a buscar agoa a uma ribeira que não estava longe, lhe sairam alguns do mato, e lho tomaram, e uma faca, dando-lhe algumas pescoçadas, tornando-se a embrenhar. E parecendo-me, que com lhe fazer uma negaça poderia satisfazer-me, matando algum, como que tambem julgava que me seguraria para passar aquella noite, chamei um marinheiro, que se não prezava de pouco valente, e com a sua espada na mão o mandei que fosse encher um caldeirão á ribeira com o sentido nos alarves não lho tomassem; e eu me fui nas suas costas com quatro espingardas em mãos de bons tiradores, e porque nos não vissem ficamos um pouco atrás encubertos com um recanto que fazia a terra. O marinheiro chegou, e como não vio ninguem poz a espada no chão, e o caldeirão, e tirou-lhe a tapadoura para o encher de agoa decima de umas pedras; ficava pelo alto delle uma mouta, detrás da qual estava acachado um alarve que de subito se ergueo, e saltou mais ligeiro que um galgo, donde o marinheiro estava, e lhe tomou o caldeirão, e a tapadoura com acção tão repentina, que o deixou tão assombrado que se não soube determinar; nós acudimos, e quando levamos as espingardas ao rosto já o negro, como um passaro, ia por cima de umas serras, e posto que disparamos, não fizemos tiro certo, do que elles tomaram ousadia para nos acometerem á noite, vendo que as nossas armas lhe não faziam dano, e eu não deixei de ficar com cuidado, receando-me do que me succedeo.

Tanto que a noite cerrou bem, tendo postas sentinelas aonde entendia que melhor convinha, todos com suas armas prestes para nos defendermos, estando com a mais gente metidos no mato que assima digo, aquen

tando-nos ao fogo, gritavam arma, arma, a cousa era que vinham pela praia mais de trinta negros com grandes gritos, e dando muitos saltcs de uma parte para a outra, a que acodimos logo esses poucos que estavamos, bem fracos, e debilitados, sem que eu consentisse que se fizesse tiro algum, senão quando lhe tivessemos as espingardas nas barrigas, porque ainda que recebessemos alguma zagaiada se lhe matassemos um par delles nos respeitariam mais; mas a gente, como mal diciplinada, sofria mal esta ordem, que a experiencia me havia ensinado quando melitei na India com gente de mais razão do que esta era, e esperando primeiro conhecer o damno que lhe faziamos com nossas armas, e segundo elle nos cometiam mais ou menos. E vendo uma das sentinelas, que ficava da parte donde elles vinham, que não chegavam mais para avante, e que estavam de nós mais de menos de tiro de espingarda, levado de brio largou o lugar em que estava, e se foi caminhando para elles, eu o reprendi com palavras, e lhe dei de espaldeiradas tornando-o recolher a seu posto, conhecendo do intento dos barbaros, que não pretendiam mais que sairmos-lhe á praia, que como elles eram ligeirissimos facilmente nos desbaratariam. E estando assim quasi duas horas sem se querer chegar mais para diante, nem nós largarmos as costas do mato, donde em outros que estavam perto deste estavam embuscados muitos alarves, dando-nos sempre grandissimas coqueadas, vieram a declarar seu intento, aprovando o meu, porque se espalharam, e nos cercaram em roda vindo muitos pelas costas, que era mato mui fechado, e por uma serra abaixo por onde andavam tão livres, e soltos, como em campo razo, e quebrando o mato para poderem passar se vieram pôr em riba de uma ribanceira que nos fazia costas, e dahi nos atiravam com gran-

dissimos penedos, e torrões acertando a muitos nas cabeças até dos que estavam deitados por falta de saude, pelo que nos foi necessario apagar o fogo, para que com a sombra da noite ficassemos mais encubertos, e não nos acertassem tanto.

Este assalto sentimos notavelmente, porque como não havia vinte e quatro horas que estavamos em terra, e ainda mal enxutos da agoa do mar, e mui consumidos do frio, e da fome, com a gente mais bem disposta, e com mais armas dividida, a qual por minha ordem havia ido pela manhã a donde a nao encalhara, esperando que viesse á noite, e como me faltava não deixava de me dar grão molestia, assim para me ajudarem, como por saber o que lhe havia acontecido. Com tudo tratando de nossa defensa com a gente que tinha me deixei estar com as sentinelas nos mesmos postos, que eram na boca do mato da banda de fóra, donde se descobria a terra que me era necessaria, repartindo outra gente por onde elles vinham, quebrando os paos para se meterem comnosco, que ainda que pouca estava com bom animo, e puz emcima de duas arvores duas pessoas com seus mosquetes, e a outra bem junto ao mato com pistolas, e espingardas, dando lhe ordem que não disparassem, senão tendo-lhes as bocas nos peitos: eu corria todos os postos, porque não fiava a vigia de outrem; os alarves que continuavam com as pedradas para nos inquietarem, depois do fogo apagado acertaram menos, e chegando-se bem perto um marinheiro a que chamavam Vicente de Souza, e era o que estava emcima das arvores, nos estreou com um bom tiro, com que logo deu no chão com um alarve; nós então demos uma carga pequena, mas bastante, porque todos empregavam as balas, maiormente um castelhano, por nome Manoel Moreno, com que os ne-

gros afrouxaram alguma cousa, mas não que nos deixassem sossegar em toda a noite.

Como a nossa gente era pouca, e não tinha com quem mudar as postas, estavam todos bem cortados do frio, mas assim passamos até a madrugada, ajudando-nos o padre Jeronymo Lobo, e o padre Frei Antonio capellão animosamente, e com alguma gente que não estava para outra cousa, a enterrar uma fateixa que havia escapado do batel, em quanto de madrugada determinava de marchar para onde estava a nao, onde tinha mandado a outra gente, de que até então não tinha recado do que havia acontecido.

O padre Jeronymo Lobo, como bem experimentado em trabalhos semelhantes quasi a estes no Prestes João, onde havia estado muitos annos, nos era grande caminheiro, e servia de grande alivio, posto que todos julgavamos, que por aquellas brenhas, e praias desertas, não podiamos sustentar a vida oito dias mais ou menos, pois os perigos eram tão continuos, e a falta de tudo tão grande.

Tanto que a manhã veio rompendo nos mudamos daquelle lugar, levando revezadamente ás costas um barril de polvora, com que mal podiamos; indo diante a gente mais fraca, e debilitada, e detrás com as armas nas mãos os que para isso prestaram, e como a praia era em partes de area solta, e em outras coalhada de muitos seixos, não podiamos marchar bem, mormente quem levava pezo, e assim nos conveio enterrar a polvora no espesso de um mato, parecendo-nos que ninguem nos via para a virmos buscar ao diante, o que depois fizemos, e achamos que no la tinham os alarves levado, que devia de servir-lhe de bem pouco.

Os negros como nos viram largar o sitio vieram até cem homens, e se meteram no mato aonde haviamos alo-

jado, a roubar o que presumiam lhes ficava, e assim nos não seguiram, que fora grande damno, porque com excessivo trabalho; e todcs feitos pedaços, subimos uma serra até chegarmos aonde tivemos vista da nao, e de alguma gente que já andava em terra, que logo nos veio demandar com muita alegria, porque o balão já ia, e vinha á nao com mais confiança por se haver achado o canal do rio, que alguns tinham atravessado a nado, e nos trouxeram alguma cousa de comer, a que o gosto presente nos fazia perder a vontade, que tal é muitas vezes o effeito de um contentamento grande, que faz esquecer até dos meios de sustentar a vida.

Passando á outra banda do rio com toda a gente, e desembarcando os que estavam na nao, uns em jangadas, outrcs no balão, começamos a tirar algum mantimento, e a fazer choupanas de paos, e palha, de que a terra é bem provida, formando um arraial, resguardado pela parte de terra com sua defensão, .que nos cercava em roda, feita com paos postos encima de algumas pipas que sahiram á praia, tapando por baixo com espinhos, que era o que por então o tempo nos permitia. Reparti a gente em tres esquadras para se vigiar de noite, o que sempre se fazia com as armas na mão, situando o corpo de guarda no meio do arraial, donde recolhiamos o mantimento que se tirava da nao, e mandei pôr um sino, que a badaladas repartidas pelos quartos mostrava que as postas estavam espertas gritando umas ás outras em alta voz: alerta o da vigia, começandooque guardava as armas, a que todos respondiam, ficando eu satisfeito que se vigiava a toda a hora, e os alarves advertidos tambem de que não dormiamos, pelo que vindo de noite algumas vezes nunca nos ousaram de acometer vendo o nosso cuidado.

O balão tinha um pouco apartado de nós, mas se-

guro de se nos quebrar na costa, porque estava no rio abrigado dos temporaes, tão ordinarios nesta costa, com tanto excesso aos das outras, que muitas vezes arrebentava o mar tão furioso, que nos parecia que havia armadas fora que se desfaziam com artelharia; tal era o estrondo naquellas ondas.

Dentro no balão dormiam grumetes com seus mosquetes, e uma noite vindo os negros para lhe cortarem o cabo que tinha em terra, sendo sentidos lhe tiraram duas mosquetadas, que no arraial nos inquietaram muito, e pondo a gente em arma, lhe dei ordem que em nenhuma maneira largassem seus postos, antes delles se defendessem, em caso que fossem cometidos; e tomando eu dez homens, fui acodir ao balão, cuja gente se animou muito em ver o cuidado com que eu assistia a todos estes perigos, sendo o primeiro que me offerecia a passa-los,; os negros se meteram no mato, e assim servi eu só de animar aos do balão, encomendando-lhe a boa vigia, e me recolhi mui trespassado do grande frio.

Com mais algum descanço comecei a considerar o sitio da terra, os grandes arvoredos, e me resolvi comigo a fazer a embarcação com a commodidade do rio, dandò-nos Deos vida, e este meu intento não quiz então descobrir nunca a pessoa alguma, mas fundando-me nesta tenção fiz diligencia, com que pouco a pouco se fossem pondo em terra alguns fardos de arroz, e alguns barris de pão, de peixe, e de carne, ainda que disto mui pouco, e tudo com grande perigo, e trabalho, pelo grosso mar que sempre andava, que muitas vezes passaram tres dias que não havia lugar de ir á nao aonde sempre estava gente, porque lá comiam mais á sua vontade, posto que as noites lho descontavam com o temor grande que tinham, assim pelo muito mar que vinha quebrar na nao, como pelo

muito que rangia, porque se não sustentava mais que na fortaleza dos vaos, os quaes eram sómente os que a obrigavam a que senão espedaçasse de todo, porque o mar enchia, e vazava nella como em uma canastra rota, de modo que o que ficava debaixo das cubertas de maré cheia estava tudo na agoa.

Nos primeiros dias fui eu á nao a buscar as vias de Sua Magestade que trouxe a este reino; e logo a polvora, balas, e corda, e as mais armas que já tinha embarrilado, como atrás digo, o que fiz com notavel perigo, porque nos teve o mar sosobrado o balão, e não havia quem lá quizesse ir, se eu não fora, chamando para este effeito os marinheiros mais fortes para melhor remarem.

Tambem já tinha posto em terra toda a pedraria, ambar, almiscar, e pedras bazares, aljofar, que os officiaes tinham em seu poder, a quem dei ordem para o desembarcarem, e terem comsigo, até o mandar registar, e elles mesmos o entregaram em Angola quando lá se depositou por ordem do governador, e da junta da fazenda daquelle reino, como ao diante se dirá mais por extenso.

E continuando nestes primeiros dias com esta desembarcação, que só algumas manhãs nos permitia o tempo, fomos ajuntando em terra todo qnanto arroz nos foi possivel, que veio a ser seiscentos e quarenta fardos, que ainda que molhado, um comiamos logo, e o mais enxugavamos, para o que fizemos uma tercena, onde se recolhia, tendo-o todo á sua conta o padre Jeronymo Lobo para o repartir avizando-me do que era necessario.

A' praia vinham alguns barris, em que se tinha metido assim roupa como peças, mas como da nao se deitava ao mar á discrição das ondas a maior parte disto, se a maré vazava, ia ter a outras praias don-

de se enchiam de ricas cousas, posto que tudo podre, e molhado, e de nenhuma se aproveitavam aquelles alarves, senão só de quatro pregos se os achavam, o que eu lhe defendia como se foram diamantes, em razão de que se elles se abastassem disto com difficuldade nos resgatariam cousa alguma, que era o em que eu mais estribava, posto que até então não tinham communicação comnosco, mais que alguns miseraveis que vinham mariscar aos mexilhões, a quem não faziamos damno.

Tudo isto succedeo até dez de Julho, em que eu já tinha declarado o meu intento de fazer embarcação, que pela falta que havia de carpinteiros lhe parecia a todos impossivel, e fallavam em marchar, movendo-os a isto, aparecer a caso entre elles o tratado da nao S. João que traziam de rancho em rancho, do que eu me não dava por sabedor, ainda que os não deixava de contràdizer um marinheiro dos que alli havia, por nome João Ribeiro de Lucena, que foi um dos que escaparam daquella miseravel perdição, o qual como experimentado, além de elle ser homem de boa razão, lhe propunha as grandes difficuldades que havia em caminhar por terra; com tudo havia tantas alterações, que eu mandei lançar um bando, que toda a pessoa que quizesse marchar viesse dizer-mo, que eu lhe daria resgate para o caminho, porque a mim me seria mais facil fazer uma embarcação que duas, e haveria mister menos mantimento.

Este lanço uzei para conhecer os animos de todos (que depois me pezou bem, porque descobri religiosos que seguiam esta facção) tratando já mais de conservar a amisade de um marinheiro, que a de seu capitão, e amigo; e isto andava assim tão revolto, que os que queriam caminhar andavam fazendo gente, e ainda aquella que eu sabia que estava com animo de me

acompanhar sempre, se deixava persuadir, e até os que eu tinha escolhido para a obra que determinava fazer de embarcação, por lhe achar mais geito para cortar com um machado.

Estando uma manhã na praia com alguma gente, esperando o balão que sempre vinha com muito perigo, e por baixo do mar, e ao chegar a terra se metia a gente na agoa até os peitos, uns a telo mão, que não se fizesse em pedaços na praia, outros a desembarcar o arroz, se vieram os que queriam marchar a mim mui cortezes, e me deram um rol, representando-me que o haviam feito pelo bando que eu havia mandado deitar, o qual me entregavam para que eu ordenasse o que melhor fosse para salvação de todos, recolhendo eu o papel lhes disse, que o não queria ler, mas sómente saber se queriam correr a fortuna, que me esperava, pois até aquelle tempo todos a haviamos passado, e que de crer era que eu que não tinha mais certeza da vida que cada um delles, e que assim devia de trabalhar, porque todos nos salvassemos, mórmente que elles excediam o modo que eu lhes concedia em fazerem gente, porque me desemquietavam até os homens que eu tinha escolhido para me ajudarem na obra dos navios, ainda que aquelle bando só o deitára para conhecer os animos, e brios com que elles estavam, e não para que desejasse aparta-los de mim, porque estimava muito aquella acção, de mais que os velhos, e doentes que havia, nem podiam marchar com elles, nem a mim ajudar-me. Todos me responderam com grande obediencia, e mostras de muito amor, que a mim só conheciam por seu capitão para me acompanharem sempre, e para me obedecerem, e que só não haviam de reconhecer aos officiaes da nao mais que a minha pessoa, que sómente os havia de mandar, a que disse, que como já não havia náo não havia

officiaes para os mandarem, mas que todavia lhes deviam respeito como mais velhos, mais experimentados e como a pessoas que os haviam governado, e lhes disse tambem, que a nossa perdição se havia de differençar das outras em tudo, porque entre nós não havia de haver senão muita conformidade, e amizade, para que assim nos fizesse nosso Senhor mercê, e que se tratassemos de outra cousa todos nos perderiamos, comendonos, e matando-nos uns aos outros, que eu da minha parte lhes prometia não haver morte alguma, antes os ajudaria como até então tinham visto, sendo o primeiro que me arriscava aos perigos, que os trabalhos todos os passavamos igualmente, sem me differençar delles em cousa alguma.

Nesta conformidade ficamos todos quietos, e eu resoluto na minha obra, comunicando com o mestre como homem de tanta experiencia, o modo de navios que devia fabricar com mais officiaes, e com Manoel Fernandes em que acima falo, que já andava melhorado da cahida que fez pela escotilha da nao, em que eu tinha todas minhas esperanças, pois só elle era o carpinteiro que nos havia ajudado, e ao presente com animo se deliberava ao fazer, nos fomos todos a uma praia de area, e nella fizemos a fórma dos navios, a modo de barcos sevilhanos de sessenta palmos de quilha, dez de roda á proa, nove de pontal, e vinte de boca, e feitas de taboas as fórmas das cavernas mestras, em um sabbado vinte de Julho fomos a um mato, e em nome de nossa Senhora da Natividade benzemos as arvores, fazendo-lhe todos voto de que se nos trouxesse a salvamento a qualquer porto da outra banda do Cabo de Boa Esperança, de lhe vendermos o navio, e o procedido delle traze-lo a este reino para as freiras de Santa Martha aonde está a sua imagem, e com isto fui eu o primeiro que com um machado cortei na

arvore, e logo os mais que a puzeram no chão, começando esta obra, impossivel a todos, com só tres machados de serviço, uma serra, e dous carpinteiros, convem a saber, Manoel Fernandes que o era excellente, e um grumete do carpinteiro da viagem da nao, que apenas sabia deitar uma linha; mas com bom animo, e grande confiança em nossa Senhora escolhemos um pao seco, que havia sahido á praia da nao, e junto ao rio em lugar conveniente, e desviado donde então tinhamos o arraial, armamos a quilha, e depois de posta sobre os picadeiros todos descalços, viemos em procissão desde o arraial, rezando as ladainhas de nossa Senhora, e benzendo-a o padre capelão lhe puzemos por nome Nossa Senhora da Natividade, sendo este acto celebrado com muita devoção, e lagrimas.

Tratei logo de me mudar donde estava para onde se faziam os navios, onde mandei fazer casa para serraria, e tomei bastante lugar para as madeiras que cortavamos nos matos, fazendo uma ribeira como a das naos deste reino, cujo campo me custou muito trabalho álimpar, cortando, e queimando muitas arvores para que nos não ficassem matos entre nós, em que se emboscassem os negros, elegi lugar para minha morada em um pequeno monte, de que todos fugiram por haverem visto nelle algumas cobras, ficando a ribeira defronte, e nas costas o rio, tudo isto consegui com os escravos que havia, ajudando-me tal vez algum grumete.

E porque o mais essencial nos faltava, que era lugar em que se celebrasse o culto divino, o padre Jeronymo Lobo tomou á sua conta o fazer da igreja, para o que escolhemos o melhor lugar que a elle lhe pareceo, e dando-lhe os marinheiros que mostravam mais devoção, tendo cortado paos bastantes fabricou uma igreja muito bem feita.

E trás disto mandei tambem fazer uma casa, a que chamavamos Bengaçal, que é nome da India, aonde se recolhe o mantimento, e se fazia o corpo de guarda, por ser no meio do arraial, onde debaixo de chave que tinha o padre Jeronymo Lobo se recolhia todo o que tinhamos, e por sua mão se comia, e assim foram em ranchos fazendo cada um sua palhota onde melhor lhe pareceo, mas dentro no limite que lhe sinalei.

Mandei juntamente fazer casas para se serrar, e lançar as madeiras, defendidas do sol, e da chuva, e posto tudo neste estado advertimos, que nos faltava os folles para a ferraria, e que sem elles era impossivel seguir a obra principiada, o que não deixou de me molestar, mas como nada occulta a industria de homens necessitados, e principalmente illustrados por Deos, por quem esta obra foi guiada, engenhamos umas das taboas do fundo de um caixão de angelim, as pelles de um couro do sinde, e os canos de dous mosquetes que se cortáram, a bigorna para se malhar traçamos de um garlindeo metido no chão, com o pé para cima, que ficou perfeitissimo, e fizemos alcarevis, tenazes as que foram necessarias, e martelos pequenos, que para grandes nos serviamos de quatro marrões que haviamos tirado da nao.

E porque a gente ainda neste tempo trabalhava como se acertava, para maior comodidade, e menos confusão fiz que se repartissem, escolhendo o carpinteiro quatro pessoas para o ajudarem na obra dos navios, o guardião oito para cortar, e a tirar as arvores, que o carpinteiro da viagem apontava, e para braços, cavernas, enchimentos, e taboado, que só para isto servia, e outros para as arrastarem para fóra, que ás vezes era de muito longe, outros para as desbastarem, porque ficassem mais leves para se trazerem para a ribei-

ra dos navios, outros serravam taboado, para o que tinhamos feito um cavallo, e outros andavam no balão, que sempre era necessario, porque um dia si, outro não ia buscar agoa a uma fonte que descobrimos no meio do rio ao pé da serra da banda do mar, sem a qual nos não podiamos sustentar, porque a agoa que havia de uma legoa era mui peçonhenta, por beberem nella todo o genero de feras, que havia naquelles matos, e se a continuaramos ouveramos de perecer. Esta gente a que se occupava em uma cousa não tinha obrigação de acodir a outra, e os da ribeira só trabalhavam sempre aturadamente desde amanhecer até bem tarde, por lhe não faltar nunca obra; o mestre, piloto Manoel Netó, e Domingos Lopes passageiros, tambem muito bons pilotos, ajudavam na ribeira a sobir e a ter mão nas madeiras para as lavrarem, e por sua curiosidade vinham alguns tambem a faze-lo. Quando escolhi este lugar para esta fabrica todo o achamos seguido de pisadas de cavallos marinhos, de bufaros, e de outras feras, mas com a continuação de gente veio a estar tudo tão limpo como o Terreiro do Paço desta cidade. Aos officiaes que achei entre nós de alfaiates, e sapateiros destinei para que não entendessem em outra cousa, e assim uns faziam só vestidos, e os outros só alparcas das pelles dos fardos, com que nos remediavamos para a frialdade do clima, e para a aspereza da terra.

Tudo assim disposto fomos continuando a nossa obra ao principio muito vagarosa; porque a todos havia parecido impossivel fazer dous navios em tão breve tempo, dando por razão, que neste reino quando se começava a fazer uma barca de carreira com os carpinteiros, e materiaes necessarios, que armando-se em um verão sempre acabavam no outro, e que tambem tinham por impossivel o poderem os navios sa-

hir pela barra, assim pelas muitas voltas que haviam de dar, como porque correndo a agoa mui teza era força encalhar nos baixos que de todas as partes havia, e quando isto se vencesse com dobrar o cabo em embarcações tão pequenas, e tão carregadas de gente, que não é o melhor lastro, porque toda vae em boca, parecia perigo certo, mas confiando eu em nossa Senhora fiz que por tudo se atropelasse, porque se nos désse depois maiores louvores vencendo os trabalhos qne não venceo a nao S. João, que deixou de fazer embarcações por recear que as não pudesse botar ao mar em razão dos muitos baixos, e grandes resacas, e se expôr ás grandes miserias de caminhar por terras de alarves, que os curiosos poderão ver no seu naufragio, e julgar quão foi melhor discurso.

Depois de haver estado em terra quinze dias, por investigar melhor os contornos daquella em que nos puzera nossa fortuna, me meti no balão com doze homens com suas espingardas, e me fui pelo rio acima, para descobrir se havia algum gado; porque em caso que no lo não quizessem resgatar o tomassemos para nos sustentarmos, pois não tinhamos carne salgada de consideração, e juntamente, porque tinha vindo a vernos um negro com um novilho, e não o quiz resgatar, supposto que lhe davamos duas manilhas de latão por elle, que como tinhamos sómente seis, e era nos primeiros dias não quiz alargar-me a mais, por não pôr o resgate em preço de cousas que não possuiamos, e indo quasi tres legoas pelo rio acima, que todo é mui limpo, e mui aprazivel, vimos que já alli corria agoa doce; muitas povoações, e ao longo delle varias sementes de milho, abobaras, e feijões, e fomos tambem vendo muita quantidade de gado vacum, dividido pelos montes, o qual como nos divizavam iam logo recolhendo para dentro do certão; nós que leva-

vamos prégos, os demos a alguns negros que chamamos, e por entre o mato nos seguiam ao longo da agoa, a que mal entendiamos, porque o nosso lingoa, que era outro negro de Moçambique, só algumas palavras lhe entendia, e assim sem concluir resgate de vacas, nem de milho, nos voltamos traçando mandar gente de madrugada, ou á noite a embosca-la no mato, e tomarmos-lhe cem vacas, ou as que pudessemos, e pagar-lhas se quizessem, e recolhermos com esta preza, ainda que a pouca noticia que tinhamos da terra nos representava algumas difficuldades, que eu estava resoluto atropelar por matarmos a fome, e vindonos recolhendo já á boca da noite para o arraial, achámos defronte delle da outra banda do rio, um Rei negro, acompanhado de sua gente, e com sete vacas fermosissimas para nos resgatar, que como nosso Senhor se quiz lembrar de nossas miserias foi servido de que chegassem as novas, que estavam portuguezes naquellas praias, a um cabra, em que falla no seu Itenerario Francisco Vaz de Almada, o qual se havia perdido na nao S. Alberto havia mais de quarenta annos, que foi no naufragio de Nuno Velho Pereira; este sendo menino se ficou naquelles matos, e pelo discurso do tempo se veio a casar, e estava muito rico, e tinha tres mulheres, e muitos filhos, e sabendo que alli estavamos nos começou á creditar com aquelles alarves, dizendo, que além de sermos gente muito valerosa eramos seus parentes, que nos trouxessem muitas vacas, porque tinhamos grandes riquezas, e tudo lhe haviamos de comprar bem, e vindo elle com este Rei, começou a gritar, portuguezes, portuguezes, e como estavamos longe entendemos que era algum portuguez que ficára alli de algumas perdições passadas; com grande alvoroço cheguei com o balão aonde elles estavam, e o cabra com palavras mal distintas em nossa

lingoa se explicava como podia, e assim a troncos lhe entendi algumas cousas, e vindo o Rei dentro ao balão a ver-me, a sua gente me furtou um copo de prata, que achando-se menos me queixei ao Rei dizendo-lhe que extranhava muito, que vindo-me elle buscar, e a solicitar nossa amizade me furtasse a sua gente o que eu tinha, porque já agora mal podia eu fiar-me delles, com o que logo entre si pelejáram, e depois de muitas gritas appareceo o copo; e porque a noite era já serrada os deixei no mesmo lugar além do rio, e me recolhi para a nossa estancia, mandando-lhe cozer arroz, e um pouco de melaço que se achou no fundo de um boyão, e lho enviei, com que fizeram grandes extremos, porque o Rei enchia a palma da mão delle, em que um untava um dedo, e logo vinha outro, e tocava outro dedo, no que havia tido o doce, e deste modo corriam todos, e chupavam os dedos fazendo grande espanto de cousa tão saborosa.

Ao outro dia pela manhã mandei o balão para que elles passassem á outra parte a ver o nosso arraial, e as nossas riquezas, e assim os obrigar melhor a que nos facilitassem resgate com a sua cobiça, o que o Rei fez com muita authoridade, calçando logo as alparcas que trazia na mão com grande sizo, e com o rosto muito inteiro; eu mandei tomar as armas, mas não quizeram que os salvassemos com a mosquetaria, e assim lhe mostrei miudamente a nossa estancia, e a casa dos mantimentos, aonde sentando-se lhe lancei ao pescoço, na sua estimação, uma joia muito rica, que constava de uma campainha que o padre Jeronymo Lobo tinha prestes com um cordão de retrós, e assim lhe dei mais um pedaço de latão; e festejando o Rei negro nesta fórma, voltei com elle, e fomos á outra banda com nossas armas, a resgatar as vacas, que foram as primeiras que tivemos, mas logo dentro de

Por entre todo este trabalho nunca os padres religiosos se descuidaram de celebrar as festas dos Santos, antes não passou nenhuma, em que armando a igreja com muitas flores não houvesse missa, pregação, muitas confissões, e communhões, para o que vindo a faltar-nos hostias se fez um ferro muito bem feito, e em varias partes se puzeram muitas cruzes, onde feitos altares se lhe ordenavam festas, em que se dava premios a quem melhor os armasse, como direi ao diante, entendendo pelas mercês que recebiamos de Deus nosso Senhor, que aceitava muito os sacrificios que lhe faziamos naquellas terras tão barbaras, pois sempre foi servido de nos dar precisamente tudo o de que necessitavamos, parecendo-nos muitas vezes, que em nenhuma maneira algumas cousas se podiam fazer, sem alcançar, e as alcançavamos todas, recorrendo a sua infinita misericordia.

Com a communicação de Antonio, aquelle cafre que se dava por nosso amigo, se nos foram facilitando as cousas muito, porque vendo os demais negros, que todas as vezes que vinha sempre levava, ou cobre, ou alguma cousa de comer; desejavam muitos a nossa amizade, e assim começáram a visitar-me vindo em sua companhia, e com vacas para resgatar, e vinham pessoas de mais conta que sempre traziam mais cafres, ao entrar, e render dos quartos de vigia, lhe mandava disparar os mosquetes, com que nos viemos a fazer tão respeitados como nos convinha para nossa segurança, e assim já mandava dez, e doze homens com espingardas oito, e dez legoas a resgatar gado, do que Antonio se veio a resentir, porque nisto perdia o que furtava quando o ia fazer, ainda que já estava bem aproveitado, mas com tudo tratou de atalhar este modo de resgatar, metendo em cabeça aos negros que nos não dessem gado, nem leite, porque

gão, para alguma cousa, ou que ficando algum bico de vella por esquecimento, que com a pressa de embarcar ninguem olhava mais que para as ondas que arrebentavam no costado, com que sempre se ia, e vinha com muito risco, foi ou a vella consumindo-se, ou a braza ateando-se nas madeiras breadas, de sorte que chegando ao quarto da madorra gritaram as vigias, fogo na nao, e como ventava muito fez logo um incendio tão grande, que não só começou a artelharia a disparar, mas em breve tempo ardeo até o lume dagoa, e é tal a providencia de Deos, que a não ser este successo, mal poderiamos fabricar os navios, porque doutro modo nunca poderiamos tirar prégo algum, a respeito de que a nao estava já quasi toda deitada, e em nenhuma maneira se podia cortar cousa de que nos aproveitassemos, e com este incendio vieram muitos quarteis a terra, que supposto que nos custaram grande trabalho a queimar, e a desmanchar, traziam em si muita pregadura, que concertada na ferraria nos servio.

Alojados pois no arraial novo se começou a trabalhar com muita preça, tendo posto até quinze de Agosto as cavernas mestras, o coral de proa, e cinco cavernas mais no navio nossa Senhora da Natividade; mandei armar outro, a quem puz nome Nossa Senhora da Boa Viagem, porque já a gente tinha mais modo no cortar que ao principio, ensinando-os o trabalho continuo, de maneira, que em Angola ficaram muitos ganhando o seu jornal como qualquer carpinteiro: neste ultimo navio mandei que se trabalhasse com mais frequencia [illegible] desterrar algumas suspeitas de quem imagina[illegible] navio só para meus apaniguados, e [illegible] naquelles matos, que não é m[illegible] sa a malicia dos homens

Por entre todo este trabalho nunca os padres religiosos se descuidavam de celebrar as festas dos Santos, antes não passou nenhuma, em que armando a igreja com muitas flores não houvesse missa, prégação, muitas confissões, e comunhões, para o que vindo a faltar-nos hostias se fez um ferro muito bem feito, e em varias partes se puzeram muitas cruzes, onde feitos altares se lhe ordenavam festas, em que se dava premios a quem melhor os armasse, como direi ao diante, entendendo pelas mercês que recebiamos de Deos nosso Senhor, que aceitava muito os sacrificios que lhe faziamos naquellas terras tão barbaras, pois sempre foi servido de nos dar precizamente tudo o de que necessitavamos, parecendo-nos muitas vezes, que em nenhuma maneira algumas cousas se podiam fazer, nem alcançar, e as effeituavamos todas, recorrendo a sua infinita misericordia.

Com a communicação de Antonio, aquelle cabra que se dava por nosso amigo, se nos foram facilitando as cousas muito, porque vendo os demais negros, que todas as vezes que vinha sempre levava, ou cobre, ou alguma cousa de comer; desejavam muitos a nossa amizade, e assim começáram a visitar-me vindo em sua companhia, e com vacas para resgatar, e vinham pessoas de mais conta que sempre traziam mais cafres, ao entrar, e render dos quartos de vigia, lhe mandava disparar os mosquetes, com que nos viemos a fazer tão respeitados como nos convinha para nossa segurança, e assim já mandava dez, e doze homens com espingardas oito, e dez legoas a resgatar gado, do que Antonio se veio a resentir, porque nisto perdia o que furtava quando o ia fazer, ainda que já estava bem aproveitado, mas com tudo tratou de atalhar este modo de resgatar, metendo em cabeça aos negros que nos não dessem gado, nem leite, porque

não só lhe haviamos de enfeitiçar o que lhe ficasse, mas que lhe havia de morrer todo; mas estavamos nós já com tanto credito na terra, que se uns nos não queriam, outros nos rogavam, mórmente que tinhamos um cafre, que tambem havia vindo com Antonio, e perdido juntamente na nao S. João, que ainda que casado deixou a mulher, e a todos, e se veio para mim, que logo mandei vestir ao nosso modo, e se confessou por ser mui ladino, e nos servia com muita fidelidade; este nos descobria o que o cabra Antonio intentava fazer em nosso dano, por saber bem a lingoa da terra, e assim ainda que pouco a pouco se foi afastando de nós nos não fez nenhuma falta, além de que já tinhamos muito gado.

Succedeo, que vindo-me ver um Rei, a quem todos tinham em conta de homem belicoso, e valente (porque entre si esta gente todos trazem sempre guerra) e acompanhado de muita gente; estavam uns corvos na praia, a que mandei um marinheiro que fosse como a caso, e metesse uma mão chea de dados no mosquete, por não errar tiro, e matasae um corvo, os cafres puzeram logo o sentido nelle, e tomando ponto derribou um com dous pelouros, que por mais bizarria não quiz usar de dados, o que vendo os cafres ficáram assombrados, e se é que traziam alguma malicia a perderam, e tomando-o na mão olharam a ferida, metendo o dedo na boca, que é a seu modo de encarecer, e mostrando com outras acções, que antes nos queriam ter por amigos, do que ter-nos por contrarios, e vezinhos.

Passados alguns dias, em que este negro assistio com nosco, se nos afogou, querendo ir colher fruta á outra banda do rio, sem aparecer mais, por grandes diligencias que fiz, buscando-o não só por todos aquelles matos, mas até em sua propria casa, e nos disse-

ram uns alarves, qne tinham visto o corpo morto do negro na outra praia dalém do rio, o que sentimos muito, por nos ser mui fiel, e mui boa guia para tudo o que queriamos.

No principio em quanto não andamos com muita segurança desta gente, aconteceo, que vindo uns poucos á outra banda, onde estavam alguns paos que a maré tinha lançado na praia, os queimáram, e levá-ram os prégos, ainda que tratamos de lho impedir, e sendo da outra banda do rio, não era possivel acodir lá sempre; e uma manhã que estavam na praia uns grumetes, lhe tiraram desta parte algumas arcabuzadas, que uma dellas derribou logo um negro, e cahio entre umas pedras, o qual mandei logo que o fossem buscar, que estava gritando aos outros que lhe acodissem, porque o haviamos de comer, mas eu o tratei bem, curando-o de uma perna que tinha passada, e em poucos dias sarou da ferida, mas ficou coixo, porque se lhe quebrou a cana, e com uns poucos de pregos que lhe lancei ao pescoço o enviei para os seus, a fim de que publicasse aquelle beneficio, e nos acodissem com o que tivessem, porque assim o dissemos a este quando se foi, o qual nunca mais tornou, porque é gente mui desagradecida, e antes se quer tratada por mal, que por amor.

E viemos a ter tanta communicação, que pela opinião que de nós tinham me pediam, que lhes mandasse chover por lhes faltar agoa para as suas sementeiras, e vendo eu os ceos grossos, e baixos lhes disse, que até o outro dia choveria, e succedeo do mesmo modo, com que se confirmaram em que tinhamos poder para ordenar cousas semelhantes, e ainda outras maiores. E dahi a alguns dias mandando a minha gente a resgatar ás suas terras estava o tempo carregado, e porque se lhe não molhassem as armas disseram

a um Rei, que lhe désse uma casa onde se recolhessem aquella noite, por se não molharem, a que o alarve Rei respondeo, que pois nós mandavamos chover quando queriamos, que agora mandassemos tambem não chover para nos não molharmos, mas não faltou quem respondesse, que não era aquella causa muito urgente para semelhante mandamento, e assim tinhamos tanta opinião com elles, que outro Rei que havia muitos annos tinha uma fistola em uma perna se veio tambem a mim para que o curasse, prometendo-me muitas vacas se se sarasse, ao qual puz um pouco de azeite de coco, e dali a dous dias o mandei pôr da outra banda do rio para onde tinha sua morada, dizendo-lhe, que se dahi a tantas luas se não achasse são, tornasse, o que fiz por ser este o tempo em que nós esperavamos ter-nos nosso Senhor feito mercê de nos dar passagem pela barra fóra, ou havermos marchado pela terra dentro; com estas traças nos fomos sustentando o tempo desta nossa perigrinação, no qùal já tinhamos ajuntado nove barris de encenso, que achavamos pela praia, e que todo se recolheo em casas particulares que tinhamos separadas para cada cousa, de maneira, que a polvora tinhamos em uma, a enxarcea, que eram pedaços de cabo, em outra, e os mantimentos em outra, tudo bem cuberto, por se não molhar.

E assim nos animava muito ver (que supposto que trabalhavamos com grande cuidado) crecia a obra de modo que julgavamos, que mais que mãos de homens assistiam nella, ainda que não faltavam difficuldades, que todas se venciam com minha presença, sempre continua em todas as partes em que se trabalhava; que ainda que importava a todos tudo era necessario, porque até aqui gastavam alguns o tempo em pleitos sobre algum godorim molhado, ou cousa semelhante,

porque qualquer, em tanta necessidade, julgavam por de grande valia, no que me molestavam, porque desejando de os ter contentes a todos, sentia tirar de uns para dar a outros, e queria governa-los sempre com a quietação, e amor com que o ia fazendo, mas muitas vezes os não podia acomodar sem uzar de algum rigor, para o que tinha um tronco de pao em que tambem metia os que faltavam a seu trabalho, tirando-lhe a ração quotidiana, e andava tudo tão a ponto, temerosos de que eu passasse avante no castigo, que ninguem se empenhava em cousa de consideração.

Em uma tarde de Novembro, em que eu havia ido á outra banda do rio a descobrir umas praias por me dizerem que era melhor sitio, que o em que estava, veio um negro avizar ao mestre, que vira tres cavallos marinhos deitados em um mato, e acodindo elle lá com a gente toda com seus mosquetes, e lanças, vieram estes animaes tomando o caminho para outro riacho que nos ficava a um lado, e dous delles puderam passar por entre muitas ballas, e o mesmo era darem-lhe, que em uma muralha, mas uma que acertou entre a junta ao longo da espadoa' fez que um delles cahisse, onde o acabaram de matar. E' este animal mais grosso do corpo, que tres grandes touros, com os pés, e mãos mui curtos, em tanto, que os alarves fazem covas nos caminhos por onde costumam andar, e as cobrem por cima sutilmente, e como algum cae com pés, ou com mãos, se não pode mais sahir, e alli os matam para os comerem como nós, que nos souberam a mui bons capões sevados ; a pelle é tão dura, que um pelouro de mosquete a não passa, antes cae amassada no chão, mas pela barriga é mais delgada, tem todos uma estrella branca na testa, as orelhas pequenas, e como de cavallo, a cabeça mui disforme, por-

que tem uma boca grandissima, com uns beiços virados para fóra, que deve de pezar cada um mais de arroba, e vão comer ao mato como qualquer outra féra; e com este monstro entretivemos aquella tarde, e ao outro dia nos deu trabalho em o mandar deitar em outra praia distante daquella, pela má vizinhança, e roim cheiro que causava, de mais de que tambem como esperavamos hospedes, determinava agazalha-los com tão boa iguaria, e assim não tardaram muito, nem nós em festeja-los, offerecendo-lha, de que elles comeram com natural gosto, roendo os couros, e puchando por elles, de que tambem fizeram tassalhos que levaram comsigo.

Os padres faziam as festas dos Santos cujas regras professavam, como em dia de S. Francisco o padre Frei Antonio capellão, e o padre Frei Francisco Capucho armando mui bem a igreja, ajudando eu no que era necessario, e o padre Jeronymo Lobo, por eu ser mui devoto de S. Francisco Xavier, ordenou que festejassemos o seu dia com muita ventagem, para o que muito de antemão se estudou uma comedia, e muitos entremezes, e fiz uma praça fechada, para na sua vespora corrermos touros, o que tudo se fez bem, e no seu dia á tarde houve muitos emblemas, e inigmas, com premios que se deram a quem os explicou, com o que se alegravam todos notavelmente, e assim era necessario para se animarem os que estavam expostos a passar tantos trabalhos.

Tendo já o navio de Nossa Senhora da Natividade calafetado, e forrado, e breado por fóra com beijoim, e encenso, ordenei deita-lo ao mar antes do Natal, para nas outras agoas, que eram a oito, ou dez de Janeiro, lançar o outro, como tudo se fez, estando isto á conta do mestre Miguel Jorge, que tudo dispoz muito bem, e com grande acordo, e com fabricas de mui-

tos aparelhos metidos de baixamar na borda do rio onde laboravam os cabos que estavam atados nos outros que puchavam pelos cachorros sobre que vinham a ser como a envazadura, com que neste reino se deitam as naos ao mar, encebando a grande com o cebo das vacas, do que estavamos muito bem providos.

Postos os navios no rio ambos até dez dias do mez de Janeiro, o mestre Miguel Jorge lhe meteo dentro o lastro conveniente, e para os emmastrear os chegou para debaixo de umas penhas, que nos serviram de cabria, onde receberam os mastros com tanta ordem, e tanto em sua conta, como se fora no rio de Lisboa, com toda a maquina que se requere.

Antes disto já tinha mandado fazer estopa dos pedaços dos cabos das arrotaduras dos mastros da nao, e ordenando uma cordoaria, o mestre fazia os cabos que havia mister de mais, ou de menos fios, havendo guardado uns pedaços da drissa da proa, que destrocidos nos servio para amarras.

Tambem ordenamos ancoras de pao, a que na India chamam chinas, quatro para cada navio, com o que emmastreado, e de todo aparelhado o navio Nossa Senhora da Natividade, o levamos á outra banda do rio á sombra de uma serra amarrando-o em terra ás arvores, e no rio com as fateixas de pao, pelo assegurarmos das grandes correntes que alli ha em agoas vivas, em tanto que se concertava o outro de mastros; e repartida a gente que havia de ir em cada qual delles, foram acodindo á sua embarcação para a aprestarem, e posto que havia nomeado para mestre do outro a um marinheiro por nome Antonio Alvares, o mestre da nao Miguel Jorge encaminhava tudo, porque só de sua experiencia se podiam fiar semelhantes cousas.

O tanoeiro ajuntando muito de antemão todas as

aduellas que achavamos pelas praias, tinha feito pipas, quartos, e barris, entre todos vinte e sete peças para cada navio, fóra as de que nos serviamos para bebermos de ordinario, e vimes que achamos nos matos se fizeram arcos, remediando-nos tambem com os velhos, o que tudo se encheo de agoa quando partimos, e ainda nos não bastou, porque como era louça velha, entrecozida do sol, e da agoa salgada muito se foi com haver estado muitos dias de antes chea de agoa salgada ao longo da praia, que nenhuma das cousas que se fazem neste reino para a viagem da India nos faltou que se não fizesse, que no que eu me não lembrava supria o acordo dos bons officiaes, e mais companheiros que comigo tinha.

Neste tempo, que pouco mais ou menos seriam meados de Janeiro, succedeo, que indo umas negras da India a um rio a se lavarem, que ficava junto de um mato, vieram dentre elles dous alarves, e como as viram sós por lhe tomarem um pucaro de cobre, que uma dellas tinha na mão, e por defende-lo recebeo uma grande ferida na cabeça, e acodindo a demais gente, senão pôde tomar por então nenhuma satisfação, porque logo fogiram, e se embrenháram ; e porque um negro meu me havia fogido pela terra dentro, onde esteve quasi dous mezes recolhido em casa de um Rei que nos ficava perto de nós, da mesma parte do rio, e eu havia mandado fazer diligencia para saber se havia aparecido, e aqui neste mesmo lugar me haviam furtado outro caldeirão a uns negros fogidos, que já todos assim o meu, como os outros, acossados da fome se haviam vindo para nós, mandei dez homens com suas espingardas a pedirem satisfação destes furtos, e para verem se tambem estava já o milho maduro, para o tomarmos por força, ou resgatarmos por vontade para nossa viagem, porque tudo era necessa-

rio, e o Rei alarve como se vio convencido dos furtos que a sua gente havia feito dizia ao lingoa, que os nossos levavam (que tamhem era outro alarve que nos servia) que daria algumas vacas, o que não concluia, antes se vinham ajuntando muitos cafres, que elle mandava chamar com dissimulação, o que vendo um marinheiro, a quem chamavam Manoel de Andrade, se veio recolhendo com os mais, e levantando o cão da espingarda matou logo o Rei, ao que acodiram os seus ás azagaiadas, e em boa ordem se vieram retirando quasi uma legoa, em que matáram mais alguns, e entre elles um negro de tanta conta, que ficando pasmados não passaram mais avante, com intento de lhe virem tomar o passo de um rio, que era o caminho para o nosso arraial, e havendo de sobir uma ladeira muito estreita, e ingreme, lhe largáram de cima muitas e grandes pedras, com que os houveram de fazer em pedaços, mas tendo elles lugar de se tornarem a pôr no largo, por não estarem mui empenhados na ladeira, tomaram alguns outro caminho que os alarves não viram, senão quando estiveram junto delles, e logo fugiram ficando o caminho livre para chegarem ao nosso arraial com muitas azagaias que lhe tomáram.

E porque me parece que alivio aos que lerem este naufragio com este successo, contarei um galantissimo que tivemos com um cavallo marinho no rio, em que não faltam, e foi que indo o balão com doze homens com suas armas de fogo por elle acima a deitar a gente em terra, para virem resgatando pelo certão, que isto uzavamos pela não cansar tanto, e o balão se vinha recolhendo para o que fosse necessario, acháram uns cavallos marinhos junto á terra, e em parte donde senão podiam meter por ella dentro, por ser uma serra muito ingreme; e como o balão estava da parte do rio,

ficáram elles com tão pequeno lugar mui apertados, a gente começou-lhe dar a carga dos mosquetes, e uma daquellas féras que mostrava ser mãe de outra pequena que trazia junto a si se arremeçou ao balão, e com os dentes lhe levou um remo, e o tollete em que vae metido, e tudo fez em pedaços, tratando de se meter dentro; os nossos se deram por perdidos de cousa tão inopinada, e o animal se meteo por baixo do balão, tratando de o querer virar, mas com os remos se foram os nossos desviando, escramentados para não entenderem mais com semelhantes féras.

E tornando aos nossos navios, e a toda nossa esperança, pois nelles só estribavamos remediar as vidas tão arriscadas por aquellas praias; tinhamos já o a que puzemos nome Nossa Senhora da Boa Viagem, enxarceado, e com lastro, e assim o levamos tambem para onde estava o outro, e em quanto este se aparelhou por não perdermos tempo, tinha eu encomendado a Simão Gonçalves o fazer da aguada no navio Nossa Senhora da Natividade, que toda a pressa convinha, por serem já vinte de Janeiro, e não haver arroz mais que oitenta fardos, que guardava para a viagem, que vaca não faltava; estando embarcado o necessario, que era ametade de tudo o que havia no navio em que eu vinha, que eram quarenta fardos de arroz, vinte e sete pipas de agoa, que ametade della se foi, dez barris de polvora de dous almudes, e para cada pessoa uma perna de vaca, que feita em tassalhos, e cozida em agoa salgada, e posta ao sol era o que cada um havia feito para sua matalotagem, sendo a gente que se embarcava comigo todos os officiaes da nao, o padre Jeronymo Lobo, Frei Antonio capellão, Frei Antonio religioso da ordem de São Domingos, que todos com os escravos fizeram numero de cento e trinta e cinco pessoas, entrando dez escravos que estavam fechados

á proa debaixo de uma escotilha, onde mal se podiam recolher.

No outro navio iam mais duas pessoas que neste, convem a saber, Estacio de Azevedo Coutinho, que elegi por capitão delle, para melhor se poder acomodar com sua mulher D. Isabel de Abranches, e nove escravas e dous religiosos, um Capucho, e outro de Santo Agostinho, por piloto Manoel Neto, que vinha na nao por passageiro, que por todos faziam cento e trinta e sete pessoas.

Nestes dias mandei fazer um assento pelo escrivão da nao no livro de Sua Magestade, em que fiz registar toda a fazenda de mão que no arraial havia que se tinha salvado, e os officiaes guardáram em seu poder, fechados os boiões, e os bizalhos mutrados com suas marcas, sem haver falta em cousa alguma, por segurar assim não só os direitos reaes, mas tambem por se manifestar o que vinha em confiança, e não registado, que deviam de ser as duas partes; feito isto, com muita verdade, se embarcou tudo no navio em que eu vinha, no qual nomeei por piloto a Domingos Lopes, que como na India andava costumado a navegar em navios pequenos, me pareceo convinha mais que o da nao, que tem differente conto.

Embarcando comigo as vias de Sua Magestade, e tudo o mais, um sabbado de Nossa Senhora, a quem tenho particular devoção, vinte e seis de Janeiro, determinei sahir, e não pude por ser já a maré gastada, nem ao domingo, porque tambem o vento nos não favoreceo para o poder fazer, e a gente com estas dilações começou a lançar varios juizos, cousa mui ordinaria no povo; e á segunda feira me meti no balão com os pilotos, e fomos ver o canal, onde tinhamos deitado nossas boias para balizas, onde havia mais agoa, e depois de tudo bem conhecido, posto que ha-

via muita mareta, animados com um pouco de terral que ventava, me resolvi a desamarrar o meu navio, atoando-me o balão, e com remos, e varas, que tinhamos tambem feito para o ter mão que não encostasse, viemos com as esperanças em Deos, e fiado na Virgem da Natividade, até chegar ao baixo em que o navio deu muitas pancadas, e ficou em seco, mas como o mar de quando em quando vinha mais grosso, e o levantava as varas, e remos, e o vento, foi a Senhora servida de ouvir nossos clamores, e nos poz em dez palmos, e em doze, e logo em muito fundo: daqui mandei ao balão que fosse dar toa ao outro, que como era melhor de véla do que este, sahio brevemente; porém alentados em que tinhamos vencido esta difficuldade, ainda que ninguem julgou nunca chegar ao que então viamos, que era estar em navio á véla, outra vês em demanda do Cabo de Boa Esperança; do que todos me davam grandes louvores, e particulares agradecimentos, por eu ser só o que havia instado no fazer dos navios, e por entre tantos impossiveis posto que naquella perfeição, mas este animo lhe durou pouco, porque vindo com tempo claro, e bom vento Levante correndo a terra para o Cabo de Boa Esperança, trazendo o balão á toa pelas quatro da tarde appareceo um peixe, a que chamamos orelhão, e sempre que se vê se segue logo borrasca, e assim nos aconteceo, porque saltou de imporviso o vento Noroeste com muitos trovões, e logo ao Oeste, e tornamos a voltar para dentro vendo-nos aqui no maior perigo de todos os que tinhamos passado, em que a Virgem da Natividade obrou grandes milagres, porque chegamos a estado de nos confessarmos publicamente; porque a furia do tempo não permettia que se fizesse com mais vagar, julgando cada momento que nos sorvetiamos, porque se um mar depois de cobrir todo o

navio passava; o outro que logo se seguia apoz elle, parece que queria acabar comnosco de uma vez; tendo já alijado ao mar toda essa miseria que traziamos, e houve muitos que ficáram só com a camisa do corpo, porque o mais tudo havia ido com a cama ao mar, e até do arroz que tinhamos para mantimento lançamos grande parte. Passado o tempo tornámos acometer para o Cabo de Boa Esperança, mas a experimentar outra vez novas tormentas, e foram de maneira, que como a culpa daquelles trabalhos era toda minha, por não haver querido caminhar por terra me vi mui perseguido, e quebrantado, porque ainda os religiosos me diziam alguma cousa sobre a materia.

Na segunda noite que estava no mar se apartou o outro navio de mim, e ainda que depois passamos mais avante donde haviamos estado, o não encontramos, no que recebi grande pena, porque me alentava muito a sua companhia, e o gosto de nos salvarmos todos era o a que eu mais aspirava.

Nestes transes andando sempre á vista da terra gastei vinte e dous dias, não sendo mais distancia do rio da praia, donde havia sahido a dobrar o Cabo de Boa Esperança, que cento e setenta legoas, e por fogirmos ao mar, e não perdermos o caminho que tinhamos vencido, viemos surgir dentro da bahia da lãgoa, e para nos sairmos della numa volta, e noutra, houve imaginar-se que o não poderiamos fazer nem saltando o vento a Leste, e a Lesnordeste uma legoa ao mar desta bahia, aonde a carta sinala um baixo, o qual é de area, e tinha em si mais lobos marinhos do que ha passaros na ilha de Fernão de Noronha, o qual vi muito bem, porqne o fomos correndo de longo com notavel perigo, por ser todo pela banda do mar cheio de arrecifes, que não vimos senão depois de estar entre elles, sem ter outro remedio, mais que acla-

mar pela Virgem da Natividade, que milagrosamente nos livrou, sustentando o mar que entre o arrecife andava mui empolado por ventar Oeste tormentoso, e tendo-o mão, que de uma parte, e outra parte era como duas montanhas, e qualquer delles que quebrava no navio, que não podia arribar para nenhum dos lados, por irmos seguindo um pequeno canal que um marinheiro de cima do mastro nos ia dizendo aonde mostrava mais agoas, sem duvida alli fora o fim de nossos trabalhos, e ultima miseria; mas livrando-nos a Sénhora assim desta, como de outras muitas tormentas, lhe davamos infinitas graças, porque uma nao mui possante mal poderia sofrer o que nós esperavamos, andando o miseravel barco mais por baixo do mar, do que por cima, porque vinha a ser no convés pouco mais de um palmo o que levantava sobre a agoa.

Nestes vinte e dous dias passamos grandissimos trabalhos, pois não só eram os das tormentas, mas os de não comerem muitos cousa alguma de fogo, e a gente sobre mal vestida andar toda molhada, por não ter outro abrigo mais que o do ceo, nem aonde repousar um breve espaço, porque tudo cobria o mar, e não podiamos abrir a escotilha para se tirar o mantimento, porque por ella nos não alagassemos, e uma bomba de roda que traziamos continuamente davamos a ella, e foi a nossa salvação; e houve homem do mar mui experimentado em varias tormentas, e trabalhos, que estes julgou pelos maiores, estando outros tão entregues á morte, que sem sentido deitados passava o mar por cima delles como pela mesma cuberta, mas sempre com a esperança em Deos: resoluto em passar estes infortunios me determinei a dobrar o Cabo, ou acabar na demanda; e foi elle servido, que em um dia de Fevereiro, que fazia a lua chea, nos tomou já

da outra banda havendo-o passado em uma noite, demos infinitas graças á sua muita misericordia, e á sua bemditissima Mãe por mercê tão sinalada, pois então, julgavamos todos, que começavamos a renacer, no que não terei duvida em toda vida.

Antes que passassemos o Cabo determinavamos de tomar a aguada do Saldanha, para ver se podiamos resgatar alguns carneiros, e fazer agoa, porque fica no rosto do Cabo da banda de fóra, donde os temporaes não tem tanta força, mas como este posto é mui frequentado de olandezes, e nos pareceo que dalli a Angola tinhamos jornada breve, quiz antes passar por novas necessidades, que não arriscar-me a ser cativo de inimigos, e pôr em perigo as vias de Sua Magestade, e a fazenda de mão que trazia, e assim prosegui meu caminho com mais descanso pela falta das tormentas; e fazendo-me ao mar viemos ver outra vez terra antes do Cabo Negro, que ficamos dezasete gráos do sol, a qual não largamos mais de vista, e a fomos correndo de longo, com tenção de tomar Bengela para nos refazermos de mantimentos, e agoa, de que vinhamos mui necessitados, e enchendo a altura em que fica esta fortaleza a fomos buscar já quasi sol posto, e por anoitecer não pudemos ver o porto, pondo o navio a trinqua para de manhã a tomarmos, mas as agoas, e os ventos nos levaram tanto para o mar, que quando amanheceo não se podia conhecer, nem divisar o que estava em terra, com que ficamos desconsoladissimos, e mortos de fome, que o não poder tomar aquella fortaleza no-la acrescentava mais; e parece que quiz Deos desviar-nos della para nos dilatar a vida, porque depois chegando a Angola soubemos, que de quantos navios alli foram morreo quasi toda a gente de sete, oito dias, e dizem os moradores daquella cidade, que em qualquer tempo que o navio que vem de mar em fóra to-

ma Bengela para valer-se de mantimento, e agoa, que é o effeito para que alli vão, se se detem alguns dias, ou morrem todos, ou o vem fazer a Angola.

Chegado quasi a oito graos e meio, que é a altura de Angola vimos á boca da noite, e bem junto a terra, uma embarcação, que julgamos ser olandeza; e como a noite serrou escura, a ardentia do mar nos figurava serem mais, e que faziam fuzis umas ás outras, como entre si costumam, pelo que houve pareceres que fossemos na volta de Loeste, o que eu não consenti, por me parecer que seria melhor morrer pelijando em breve tempo, que acabar á fome em mais dilatados dias; amanheceo, e não vimos mais que uma embarcação que ia correndo tambem a costa quasi duas legoas diante de nós, e aparelhando-nos com as armas que levavamos para a abalroar se pudessemos, ella neste tempo virou para nós tratando cada qual de ganhar abalravento, o que a outra fez por ser navio grande, e aguardar mais pela bolina, e se foi afastando de nós distancia grande, no que mostrou julgar-nos por cossario, e que fogia de nós; devia de ser isto tanto avante como á cidade de Loanda do reino de Angola, o qual não podiamos ver, porque o sol que sahia por cima da terra nos detinha a vista, não se fazendo ninguem ainda tanto avante, antes diziam, que uns mortos que apareciam era aonde estava o porto; acalmou o terrenho, e entrando a viração largamos a vela para a parte onde se imaginava ficar a cidade, e o piloto não tomou naquelle dia sol, presumindo estarem já nossos trabalhos acabados, mas á tarde como nos chegámos mais se receou que tinha descorrido o porto, e surgindo aquella noite bastantemente desconsolados, porque havia muito pouco que comer, e menos que beber, e era o que mais se sentia, porque já o sol nos abrazava com grandissima quentura até

que amanheceo, e tornamos a velejar, indo ainda para avante assim, porque parecia impossivel haver andado tanto caminho como porque alguns marinheiros que haviam estado em Angola affirmavam que se não podia passar sem se ver a cidade, e os navios que costumam estar junto á ilha, que é terra mui baixa: e ainda ao outro dia houve pessoas que viram a cidade, e outros sinaes, ficando-nos tudo já atrás. Aquelle dia se não pode segurar o sol por andar mui cuberto, nem acabavamos de chegar á cidade tão desejada, em que tornamos a surgir por não largar a costa; e porque tambem ao pôr do sol se acabava o vento, que nos sorvia: o dia seguinte tornamos a seguir nosso caminho mui tristes, e vimos uma embarcação, e por mais sinaes que lhe fizemos, e arribamos a ella, nunca quiz chegar a nós; mas tomando o piloto o sol se achou em pouco mais de seis graos, o que poz todos em desesperação, pois no fim de tantas miserias tinhamos descorrido o porto, e parecia impossivel o torna-lo a alcançar senão em muitos dias, porque como os ventos alli são geraes, se não é em um bordo, e outro mal se póde tornar atrás, e ir na volta do mar em tempo em que já senão comia mais senão uma mão chea de arroz, e menos de quartilho de agoa, era grande afflicção; mas permitio a Virgem da Natividade, que trazia este navio á sua conta, que não tivessemos ido mais avante que seis, ou sete legoas da boca de um rio, a que os naturaes chamam o espantoso Zayre, que corre com tanto impeto que cincoenta legoas ao mar se toma agoa doce, e nos levara em vinte e quatro horas onde de fome, e sede pereceramos sem ficar pessoa para contar deste transe, e juntamente quiz sua piedade, e infinita clemencia rematar nossas miserias com uma das mais sinaladas mercês que nos fez em todo este discurso de afflições,

dando-nos uma trovoada nunca succedida naquella paragem, com a qual em dous dias viémos surgir na boca do rio Bengo um sabbado vespora de Ramos, havendo quarenta e oito que sahiramos do rio da praia.

Cheguei logo defronte de Angola, e mandando ao governador uma carta que trazia feita, porque determinava encalhar, e avizar por terra, em como estava alli com as vias de S. Magestade, e mais fazenda de mão, porque para marchar havia muitas difficuldades, e a principal não haver gota de agoa que beber, nem cousa alguma que comer, e ignoravamos se a terra era de amigos, a que o governador respondeo acodindo cuidadosamente com agoa, e mantimento, o que sobre tudo festejamos, por haver dous dias que nada disto gastavamos, e postos em terra, o governador com a junta da fazenda assentou que a pedraria se depositasse no Collegio da Companhia de Jesu em um caixão de tres chaves, e que ficasse uma na mão do padre reitor do mesmo Collegio, outra na do bispo do Congo, e Angola, e outra na do provedor da fazenda, o que se executou pelo registro que eu havia mandado fazer no livro de Sua Magestade estando presente o governador, bispo, e feitor, e o escrivão da feitoria, e cada official dos da nao entregou por este modo o que trazia em seu poder, os boiões fechados com suas marcas, e numeros, e os bizalhos mutrados, sem haver faltado cousa alguma da minha parte, porque com toda a inteireza, e pontualidade Sua Magestade tivesse seus direitos reaes.

O governador Francisco de Vasconcellos da Cunha tratou de acodir logo á miseria da gente, mandando-lhe dar um quartel, e o bispo D. Francisco de Soveral fez grandissimas esmolas, vestindo a maior parte daquelles necessitados que viuham nús, e tendo em sua casa outros de mais qualidade, como tão santo, e

virtuoso prelado, que é de que a mim tambem me coube alguma parte, porqne o governador inteirado da necessidade em que eu vinha me fez mercê de oitocentos cruzados de ajuda de custo para me poder aprestar para este reino, aonde em poucos mezes antès imaginava ver-me com perto de quarenta mil cruzados, como é notorio á gente da minha nao.

Daqui me aprestou o governador uma caravela, em que a cinco de Maio parti para a Bahia, onde cheguei em vinte e seis dias, trazendo comigo as vias de Sua Magestade, e as do governador de Angola, em que dava conta desta fazenda pelo modo referido; nesta passagem trouxe tambem em minha companhia o mestre, o piloto, o guardião, o escrivão, o estrinqueiro, e vinte tantos homens de mar, porque uns foram pelo Rio de Janeiro, outros por Cartagena, e outros ficaram em Angola.

Da Bahia como não achei armada me ordenou o governador Pedro da Silva escolhesse uma de tres embarcações que estavam carregando para fazerem viagem a este reino; e sahindo para fóra em onze de Julho demos no quarto da madorra com tres naos olandezas, tão perto que se nos viram primeiro nenhuma das embarcações escapara, e assim todos tiveram tempo de virar na volta que lhe pareceo; e a caravela em que eu vinha o fez tão venturosamente, que quando amanheceo estavamos mais de tiro de bombarda afastados delles por balravento, não aparecendo mais que uma das embarcações da nossa conserva, que escolhendo outro rumo brevemente a perdemos tambem de vista: e proseguindo nossa viagem sessenta legoas desta costa no quarto dalva vimos outra nao que nos ficava por balravento, mas tão perto, que julgando-nos por sua, nos não quiz atirar peça, antes largando bandeira de coadra se veio a nós, estando já como a tiro

de mosquete, e arribando nós enfiamos com ella, de sorte que pouco receavamos a sua artelharia, e largando todo o pano que tinhamos lhe escapamos venturosamente, e com prospera viagem em quarenta e oito dias chegamos dia de Santo Agostinho a surgir em Peniche, parecendo-nos que já achassemos neste reino alguma das embarcações que partiram comnosco, mas até ao presente não ha novas dellas, no que Deos me quiz confirmar as grandes mercês que em todo discurso deste naufragio me fez, trazendo-me a Portugal não só ajudando-me a passar tormentas tão terriveis, e perigos tão certos, mas livrando-me dos muitos inimigos que hoje cursam todos estes mares.

As vias de Sua Magestade entreguei a Francisco de Lucena por ordem da Senhora Princesa, e em sua propria mão as do governador de Angola do registro da fazenda que lá ficou, diligencia que eu fiz, levado assim do proveito que havia de resultar aos direitos reaes, como da segurança em que punha esta fazenda, porque como todos nos viamos perdidos, a gente de mar se alborotava, dizendo que o proveito não queriam que fosse só dos officiaes que a traziam, senão de todos em geral, pois todos igualmente trabalharam na salvação della, e em sua defensa; e assim, que a mandasse repartir, para o que me fizeram muitos requerimentos, e petições, sem querer muitas vezes trabalhar até com effeito se lhe dar a cada um o que pretendia ; o que eu atropelando tudo pelo melhor modo que me foi possivel, persuadindo-os com que daquelle trabalho haviamos de ter todos a terça parte, fiz o que tenho referido, no que agora vejo, que muitos delles anteviam o pouco agradecimento que seus donos mostram neste reino a tão grande beneficio, querendo reputar este naufragio, como em costas de Espanha, ou de amigos, sendo que o menor transe foi o

de dar á costa; pois se considerarem os muitos porque passamos, entenderão que lhe démos de novo esta fazenda, o que eu espero que reconheçam todos; e assim os ministros de Sua Magestade Catholica, para o premio da que lhe soube acrescer á sua fazenda, pois os impossiveis que venci em tão breve tempo, não são tão novos que se vissem atégora, que em tão pouco, e tão faltos do necessario para tudo, e em terras de alarves, se fabricassem dous navios, e nelles se passassem tão successivos, e tão immensos trabalhos, como os com que cheguei ao reino de Angola, a que Deos me trouxe.

LAUS DEO.

LICENÇAS

Por mandndo do conselho supremo do Santo Officio vi esta relação do naufragio da nao Nossa Senhora de Belem almiranta da frota que sahio deste porto para a India Oriental o anno de 1633 de que é relator Joseph de Cabreira, capitão da mesma nao, nella não achei cousa que repugne á pureza de nossa santa fé catholica, ou reformação de bons costumes: e me parece digna de imprimir, para que communicando-se a muitos vão conferindo os que a lerem, o muito que estes miseraveis naufragantes padeceram, já no mar, já na terra, por conservar uma vida tão breve, com o pouco que de ordinario se trabalhou por merecer a eterna. E chegando ás mãos dos ministros de Sua Magestade, conhecerão que aos serviços do mar, e da guerra se deve de justiça o primeiro lugar.

Lisboa de casa de Santo Antonio dos Capuchos, 9 de Novembro de 1636.

Fr. Damaso da Apresentação.

Vista a informação pode-se imprimir esta relação, e depois de impressa tornará a este conselho conferi-

da com o original para se lhe dar licença para correr, e sem ella não correrá. Lisboa, 11 de Novembro de 1636.

Manoel da Cunha. Pero da Silva. Francisco Cardoso de Torneo.

Póde-se imprimir esta relação. Lisboa, 11 de Novembro 636.

Francisco da Motta Pessoa.

Que se possa imprimir esta relação visto as licenças do Santo Officio, e Ordinario que offerece, e depois de impressa torne para se taxar, e sem isto não correrá; a 17 de Novembro de 636.

Carvalho. Pereira. F. Leitão.

Visto estar confórme com o original. Lisboa, de casa de Santo Antonio dos Capuchos, 6 de Dezembro de 1636.

Fr. Damaso da Apresentação.

Vista a conferencia póde correr esta Relação. Lisboa, 12 de Dezembro de 636.

Manoel da Cunha. Pero da Silva. Francisco Cardoso de Torneo.

RELAÇÃO

DO

Naufragio que fizeram as naos Sacramento, e Nossa Senhora da Atalaya, vindo da India para o reino, no Cabo de Boa Esperança; de que era capitão mór Luis de Miranda Henriques, no anno de 1647.

Offerece-a á Magestade Del-Rei Dom João o IV Nosso Senhor

BENTO TEIXEIRA FEIO

Em Lisboa

Com todas as licenças necessarias

Impressa na officina de Paulo Craesbeeck
No anno de 1650

SENHOR

Se foi sempre verdadeiro premio dos perigos o gosto de os contar depois de passados, outro maior me fica, dos que me custaram tanto, qual foi o que V. Magestade, que Deus guarde mostrou, quando me fez mercê escutar o largo discurso delles, mandando-me lhe offerecesse a memoria de tão larga jornada, e pois Vossa Magestade tem tanto á sua conta honrar, e premiar seus vassallos, com muita razão espero se sirva V. Magestade de passar os olhos pela relação dos trabalhos de tantos, porque com esse só favor receberemos todos o maior premio, que se póde desejar. A muito alta, e poderosa pessoa de V. Magestade guarde nosso Senhor, como estes reinos hão mister, e desejam seus vassallos. Belem, 3 de Janeiro de 1650.

De V. R. Mag. humildissimo criado

Bento Teixeira Feio.

LICENÇAS

NÃO tem esta Relação cousa alguma contra nossa santa fé, ou bons costumes. São Domingos de Lisboa, 22 de Fevereiro de 1650.

Fr. Fernando de Menezes.

Vista a informação, pode-se imprimir a Relação inclusa, e depois de impressa tornará ao conselho para se conferir com o original, e se dar liçença para correr, e sem ella não correrá. Lisboa, 22 de Fevereiro de 1650.

Fr. João de Vasconcellos. Pedro da Silva de Faria. Francisco Cardoso de Torneo.

Pode-se imprimir. Lisboa, 3 de Março de 1650.

O bispo de Targa.

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e não correrá sem tornar á meza do Paço para se taxar. Lisboa, 5 de Março de 1650.

D. Pedro Presidente. Ribeiro. Casado. Andrada.

Está conforme com o original. S. Domingos de Lisboa, 28 de Novembro de 1650.

Fr. Fernando de Menezes.

Pode correr esta Relação. Lisboa, 29 de Novembro de 1650.

Fr. João de Vasconcellos. Pedro da Silva de Faria. Francisco Cardoso de Torneo. Pantaleão Rodrigues Pacheco.

Taxado em papel. Lisboa, 29 de Novembro de 1650.

Andrada. Pacheco.

Naufragio que fizeram as duas naos da India: o Sacramento, e Nossa Senhora da Atalaya, no Cabo de Boa Esperança, no anno de 1647.

Reinando no Estado da India o muito alto e muito poderoso Rei D. João o IV deste nome, Rei de Portugal nosso Senhor, cuja vida, e estado Deos prospere os annos, que seus vassallos havemos mister, e sendo Viso-Rei nelle D. Felippe Mascarenhas, partiram de Goa para Portugal uma quarta feira vinte de Fevereiro do anno de 1647 duas naos; a capitania o galeão Sacramento, capitão mór Luis de Miranda Henriquez, e a nao Nossa Senhora da Atalaya almiranta, capitão Antonio da Camara de Noronha. Dos quaes se veio despedir o Viso-Rei a bordo, mandando desamarrar uma manhã tão cedo, quão tarde do tempo, aprestando os officiaes todas as cousas necessarias, desfraldando velas, largou primeiro a capitania o traquete, e cevadeira, e da outra parte a almiranta, havendo a bordo muitas embarcações de amigos, e parentes, cuja saudade acrescentava o sentimento, tanto quanto a despedida em tão largo apartamen-

to era bastante causa, e assim a voltas de sentidas lagrimas, dando boaviagem nos partimos com o terral, que durou tres horas, entrando a viração escaça correndo a costa pelo Noroeste, e alargando o vento de noite, voltamos á nossa derrota com ventos bonançosos até altura de dez graos e um terço do Norte, em que um sabbado ao amanhecer, dous de Março largou a capitania bandeira, de que logo houvemos vista, e de uma vela, a que ella ficando mais perto atirou duas peças sem bala obrigando-a a amainar, e lançar o batel fóra, em que lhe mandou meter o capitão mór a Manoel Luiz seu estrinqueiro, com gente, e atravessando todos tres, nos detivemos em sua companhia quatro dias, com suas noites, intentando neste tempo o capitão mór que esta embarcação fosse perdida, não obstante trazer cartas do Viso-Rei, e ser do Rei de Mucelapatão, de quem o Estado da India recebe serviços de consideração, soccorrendo o Ceylão nos apertos, e fomes, que se offereceram naquella ilha, o que não aprovaram o capitão, officiaes, e cavalleiros da nao Atalaya, sendo consultados na materia, antes deram razões, porque á tal embarcação se devia toda a boa passagem, com o que a deixamos terça feira cinco de Março: nos dias, que aqui nos teve sem velejar, avaliaram os homens, que bem entendiam do mar, se perdera a viagem, o que depois experimentamos na falta de tempo para chegar a passar o Cabo da Boa Esperança.

Na nao em que me embarquei tomaram os religiosos á sua conta cantarem todos os dias as ladainhas, dizer missa, e pregações os domingos, e dias Santos, e João da Cruz guardião da nao fez um sepulchro mui curioso, em que tivemos o Senhor exposto vinte e quatro horas confessando, e commungando todos á quinta feira maior.

Aos doze de Março chegamos á falla com a capitania por causa de sabermos o sinal, que havia feito com tres peças, achamos ser falecido o inquisidor Antonio de Faria Machado, que na India o fora dezasete annos, de cujo procedimento, e authoridade se teve muita satisfação, e o sentimos, e a falta de outras pessoas, que de Goa sahiram doentes, ficando muitos fidalgos, e pessoas nobres, que com seu valor, e trabalho ajudaram depois á salvação dos que escapamos tanto a custa de sua vida.

Com grandes chuvas, e calmarias navegamos depois de passada a linha, quando da gavea a grandes brados, disse o gajeiro : Uma vela. Esta era o galeão S. Pedro, que partindo de Goa quinze dias depois, se encontrou comnosco, e nos acompanhou vinte dias, apartandose no fim delles.

Ao de Pascoa dezanove de Abril mandou o almirante salvar o galeão Sacramento com sete peças, abrindo logo a nao quatro palmos de agoa, que os escravos, e grumetes esgotavam duas vezes no dia, o que dava cuidado a quem entendia o perigo, a que iamos expostos, assim por ser a nao velha, como por irmos cometer o Cabo no rigor do inverno, em que os temporaes são tantos, e de maneira, que nas embarcações novas dão grandissimo trabalho.

Em dez de Junho, em altura já de trinta e tres graos do Sul, com vento bonança nos rendeo o mastareo grande de que avizamos a capitania, e da agoa que fazia a nao, pedindo-lhe conservassemos a companhia ordenando-se-lhe uma semea para concerto do mastareo, e por o vento refrescar, não houve effeito, nem depois lugar pelo que sobreveio.

Em doze de Junho anoitecemos com a capitania, acalmando o vento antes de se pôr o sol, indo na volta da terra com o vento Oesnoroeste, metendo-se mui

vermelho com nuvens negras, e carregadas, fuzilando uma só vez, e se vio um peixe orelhão, cousa grande, anuncios tudo de uma noite temerosa. Entrou o vento assoprando, ferraram-se as gaveas, e cevadeiras, ficando a nao em papafigos aguarruchados o quartinho, e quarto da prima; no fim delle ao pôr da lua, empolou o mar, e cresceo o vento de modo, que deu a nao um balanço tão grande, que meteo muito mar dentro, e as entenas, e serviolas debaixo da agoa. Mandou-se arriar a escota, e ostagas para vir a verga grande abaixo, mas com o temor do mar, o tempo tão crescido, e pouca experiencia dos artelheiros, arriaram de maneira, que tomando o pano de luva atravessou a nao com um furacão tão forte, que nos levou a vela grande, e traquete fazendo tudo em pedaços com tal estrondo, que julgamos çoçobrar-se a nao, tendo-a adornada por muito espaço, e atravessada assim ao rigor dos mares sem nos podermos sustentar em pé na xareta com a pouca gente, que a este tempo se achou, sendo já mortos de doença oito marinheiros, cinco artelheiros, quatro grumetes, e outros passageiros, se acodio com grande cuidado a uma moneta, que traziamos já cozida na enxarcia de proa, para este effeito, e preparando-a governou logo a nao na volta delles, ficando a verga grande arriada a meia arvore com a véla de lais a lais em pedaços, e a do traquete dando ós estendartes, que ficáram pegados no gurutil, estrallos, sem se poderem cortar, nem o tempo o consentir. Neste estado passamos o restante da noite atormentando-se a nao com as pancadas das vergas, puchando por todos os ossos abrio dez palmos de agoa, correndo com o mesmo temporal nos amanheceo dia de Santo Antonio destroçados de velas, e cabos sem a companhia da capitania, apareihandonos para a seguinte noite, que nos ameaçava tão me-

donha, como a passada, e com chuveiros de pedra tão grossa como avelans, e muitos trovões, e raios.

Sendo o tempo ainda tanto, e correndo a nao em popa fomos çafando, e tirando o pano, que ficou na verga metendo uma cevadeira na do traquete, para se o vento fosse menos, poder a nao governar, e fugir aos mares, que pareciam querer çoçobrarnos. Este dia se passou, e ao outro, sendo já mais bonança, metemos outro pano, não largando as bombas da mão, com que avistamos terra de trinta e dous graos a cabo de alguns dias, que velejamos em demanda della, dizendo-se que á sua sombra se trataria do concerto, e tomar as agoas da nao, porém só se tratou de pescar, não faltando algum zeloso, que clamou sobre o descuido, que houve neste particular.

O mestre Jacinto Antonio, considerando o estado em que nos achavamos, e pouco remedio, que havia, lhe pareceo acertado arribar a Moçambique em quanto o tempo nos não impossibilitava de todo, aonde se seguraria o cabedal, e artelharia de Sua Magestade, e remedio de tantos: o que se divulgou logo pedindo D. Duarte Lobo ao mestre, que indo abaixo ver o estado da nao, de que se fallava variamente, o levassem com os mais offieiaes para resolução do que mais conviesse, o que não satisfez a muitos pelos empenhos que traziam, e pouca canela, que se lhe deu em Goa, intimidando ao mestre, e aos mais, que tratavam de arribar: de modo que senão tratou mais, que de navegar para Portugal ás voltas; em que andamos alguns dias multiplicando a altura para o Cabo, não cessando as bombas de laborar, a que acodiamos todos sem exceição de pessoa até os proprios religiosos.

Pelo que se prepararam alguns barris para gamotes fazendo-se-lhe arças, e çafando a boca do porão para uma casimba, valeo pouco a diligencia por causa da

arrumação da artelharia que se fèz em Goa, não vir em forma, deixando porém na boca da escotilha quatro peças, havendo grande murmuração que a nao trazia rebentadas muitas curvas, e pés de carneiro fóra de seu lugar, tratáram de que indo a menos altura achariam mais bonanças, com que se tomariam algumas agoas, sobre que o mestre, e mais officiaes com o almirante foram abaixo, sem levar D. Duarte Lobo, como o havia pedido, e tornando assima com tres prégos do forro na mão, disse o mestre que a nao estava para poder ir a Jerusalem, com que senão tratou mais que da viagem do reino, e em pescar, voltando para o mar, sem se obrar mais cousa, que boa fosse para uma viagem de tanto risco, e trabalho, como a que se intentava.

Tornando com o traquete na volta de terra dia de S. Pedro, e S. Paulo do jantar para a noite, mandou o piloto Gaspar Rodrigues Coelho largar vela de gavea de proa, dizendo-lhe o sotapiloto Balthezar Rodrigues que estava perto de terra; ao que respondeo que tinha navegado muito tempo naquella costa, que não havia de que recear, mais do que se vissem ás duas empulhetas do quartinho. Braz da Costa marinheiro, e cunhado do mestre, que mandava a via na cadeira gritando alto, com grande ancia: bota arriba irmãos, alvorotou a nao por se ver em um baixo que está ao mar da bahia da Lagoa em oito braças de fundo, que lançando o prumo se acharam com tanto sentimento de todos, quanto pode julgar facilmente quem se vio em semelhante perigo. Com grande brevidade mareamos largando a vela de gavea grande, içando, e caçando mais de doze vezes, a que acodiram officiaes com os mais sem faltar pessoa a sua obrigação. O sotapiloto Balthezar Rodrigues, que neste passo o não perdeo, gritou do perpao, donde mandava a via com

muito acordo, que o não arreceassem, que elle tiraria a nao por onde entrára com ella, e rebentando o mar por todas as partes trabalhou a nao, como que vinha debaixo, infinito, e achando-a atravessada deu tres balanços juntos, a cujo grande abalo foi a grita de maneira que o mundo nos pareceo se acabava, e consumia.

O guardião João da Cruz, que com os grumetes assistia ás bombas, assim afflicto acodio assima, e Deos nosso Senhor com vento terral, com que sahimos para fóra, e como o remedio principal em tanta tribulação estava nas mãos de Deos, e no trabalho das nossas, trabalhámos todos, e os religiosos de maneira, que nesta occasião valiamos um por cento. O padre Fr. Antonio de São Guilherme da Ordem de Santo Agostinho, que passava a Portugal por procurador geral da sua congregação, o fez de sorte, que chegando se a elle neste transe o padre Fr. Diogo da Presentação da sua ordem que o confessasse, lhe respondeo que não era tempo mais que de trabalhar, e indo para o convez ajudar-nos cahio por uma escada com um dos balanços, que a nao deu, abrindo a cabeça com uma grande ferida, de que apertando a com um lenço não fez caso senão passado o trabalho.

Havia-se a tarde antes tirado uma esmola ao Santo Christo do Carmo de Lisboa, e vendo algumas pessoas a nao em tanto trabalho, e afflicção, perdida a esperança da vida, e posta só em Deos, que a sostinha, e é a confiança de todos, gritaram em altas vozes. Alegria irmãos, que agora se vio na gavea a Nossa Senhora com uma luz, como coroa, de grande resplandor, recreceo então geralmente tanto animo, e esforço, que não havia já que temer-se a morte. Desta maneira passamos a noite, ficando a nao tão desconjun-

tada deste trabalho, que não havia parte por onde não fizesse agoa, acodindo todos ás bombas, achamos fazer muita mais, ajudando a isso o grande temporal, que nos entrou o dia seguinte, com que corremos com o papafigo de proa, sendo o mar tão grande, e os grandes balanços, que a nao dava que cada hora esperavamos se abrisse pelo meio, lançando o mar por sima do farol, e das arvores tanta agua, que foi necessario revezarem-se os padres por horas na popa benzendo os mares, e se se descuidavam alguma vez, logo nos encapelavam de maneira, que o sotapiloto, que estava á cadeira, se vio afogado com um mar, gritando que lhe acodissem, vendo-se só por todos estarmos occupados nas bombas; com o trabalho das quaes já os corpos não podiam, a que não faltáram já mais os religiosos, e passageiros, que tinhamos á nossa conta, por sermos poucos, á bomba de estibordo, e á de bombordo os grumetes de dia, e os cafres á de roda em que D. Duarte Lobo, e D. Sebastião Lobo da Silveira assistiam de dia e noite, desde treze de Junho, que começou o trabalho della, ajudando com doces, e mimos aos que trabalhavam, porque como faltava o fogão, tudo era necessario, e nada bastava. A bomba de roda nos dava grande trabalho e cuidado porque nos faltavam os fuzis cada hora.

Ordenou-se assistirem os cafres á bomba aos quartos de noite, o que se não executou, assistindo só os dous calafates, que vendo o quanto a agua crescia, avizaram por vezes do perigo, em que nos achavamos, a que se deu por ordem não amotinassem a nao. Em amanhecendo se abrio a escotilha grande, e se achou agua por cima do lastro, armaram-se logo os gamotes com grande diligencia para se encherem com selhas, e se escusaram, porque em menos de duas horas cresceo a agua tanto, que com os balanços se enchiam

os barris por si, e as pipas do porão se foram arrombando, e os paioes da pimenta, de maneira, que de todo cessaram as bombas intupindo-se com a pimenta, laborando só na escotilha grande dous barris de quatro almudes, e dous de seis, com que de continuo se trabalhava ao cabrestante, e á ré do mastro grande, aonde abrimos um escotilhão com dous gamotes, por sahir mais pimenta que agoa. Com este trabalho, e a nao já afocinhada toda sobre a proa, como estava alquebrada, não governava, como de antes, com a agua já por cima da barçola, e a proa de sobre a cuberta do porão mais de dous palmos. Neste perigo tão evidente, passamos dous dias com duas noites sem ver terra, que descubrimos em amanhecendo uma ponta de recifes com muito arvoredo, que pareceo ser de um rio com uma praia de area muito comprida, e uma enceada grande, que julgamos se sahiria a ella do batel a pé enxuto.

Assentou-se em conselho, visto o estado da nao, se fosse buscar a terra, que se via, lançando ao mar a artilharia, que sempre veio abocada, salvo a da Cuina que vinha ao porão, o que não houve effeito por não poderem os corpos aturar o trabalho, e só foram ao mar duas peças. Com vento bonança, ainda que o mar picado se largou vela de gavea grande, a qual indo a caça-la se fez em pedaços, e o mesmo a de proa, levando a cevadeira toda rota, e o traquete com muitas costuras descozidas, mariamos com a vela grande, que ao habitala na amura, passando-lhe talha em ajuda se despedaçou.

A este tempo já o almirante ordenava ao condestable Francisco Teixeira embarrilasse alguma polvora, e balas, juntando as armas, que achasse, e todo o cobre, e bronze, que houvesse para sustento do arraial, por ser este o dinheiro que corre nesta cafraria,

e porque se resgata o necessario. A noite se passou com o trabalho dos gamotes, os cafres já em terra com grandes fogos, e aó outro dia pela manhã tres de Julho se entendeo em preparar o batel para lançar gente em terra, dando o mar lugar. Entrou a viração, e picando a amarra com o traquete chegámos a dar fundo em sete braças na enseada, e o mestre mandou cortar as ostagas grandes, e ficou a verga atravessada no meio do convés, para que cortando-se servisse de levar alguma gente.

Botou-se o batel ao mar com ordem, que fosse alguma gente, armas, e mantimento a tomar sitio, e os mais ficáram dando aos gamotes, sustentando a nao, e chegando o batel á pancada do mar por correr a agua muito, e ser já tarde, não se atreveo lançar nada em terra, tornou logo a bordo, dizendo, que o mar não déra jazigo, e tinha um banco grande, e á terra delle um lagamar, para que corria a agua muito. Veio anoitecendo, e baixada a maré começou a nao a tocar, e lançar o leme fora pela meia noite, pelo que cortamos a arvore grande, e traquete, dando-se fundo a outra ancora por não desgarrar, e ao virar com a maré ficámos em oito braças.

Amanheceo quarta feira, quatro de Julho, e ajuntando-se todos os cabos delgados se fez delles uma espia, que se colheo dentro no batel, e com a gente necessaria, armas, e o que puderam levar de mão, deixando uma ponta da espia na nao, remáram para terra, e chegando á pancada do mar, era tão grande o macareo, que o padre Fr. Diogo da Presentação, que ia no batel, absolveo a todos dando cada um materia em publico pelo grande aperto.

Chegaram a terra, e sem impedimento dos cafres, que não pareceram, botaram em terra o que levavam, e tornando a bordo fez segunda viagem com D. Bar-

bara, e Joanna do Espirito Santo portuguezas, que se embarcáram, com todas as negras que levavamos, e o almirante, e D. Sebastião Lobo, e outras pessoas, ficando D. Duarte Lobo, e o padre Fr. Antonio de S. Guilherme na nao com os officiaes, e eu, que não quizemos largar este fidalgo, por mais que nos rogou, que nos embarcassemos, andando todos pasmados, porque os que prestavam para o trabalho uns andavam no batel, outros ficáram em terra para defensa do que se desembarcava ajudando aos que iam no batel, porque os mais que ficáram a bordo não atinaram a fazer uma jangada, nem a embarcar quatro fardos de arroz, havendo na xareta mais de mil, e muitas cousas de comer, de que não chegáram a terra mais que trinta fardos, e esses molhados. Neste dia fez o batel quatro viagens á terra, e na ultima sendo já quasi noite se embarcou D. Duarte com os officiaes, a rogo de todos, e com elle o padre Fr. Antonio, e o padre Francisco Pereira, que foi da Companhia de Jesu, não consentindo se metesse mais no batel, que gente, e vindo ella crescendo, e os escravos, chamamos pelo padre capelão, o qual não quiz sahir, dizendo ficava com aquelles irmãos acompanhando-os, por quanto a noite prometia ser trabalhosa, nem haver pessoa, que ficasse a bordo fazendo trabalhar nos gamotes. Nesta batelada nos embarcamos setenta pessoas, e chegando a terra trabalhosamente, alagado o batel até a borda, de que ainda alguns nadamos.

Aquella noite ficou o batel encalhado, e os da nao passáram com grande trabalho, e pela manhã cinco de Julho se embarcáram Braz da Costa, e Paulo de Barros com a mais gente, que andava no batel, que estes dous marinheiros sós assistiram sempre nelle com grande risco, e trabalho, quc os mais se revesavam. Muitos largando a praia se tornavam a bordo, por ter lá

que comer, o que lhe faltava em terra. A primeira batelada se fez a salvamento pela espia, a segunda entrando a viração cedo, empolou o mar, e tornando de bordo para a terra, por mais que os que estavam já no batel o defendiam, se lançou muita gente a elle, carregando-o, e largando para fóra indo já um espaço da nao um china de D. Sebastião Lobo, que ficava a bordo cortou com um machado a espia, que estava dada na serviola, com que chegando o batel á pancada do mar, não tendo rogeira, que o indireitasse, atravessou de maneira, que se alagou com setenta pessoas, que trazia dos quaes cincoenta morreram afogados sem lhe podermos valer os que estavamos em terra alando o batel para ella onde chegou com grande trabalho todo descozido, e os que escapáram, sem o mar lançar nada do muito, que se embarcou a bordo.

A sesta feira mandou o almirante concertar o batel, e dando quinhentos xerafins a quem tornasse nelle á nao buscar a gente que ficava, não se atreveo ninguem por o mar ser grande, e maior o terror do successo do dia antes. Os que estavam a bordo causavam um lastimoso espectaculo com gritos, e clamores, que faziam ao ceo, que com ser de longe eram taes, que nos davam bem que sentir aos que estavamos na praia, e por na nao não haver já mais reparo, que do mastro grande á ré, e o mais estar cuberto de mar, e perderem as esperanças do batel, se lançaram muitos á agua em páos, em que alguns sahiram a terra, e os mais pereceram havendo a noite antes disparado uma peça para lhe acodirem.

A noite seguinte da sesta para o sabbado sahiram alguns negros nossos a terra, dizendo, que ainda estava na nao gente branca sem mais reparo, que um painel da popa, em que estava a imagem de Nossa Se-

nhora da Atalaya, porém de madrugada se acabou de fazer toda em pedaços, não sahindo de toda ella em terra mais que um quartel pequeno inteiro, e o mais pao por pao, e alguns caixões dos que estavam por cima, botou o mar, mas em pedaços. E nisto se resolveo a opulencia de uma nao tão poderosa, e aqui se viram muitos nús, e pobres, que havia bem pouco eramos ricos, e bem vestidos.

O almirante fez alarde dos que ficamos, que repartio em tres esquadras, de que tomou para si a dos passageiros, e os marinheiros, e grumetes repartio pelos officiaes, mandando lançar bando, que tudo o que se achasse de comer viesse ao arraial a monte maior, para o que nomeou alguns homens, que para este effeito corressem a praia, prohibindo aos mais sahir do arraial, que mudamos para dentro do mato, porque na praia, em que sahimos nos cobriamos de area. Fizemos barracas, que é o mesmo que tendas de panos brancos, em que assistiamos, preparando nos para a jornada, que esperavamos de marchar pela cafraria até o Cabo das Correntes. O mantimento, que se achou se poz no arraial com centinelas. Em onze dias que aqui estivemos, se passaram grandes necessidades de fome, e sede, por falta de mantimentos, e a agua se ir buscar ao rio do Infante perto de uma legoa, e tão roim, que nos adoeceo della muita gente, e morreram alli Vicente Lobo de Sequeira do habito de Christo, natural de Macao ,que já nesta paragem se perdera na nao S. João, e um artilheiro por nome Marcos Coelho.

Para os casos que succedessém, se deram por adjuntos ao almirante D. Sebastião, e D. Duarte Lobo da Silveira irmãos, Domingos Borges de Souza senhor da villa, e conselho d'Alva, que do reino viera na mesma nao, os padres Fr. Antonio de S. Guilherme, e Fr. João da Encarnação, e os officiaes da nao, e escrivão

João Barbosa, por estar para morrer Francisco Cabrita Freire. Neste naufragio se acharam tres marinheiros, que havia quatro annos se perderam nesta paragem na naveta, de que foi capitão D. Luis de Castelbranco, e tinham marchado pela cafraria até o Cabo das Correntes, e se chamavam Antonio Carvalho da Costa, Paulo de Barros, e Matheos Martins. Aos primeiros dous se nomearam para resgatadores do arraial, e a Aleixo da Silva, passageiro por feitor. Nesta praia em que sahimos, achamos de maré vazia grande quantidade de ameijoas muito boas, que ajudáram a passar as fomes que se padeceram.

A oito de Julho foi D. Duarte Lobo com o sotapiloto Balthazar Rodrigues, Urbano Fialho Ferreira do habito de Christo, filho de Antonio Fialho Ferreira, com outras pessoas mais ao rio do Infante tomar o sol, e acharam trinta e tres graos, e um terço, botando uma ponta do recife ao Noroeste com muito arvoredo, a praia de mais de duas legoas de comprido, e a costa com comaros de area branca com arvoredo por cima, e a serra toda escalvada. Tomando o sol se deu rebate de haver cafres na praia, a que fizeram esperar por acenos, e chegando á falla, não se achou quem os entendesse por falarem por estalos. Andam nús, e só cobrem algumas pelles, não usam sementeiras, nem vivem mais qne de algumas raizes, caça, e algum marisco, quando decem á praia. As armas são paos tostados, e poucas azagaias de ferro.

Tornados D. Duarte Lobo, e os mais ao arraial, se repartiram as armas, balas, e polvora, e alguns cocos para a meter, cobre necessario para o resgate, linhas, e arpoeiras para a passagem dos rios, tudo por rol nos livros del-Rei. O arroz se achou todo ardido, e podre, com o que se apressou mais a partida, deixando enterrado o cobre, e palvora que sobejou.

Nos dias que aqui estivemos tratou o almirante com o piloto Gaspar Rodrigues Coelho, e o escrivão Francisco Cabrita Freire, e outros doentes, e impossibilitados para marchar, que se quizessem lhes mandaria preparar o batel, e dar gente, que mareasse, que o piloto não quiz aceitar, e assim se não tratou mais disso, sendo o que mais convinha para não perecerem estas pessoas, e as mulheres, e doentes, como adiante se verá.

D. Sebastião Lobo da Silveira era tão incapaz para marchar por ser muito pezado de gordura, e outros achaques, que lhe impediam andar poucos passos por seu pé, pelo que pedio aos grumetes, e officiaes, que o persuadissem, e por via de seu irmão D. Duarte Lobo, que de todos era bem quisto, se veio a concertar, que o acarretariam em uma rede, que se fez de linhas de pescar, dando a cada grumete oitocentos xerafins, a que se obrigou D. Duarte Lobo, e elle deu penhores de ouro. Era este fidalgo tambem doente, e no arraial o tivemos á morte, e assim ordenada a rede com os seus negros, e dous mais que comprou, intentou passar a jornada. O mesmo emprenderam Domingos Borges de Souza, que fez de uma alcatifa um andor, e Francisco Cabrita, outro de um pano, servindo-lhe de canas os remos do batel, que o carpinteiro affeiçoou. O piloto com duas muletas, e os mais como lhes permitiam seus achaques, os sãos com suas armas, e todos com seus alforges, em que cada um carregou o seu resgate de cobre, e roupa para sua limpeza.

Mais tempo era necessario para descançar do trabalho passado, e tomar alento para os que nos esperavam, mas a falta de mantimento, e a malignidade do sitio, nos apressou a partir segunda feira quinze de Julho pela manhã, depois de rezarem todos uma la-

dainha a Nossa Senhora. Não se póde reduzir a brevidade o sentimento, e lagrimas, com que se deu principio a esta tragedia tão lastimosa, ficando alli por causa de feridas, com que sahiram á praia um cafre do contramestre Manoel de Souza, um meu cabrinha e uma negrinha do condestable Francisco Teixeira, que morreo afogado vindo no batel para terra.

Começamos a marchar, levando o almirante a dianteira, e o mestre Jacinto Antonio a vanguarda, e o contramestre a retaguarda, começando a sentir lastimas e miserias dos doentes, e incapazes de acompanhar o arraial, julgando do principio o que seria ao diante. A' nossa vista, tendo marchado menos de uma legoa pela praia, se deixou ficar Bertholameu Pereira Loreto marinheiro de cansado, a quem os cafres que já vinham em nosso seguimento, matáram logo, sem se lhe poder valer. Dahi mais a diante os mesmos cafres tomáram a D. Barbora os alforges, que trazia ás costas com o seu resgate de cobre, e mantimento, que lhe coube, e uma mutra de diamantes, que escapou, e a não lhe acodir a retaguarda apressadamente, a matariam, como ao Loreto, e por não poder acompanharnos a tomou Antonio Carvalho da Costa marinheiro ás costas, e a trouxe até noite. A portugueza Beata Joanna do Espirito Santo deu tambem grande molestia, e os mais doentes. Com tudo chegamos a assentar o arraial em um recife junto ao mar aonde achamos uma fonte de muito boa agoa, não podendo o piloto chegar a ella ficou atraz um tiro de espingarda, e pedindo confissão lhe acodiram os padres com muita charidade, e ao escrivão, que chegou á noite bem tarde esperando, e ahi passamos esta noite.

A terça feira dezaseis de Jnlho, chamou o almirante a conselho, para assentar o termo, que se havia de ter com as mulheres, e pessoas impossibilitadas, que

nos impediam o caminhar com a brevidade necessaria para chegar a terra de resgate, porque os grãos de arroz, com que sahimos donde nos perdemos, eram tão poucos, que não passavam de duas medidas cada pessoa, e segundo affirmavam os que haviam passado já aquelle caminho, não se podia achar resgate em menos de um mez, e bem altercado se resolveo, que visto o estado, em que nos viamos, e o piloto, o escrivão, D. Barbora, e Joanna do Espirito Santo nos não poderem acompanhar, e por os esperarmos nos expunhamos a perecer todos á fome, se avizasse ás mulheres, que marchassem diante, não tratando já do piloto, e escrivão, que um delles estava já sem falla, e o outro não estava para nada, e que fossemos por diante deixando quem se não atrevesse a marchar com o arraial; de que avizadas as portuguezas, responderam, que Deos nos acompanhasse, que ellas se não atreviam, nem podiam, e assim as deixamos, confessando se primeiro, e uma negrinha, que quiz ficar com ellas, e sem cousa alguma de comer.

Nesta occasião esteve D. Sebastião arriscado a ficar, porque os grumetes, que o acarretavam, não podendo aturar o trabalho, se desobrigavam de o trazer; a que acodio D. Duarte Lobo, e com bons termos, e mais interesse alcançou o levassem aos poucos. Aquelle dia marchamos ao longo do mar por recifes, de que sahiam muitos ribeiros de agua doce, e passamos alguns rios, que aos não acharmos secos nos causariam dano. Nas praias se achava algum marisco, mas pouco, e se viam alguns passaros grandes, como pavões. Aqui por o caminho ser roim, e o comer pouco, ou nada se resolveram os grumetes a deixar D. Sebastião Lobo, ao que se acodio ordenando-se que se escolhessem de entre todos doze os mais robustos, e os outros que acarretassem o fato destes. Fomos mar-

chando um dia por caminhos asperos, e estreitos junto ao mar, por onde não cabia mais que uma pessoa apoz outra fazendo um alcantilado, e barrocas pela banda da praia, chegamos a um passo mui arriscado, do qual passamos a um rio muito caudaloso, e arrebatado, que passamos com agua por cima do joelho, o qual passado descançamos, e os grumetes tornando a marchar, desempararam a D. Sebastião Lobo, que não se atrevendo a marchar por seus pés se deixou ficar. Ao outro dia chegamos a outro rio de mui fresco arvoredo cerrado na boca, em que se achou um baleato dado á costa na praia, de que cada qual chegamos a cortar seu pedaço para comer, e aquella tarde passamos por muitos lamaraes, e passos trabalhosos, por fim dos quaes sentamos o arraial junto a um ribeiro de boa agua.

Achando se menos D. Sebastião, porque o almirante, e D. Duarte, como iam diante não tiveram noticia de o haverem deixado os grumetes, tratáram com os marinheiros de o irem buscar, e sendo já noite tornáram atraz duas legoas, e achando-o aonde o haviam deixado, o levaram ao arraial a que chegou muito tarde, dizendo em alta voz, que D. Sebastião Lobo da Silveira não sentia a morte, mas os roins termos, que se tinham com sua pessoa. Ao outro dia se tratou com os marinheiros quizessem carregar este fidalgo de que os grumetes tinham desistido, sobre que o almirante fez muitos protestos sobre a grande qualidade deste fidalgo, e se embarcar para o reino chamado por Sua Magestade.

Marchamos ao outro dia pouco, e pouco, e quasi uma legoa achamos o rio de S. Christovão, e para o passar ordenamos duas jangadas, por o rio ser caudaloso, de muito fundo, e grande corrente, e arrebatada, uma dedicamos a Nossa Senhora d'Ajuda, e a outra á

do Bom Successo. Aqui se confessou D. Sebastião, e fez seu testamento desenganado de nos não poder acompanhar dando mostras de muitas joias, e cousas preciosas de que não havia noticia, offerecendo-as a quem o podesse levar ás costas. A' vista do que, e das persuações do mestre Jacinto Antonio a quem para este effeito deu seis voltas de cadea de ouro, se tratou com dezaseis marinheiros os mais robustos, a quem D. Sebastião entregou logo tudo o que ostentára. Depois de passar o rio, que por ser muito arrebatado, e não dar lugar a barquear as jangadas se não na baixamar, se não pode naquelle dia, e ao outro dezanove de Julho, o acabamos de passar deixando afogado um cafre nosso, a que a corrente levou, e um marinheiro Antonio da Silva doente, que se não atreveo a marchar. E aos vinte de Julho concluiram os marinheiros de levarem os dezaseis a D. Sebastião Lobo.

Passado o rio fomos marchando pela praia, por caminhos estreitos, e chegando a uma fonte, se deixou ficar Filippe Romão, um passageiro vindo do reino na propria nao, que era casado em Lisboa, e fora estribeiro da princeza Margarita, por nos não poder seguir por doente, e tambem se tinha já ficado Lourenço Rodrigues escudeiro de D. Duarte Lobo, e casado em Alfama, por não poder marchar tanto, havendo-o até ali feito com duas muletas, e dizendo-lhe seu amo, passando por elle, que se alentasse, lhe respondeo, que Deos o ajudasse, e levasse ante os olhos da senhora Dona Leonor sua mulher, que elle senão achava com forças, nem animo para os seguir. O padre Fr. Antonio de São Guilherme tambem o animou, mas elle persistiu em sua determinação, e indo o padre já apartado um pouco, o tornou a chamar, o qual cuidando que era para alguma reconciliação, tornou a ouvir o que lhe queria, e elle lhe disse: padre Fr.

Antonio, já que se vae, faça-me mercê de uma vez de tabaco, e Deos o acompanhe, e ficára muito consolado se me fizeram uma cova nesta area para me meter nella. Marchando aquelle dia tres legoas passamos um rio de grande corrente com agua pela cinta, e ao outro dia tendo andado uma legoa, chegamos a outro rio, que passamos de baixamar com agua pelos peitos, depois do qual achámos melhor caminho, mas despovoado, aparecendo sómente alguns cafres caçadores, que não queriam chegar á falla comnosco. Neste caminho achamos boas aguas, algumas palmeiras bravas, e pequenas, os palmitos das quaes tirados com trabalho eram alivio, sendo a fome já geral. Neste dia avistamos algumas palhotas com cafres, que em nos vendo se puseram a fugir, e entrando nellas se acharam dous polvos, e poucos grãos de milho. Ao diante encontramos dous cafres, a quem, por se chegarem á falla, demos duas fechaduras de escritorio a cada um sua, que são as joias que os barbaros desta cafraria mais estimam; e perguntando-lhe por resgate, responderam por acenos, que mais adiante se acharia.

A vinte e um de Julho, marchando apressadamente obrigados da fome, e sem ordem na marcha por irmos já mui fracos, sahiram dous barbaros do mato, e achando a Felicio Gomes marinheiro, apartado dos mais, lhe levaram a mochilla, e um jarro de latão, que lhe acharam na mão, e se lhe acodio com brevidade, mas não aproveitou, porque estes cafres fazendo seu assalto, não ha quem lhes dê alcance. Chegando a um alto, queimamos umas palhotas, não achando dentro mais que umas panellas de barro vazias. O que feito alcançamos o arraial já assentado perto de um rio, e todos mui tristes pela resulução, que os que traziam a D. Sebastião tomaram de o deixar por se acharem faltos de forças; e elle desenganado, e deliberado a se

ficar tratou primeiro de tudo de se tornar a confessar, e dando aos que até alli o trouxeram um anel de um rubim a cada um, dispondo do mais, se despojou até de uma cruz de tambaca com reliquias, que trazia ao pescoço, e uma caldeirinha de cobre, sem cousa de comer pelo não haver, e todos se despediram delle com o sentimento devido, ficando debaixo de uma pequena barracasinha de pano, gordo, e bem disposto, e com todas suas forças, por não se atrever a marchar a pé, e com elle um china pequeno, e um cafre, que foi de Domingos Borges de Sousa. D. Duarte Lobo seu irmão ficou com elle um grande espaço, mostrando D. Sebastião neste trance tão grande paciencia, e bom animo, que se perseverou se pode piedosamente ter por certa sua salvação.

Sahimos dalli chegamos a passar outro rio com agua pelos peitos na baixamar, e dahi por diante parecia a terra mais fresca com algumas boninas, ortigas, e sarralhas, a que muitos obrigados da fome se lançaram de boa vontade assim cruas, como as achavam. Passando dous rios secos chegamos a um, que vadeamos com agua pela cinta, dando dalli em serras de terra fofa, das quaes entramos em um bosque, em que se achou um ribeiro, e aqui fizemos noite, tornando a marchar pela manhã pela praia, passamos tres rios secos, e outro, que para o passar foi necessario fazer uma jangada, que se offereceu a Nossa Senhora do Soccorro, em que passamos, e o fato, vindo a nós alguns cafres com quatro peixes, que lhe resgatamos, dando a entender que perto dalli ficava o resgate. No seguinte dia de Santiago marchando pela praia, nos metemos por um bosque, á causa de muitos recifes, que não podemos vencer, de matos espessos em que achamos armadilhas, e covas para elefantes, e em um alto cinco palhotas redondas, e abobodadas á feição de

um forno, em que se não achou nada, marchando adiante, e passados quatro rios secos, fizemos alto em um caudaloso, e arrebatado para ordenar jangada, em que o passassemos, ao outro dia de Santa Anna, aonde achamos alguns mortinhos verdes, achando se por ditoso quem alcançava delles, e outros de umas favas, com que deram na praia, de que os que comeram estiveram á morte.

Sabbado 27 de Julho passado o rio, marchamos por um bosque, de que sahindo á praia houveram alguns vista de fogo em um alto, e indo tres homens a ver o que era, tornaram pedindo alviçaras que havia vacas, pelo que com grande alegria, e devoção rezamos uma ladainha a Nossa Senhora. Deceram logo os cafres em grande numero, e entre elles um que fallava português, e se chamava João, que ficou por alli da nao Belem, e se deu logo a conhecer, e os mais fallavam por estallos, e traziam umas pelles com que se cobriam pelas costas, e o mais corpo nú, assim homens como mulheres, que só se differençavam, em trazerem as mulheres a cabeça cuberta com barretes do mesmo couro; neste sitio resgatamos neste, e no outro dia dez vacas, que se mataram, e comeram com resgate franco para todas as vacas, que quizessemos comprar, o que os nossos resgatadores não consentiram, dizendo, que dalli por diante todos os dias se acharia resgate. Pedio o almirante ao cafre João que quizesse vir em nossa companhia com grandes promessas, mas elle desculpando-se com ser casado, se ficou, e nós marchamos pela praia; á segunda feira nos sahio o cafre João, e os mais ás frechadas para nos matarem, e roubarem, não ousaram com tudo cometer o arraial, em que sempre estivemos com boa vigia.

Nesta praia deixamos um marinheiro, que servira de gageiro casado, e morador á Bica de Duarte Bello

em Lisboa, confessado por se não atrever a marchar, a que os cafres despiram á nossa vista, até o deixar nú, arrastando o pela praia, e elle de joelhos, e com as mãos levantadas em meio de todos lhe não podemos valer, e indo nós marchando pela praia nos serviram bem de frechadas, porém Urbano Fialho, e Salvador Pereira ás arcabusadas lhes fizeram largar o posto, e dar logar a caminhar mais livremente por um caminho aspero, e trabalhoso, de que sahimos por umas lapas, em que colhemos um cafre muito velho, que alli vivia, de que não soubemos nada de novo. Errando o caminho viemos a um rio grande, aonde se passou bem roim noite á causa de grande frio, e falta de agua, e ao outro dia pela manhã esperamos a passar o rio em baixamar a vao com agua pela cintura, vencendo a corrente com grande trabalho, e seguindo novo caminho por recifes tão agudos, que aos que iam calçados molestava muito, e aos outros rasgava os pés, passando com os focinhos pelas pedras. Sahindo deste trabalho entramos em outro egual de serras ingremes, que pareciam ir ao céo, donde passamos a uma ribeira de agua, em que descançamos, havendo vista de cafres, que chegaram á falla, e resgataram cinco peixes, dando a entender que havia adiante resgate. Aqui se achàram alguns figos, que na India chamam da gralha, mas poucos, e subindo a uma serra, na decida della fizemos alto para passar a noite junto a um ribeiro de agua doce. Ao outro dia mandou o almirante descobrir terra, e ver se havia algum povoado, ou gado, e monteando assás voltáram os que foram ao arraial cansados famintos, e sem noticia alguma. Daqui marchamos caminhos pela praia por recifes, em que se mariscou para comer, crú assim como se achava, por quanto a fome escusa guisados. Chegamos dahi a um rio muito largo, e de grande

corrente, em cuja passagem gastamos tres dias por esperarmos baixamar, e a agua quieta passando com ella por baixo dos braços, donde fomos descançar a uma praia, em que nos custou muito trabalho achar agua de beber, aonde mariscamos algumas ostras nas lapas, com que se aliviou a fome, por haver cinco dias se não comia nada, e a este rio chamámos de S. Domingos, por se achar em sua vespora. Com trabalho por a fome a fazer peior, passamos este caminho, até dar em um monte de terra movediça, tão apique, que por nos valermos das raizes de figueiras bravas, que a natureza alli criou nos serviam mais as mãos, que os pés, e para poder passar uma barroca grande, e alcantillada para o mar fizemos todos o auto de contrição, porque se se escapava delle abaixo se dava em recifes, e lagens mui agudas. Causou maior trabalho o mestre Jacinto Antonio, a quem coube aquelle dia levar a dianteira, por se adiantar passando um rio com agua pela cinta, estando-nos nós todos vestindo, com uma escopeta, e uma inxó na mão, se levantou uma voz que o mestre, e alguma gente que o seguia se apartava, fama que havia dias corria no arraial, pelo que em seu seguimento se foi a maior parte do arraial, ficando D. Duarte Lobo, e seus camaradas, que não sabiamos deste engano, tornamos ao caminho por dentro de um mato avançando uma serra com menos trabalho, sahindo aonde os affligidos que seguiam ao mestre montavam mais mortos, que vivos, a que perguntando por elle nos disseram, que tomára outra subida mais perigosa por não achar sahida pela praia.

Ajuntando-nos todos outra vez, e descançando, marchamos até assentar o arraial junto a um ribeiro, sendo já tanta a fome, que nem ás ervas verdes perdoava, que tal vez se não achavam correndo o ribeiro muitas vezes por ellas, e comendo-as cruas. Pela ma-

nhã começamos a marchar, ordenando-se aos resgatadores que fossem sempre diante alternados descobrindo se se achava rasto de resgate, de que Paulo de Barros houve vista de cafres, de que se não alcançou cousa certa ; indo tão desfallecidos, que onde nos sentavamos a descançar, a gatas andavamos buscando ervas, e favas de pés de cabra, sabendo que em as comer nos arriscavamos á morte, por serem peçonhentas.

Mudamos o caminho da praia por ser muito esteril sem ostra, lapa, nem cangrejo nella, e mui chea de recifes. Entrado pela terra dentro fizemos alto junto a uma ribeira de boa agua, aonde achamos palhotas de cafres, que vendo-nos se meteram no mato sem querer vir á falla com nosco. Viemos daqui a uma pedreira cuberta de arvores frescas, com um charco de agua doce tão clara, que nos convidou a descançar, aonde se buscaram algumas ervas, e quem achava cangrejo se tinha por venturoso. Dous dias marchámos a terra dentro, padecendo as maiores fomes, que já mais os nacidos soportáram, em que aconteceu em uma destas noites chegar-se um grumete a uma fogueira, que se fazia junto á barraca de D. Duarte, descalçando-se açar um sapato, e come-lo com grande sofreguidão, por não dar parte a outrem.

Ao terceiro dia marchamos sete legoas por serras, e caminhos asperos até dar á vista de um rio, para o que decemos com trabalho uma serra ingreme, e pelo cansaço da marcha, sem ordem no caminhar, e com risco de se dividir o arraial, pelos caminhos encontrados, que se offereciam, se não deramos fé delle de uma serra, tornando muito atraz para a não perder, a que chegamos bem noite, junto a um rio, aonde se acharam muitas beringellas bravas, e amargosas, que se comeram sem saber o que era botando as pevides fóra, e outros a que não abrangiam, aquentavam

agua com pimenta, e a bebiam, e os que escaparam algum ambar o mascavam, por perderem o sentido do comer. Neste rio fugiram esta noite todos os cafres, que carretavam a D. Duarte, roubando todo o arraial do cobre, e caldeiras, e o mais que puderam levar, sentindo-se só ficar este fidalgo exposto com a falta delles a não poder marchar com nosco por vir muito falto de saude e forças. No dia seguinte aos nove de Agosto levantando-se o arraial para o mar junto ao rio em busca de vao, que achamos seco sobre tarde, sendo Deos servido acharmos muitas figueiras bravas da India, cujos talos crus, e cosidos serviam de aliviar a fome. Aqui chegamos tão fracos, que alguns se deixaram ficar atraz não se atrevendo a marchar, e assentamos logo da outra parte do rio, e ao outro dia de S. Lourenço marchando pelos montes altos por a praia não dar lugar, se deixou ficar João Delgado, que já fizera o mesmo o dia d'antes, e o almirante, e eu o trouxemos na retaguarda devagar, fez seu testamento, e confessando-se de novo com o padre Francisco Pereira, me pedio o deixasse á vista do mar, aonde ficou, tendo já o arraial trasposto uns montes, e indo já apartados, e despedidos delle. Começou a gritar, e correr atraz de nós, que querendo-o esperar, cahio elle de focinhos sem se levantar mais deixando o nós por seguirmos o arraial, que tambem nos deixava, e julgando que elle nos não podia acompanhar.

Era este mancebo casado em Extremoz, e ia com remedio, tendo servido na India desde o anno de 1635 em que passou a ella com Pedro da Silva, a quem servio. Este dia sobindo, e decendo serras se marchou pouco, assim por causa do caminho aspero, como por vir D. Duarte Lobo impossibilitado, e o não querermos deixar, nem a outros, que iam ficando desmaia-

dos, a que se acodio marchando menos, e devagar, lançando-se no chão a tomar folego, acabando de vencer uma serra, e subindo outra lastimando assás a quem os ouvia. Sobre a tarde á decida de um monte ingreme chegamos a uma pequena praia, em que havia um ilheo, que de maré chea ficava rodeado de agua, e muito grandes seixos em uma enseada pequena com uma ribeira de agua, julgando não faltaria marisco para aliviar a fome que nos tinha reduzido a estado, que não tinhamos mais que a semelhança de homens, e revolvendo toda a praia se não achou nada, ficando-nos por experiencia que nos recifes de semelhante pedra não ha marisco.

Nesta occasião, e sitio desgarrando-se os cafres do sotapiloto Balthazar Rodrigues a mariscar deram em uma barroca com a cabeça de um tigre muito podre, com muitos bichos, e máo cheiro, a que logo comeram a lingua, e o mais muitos contentes trouxeram a seu senhor, que o poz a coser com seus camaradas, e com D. Duarte Lobo, bebendo-lhe primeiro o caldo, com tanta vigia, que por guardar este seu achado dos mais, esteve em quanto se cozeo com uma espingarda concertada para o defender se lho quizessem furtar, e pedindo um religioso um pequeno não abrangeo a elle. O dia seguinte indo marchando alguns acharam no mato dous ratos mortos e de mao cheiro sobre que houve debates na repartição. Indo Paulo de Barros adiantado deu na praia com um cafre de que se alcançou estarmos perto do rio da nao Belem, e de que não faltava resgate de milho, e vacas deu-se-lhe sua joia de cobre, que elle restituio com um pequeno de milho, que trazia, que repartindo-se por todo o arraial couberam a cada pessoa doze grãos: cobramos alento com esta nova, e prostrados por terra demos graças a Deos, e se resou uma ladainha a Nossa Se-

nhora com muita devoção. E subindo uma serra bem ingreme tornamos á praia, e marchamos até um rio, que não sahia ao mar, onde assentamos o arraial na ribeira á vista de duas palhotas, em que o cafre, e seus companheiros se recolheo, dando a entender que a sua povoaçâo estava longe, para onde nos acompanharia o outro dia, e deu ao almirante um lenço de mexilhões, que repartio com D. Duarte.

Assentando o arraial se sahio cada um pelo mato a colher figueiras para lhe comer os talos, e por uma negra dizer que umas flores vermelhas, que trazia na mão se comiam cozidas, se fizeram dellas caldeiradas, que comeram, e eram ervas babosas, as quaes causaram taes agonias, que a não aliviarem os que as comeram com bazares, e vomitar morreram por ser peçonha. Aos doze de agosto marchamos em companhia do cafre, que se chamava Benamusa, por um outeiro a pique na subida do qual descançamos muitas vezes, e vencida esta difficuldade descançamos em cima junto a umas palhotas, e o almirante deu uma manilha de cobre ao cafre para nos guiar, o qual nos deu a entender se queria adiantar, e que se inviasse com elle alguma gente para trazer resgate da sua povoação duvidou se ao principio, mas o cafre era tambem encarado, e alegre, e a fome, que apertava tanto, e tão fea, que uma, e outra cousa facilitou as difficuldades, que se offereciam, ordenando se a Paulo de Barros, que com seis marinheiros, e Aleixo da Silva com dous passageiros, tirando forças de fraqueza, se adiantassem com o cafre, a quem dando-se algumas joias de cobre se foi muito contente, e se lhe juntaram outros tres, que o esperavam no mato, a que seguimos perto de uma legoa, e chegando ao alto de uma serra gritaram alto esperando, e dando-nos os parabens de se ver já o rio da nao Belem, termo

de nóssas esperanças; onde descançamos uma legoa delle. O cafre, e os que o acompanhavam tomaram seu caminho, sendo o nosso para o rio outro, pelo qual decendo chegamos á praia delle já tarde, em que assentamos o arraial, e achamos algumas reliquias da nao Belem, e alguns mortinhos.

Neste caminho esteve por vezes á morte o padre Fr. Antonio de S. Guilherme de peçonha de umas favas, que comeu assadas indozido de Domingos Borges de Sousa, que lhe affirmou as comera assim sem lhe fazerem mal, porém tornou em si a poder de pedra bazar moida, e outras contrapeçonhas. E á noite se ceou na barraca de D. Duarte Lobo um pedaço de couro de fardo de canela assado, e em outro rancho uma alparca de couro, que se trouxe nos pés mais de vinte dias, e na barraca de Jacinto Antonio o mestre um cão dos cafres, que se matou á espingarda, de que senão partio, nem com D. Duarte, de que elle ficou sentido.

Por se não achar agua desta banda abrimos cacimba na area de muito boa agua, e passamos tres dias confiando em Deos, e nos que foram com o Benamusa em os quaes fizemos uma jangada para passarmos o rio, e resgatando a alguns cafres, que vieram tão pouco milho, que não coube a cada pessoa, mais que uma chavana. A quarta feira vespera de Nossa Senhora da Assumpção chegaram a outra parte do rio os que esperavamos da aldea do cafre, livres da fome, e com as mochilas providas, e cafres em sua companhia com seis vacas vivas de resgate, e tendo feito a jangada, que dedicamos a S. Domingos Soriano, passou logo o rio a buscar Vicente da Silva criado de D. Duarte para dar razão do que acharam do resgate, sitio das aldeas e costumes da gente, este mancebo trouxe a seu amo um pequeno

de milho, dous mocates, e uma pequena de vaca cozida, de que o fidalgo partio com o almirante, e outras pessoas, e o mais servio de regalo a elle, e seus camaradas.

Ao outro dia de Nossa Senhora houve grande trabalho em passar a arpoeira para poder barquear a jangada por o rio ser largo, e de corrente apressada, e não podendo passar todos este dia ficou o almirante com os mais para o outro. E querendo um grumete passar a nado o arrebatou a corrente da vazante, de maneira, que o não julgamos escapar, e absolvendo-o de terra o padre Fr. João da Encarnação, e chamando por São Domingos Soriano, o colheo uma rebeça levando-o a terra sem dano algum. Os cafres, que vinham com as seis vacas de resgate por nos acharem ainda da outra parte, se tornaram á noite a suas aldeas, prometendo tornar com ellas, contra o credito dos que passaram primeiro o rio, que não criam o que os que vieram com elles, contavam da abundancia, que acharam, e boa passagem, que o cafre lhes fizera, pedindo a D. Duarte, que foi dos primeiros que passaram, enviasse ás aldeas apressar o resgate, a que se mandou Urbano Fialho Ferreira, e o contramestre Antonio Carvalho da Costa, e outros com armas, e cobre para resgatarem.

O dia seguinte dezaseis de Agosto acabou de passar o arraial, assentando entre duas serras á vista do mar, aonde chegaram os cafres com vacas, que se lhe resgataram, e repartiram pelos ranchos, matando uns, outros assando, e cozendo, e todos comendo com tão boa vontade, que senão lançava fóra mais que as pontas, e unhas das vacas, que tudo o mais servia, e vindo decendo depressa mais com muito gado, milho, e mocates, houve desordem da nossa parte aproveitando-se os resgatadores do mais, e melhor, espalhan-

do-se alguns pelo mato, e esperando os cafres, resgatando-lhe milho, e mocates em grande prejuizo de todos, dando por um mocate cobre, com que se resgatavam tres, e quatro no arraial, e os cafres achando fóra este preço não deciam com mais que com vacas, a respeito do que se lançou pregão com pena de morte, que ninguem sahisse fóra do arraial a resgatar, o que não bastou, porque ainda a fome á vista de tanta carne se não satisfazia. Ordenou-se ao mestre Jacinto Antonio, e outros rondar o mato, e caminhos não consentindo que se resgatasse, e que prendesse os que achasse, como achou tres portuguezes, e tres negros nossos, que prendeo, e trouxeram ao arraial, aonde feito concelho, os deputados deram por castigo, que dos tres brancos dous corressem com baraço, e pregão pelo arraial, e se lhe pregassem as mãos, e a outro faltou prova. Dos negros se lançou sorte para haver de morrer um, a qual cahio em um mulato de Urbano Fialho, em quem logo se executou, e os outros dous foram rigurosamente açoutados pelo arraial, encarregando-se esta execução, assim dos portuguezes, como dos negros ao meirinho, e sendo verdugo um negro. Na mesma pena encorreo um page do almirante, que ás costas de um negro, e com pregão, foi bem açoutado. Uma noite destas havendo dous dias, que faltava o resgate, se fez um curral, em que se recolhiam, e amansavam as vacas, que se resolveo trouxessemos vivas não cessando a todas as horas de ir gente á fonte, que ficava dous tiros de mosquete por detraz de uma serra, estando os nossos já recolhidos, tomaram a um negro nosso um caldeirão nella, e tornando para o arraial com grandes gritos, acudimos com as armas, e pelo tom da falla disparando-se uma escopeta alcançou a um cafre por uma perna, que logo trouxeram, e deixando-o preso, e com

centinella para o outro dia ser justiçado, em nos recolhendo se levantou outra grita, a que se acodio, e inquirindo achamos serem os companheiros do cafre ferido, que com elle tinham vindo a roubar, e como a noite era escura, sem a centinella dar fé o carregaram ás costas, e o levaram comsigo para o mato. Acharam-se neste conflicto menos dous cabrinhas nossos, que fugiram, levando a seus amos um caldeirão, e uma sertãa de cobre, e outro resgate mais oculto.

Entendendo haveria mais ladrões se embarcou alguma gente da nossa, e a poucos passos demos com um cafre, de que se lançou mão pretendendo elle com forças livrar-se, porém Joseph Gonçalves Velloso marinheiro, morador em Belem levando de uma escopeta, lhe deu com ella, e lhe quebrou um braço, e acodindo com fogo para o conhecer se achou que era um cafre por nome João, dos que haviam fugido a D. Duarte Lobo da Silveira, e roubado o arraial, a quem o almirante fez perguntas, e disse, que elle, e outros seus companheiros andavam por alli a roubar, pelo que o mandáram enforcar ao outro dia, depois de confessado. Logo começou outra vez a correr o resgate, como de antes de muito milho, mocates, e alguns cabaços de leite, e vacas, sendo estes barbaros já mais domesticos, por ventura pela communicação, que tiveram com os nossos da nao Belem, em sua perdição no anno de mil e seiscentos e trinta e quatro, o tempo, que neste sitio fizeram os pataxos.

Nos dias, que aqui nos detivemos, que foram quatorze, ou quinze para descanso da gente quebrantada com tantos dias de fome, e trabalho do caminho, que haviamos passado, houve algumas discenções, e tratos de se apartarem alguns, e marcharem em arraial apartado pelo mao governo do almirante ocasionado

de sua frouxidão, e bondade, o que se não conseguio por o tempo dispor outra cousa. Os que haviam ido os dias atraz ás aldeas apreçar o resgate de vacas, como lá havia melhor pasto, se deixaram andar, e tornando ao arraial, achando-nos já de barbas feitas se admirou, por se não conhecerem uns a outros pelas debilitadas figuras, em que estavamos, e houve pessoa nesta paragem, que confessou lhe haviam com fome sahido nós pelo corpo que já mais imaginou podia ter.

Os cafres que nos fugiram com o que se enforcou, achando-se sem elle pediram seguro, e tornarem para o arraial, o que se lhe concedeo pela falta, que faziam a D. Duarte Lobo, e a impossibilidade, com que este fidalgo se achava para poder marchar, a causa de novos achaques, que o molestavam, sobre os que já trazia do mar, que eram muitos, e assim para algum alivio tratou de amansar dois bois, e se concertou com dezaseis grumetes, que o carretassem por tres mil e quinhentos xerafins pagos em Moçambique, e tendo isto contratado uma segunda feira á noite de vinte e cinco para vinte e seis de Agosto lhe deu um accidente de ventosidades, de que esteve mui atribulado, a que se lhe acodio com algalia, remedio de que usava por ser mal velho, com que melhorou, porém de improviso o cometeo o mesmo mal pela garganta, que mal lhe deu lugar a fazer um acto de amor de Deos muito bem feito, e com a ultima palavra lhe faltou a falla, tendo nas mãos uma lamina de Christo na Cruz. O padre Fr. Antonio de S. Guilherme, vendo-o nesta agonia lhe gritou lhe apertasse a mão se se queria confessar, o que elle fez bem rijo, e sem fallar mais o absolveo, e espirou logo. Foi a morte deste fidalgo a mais sentida de quantas succederam neste naufragio por ser fidalgo tão agradavel a todos,

que se não achou pessoa, a que não magoasse a perda de sua vida por muitas razões, que por respeito, e obrigado deixo de apontar. Era D. Duarte Lobo filho segundo de D. Rodrigo Lobo general, que foi d'armada deste reino, passou á India no anno de 1629 com o conde de Linhares despachado com a fortaleza de Baçaim por tres annos, e das terras de Bardés em vida. Avendo-se embarcado antes na armada da costa, que se perdeo em França, no galeão Santiago, que escapou brigando só com quatro naos de turcos valentemente. E no Estado da India servio por seus graos de soldado capitão, capitão-mór das armadas, e ultimamente governador dos estreitos de Ormuz, e mar Roxo, aonde acclamou S. Magestade, que Deos guarde; achando-se em boas occasiões de seu serviço, e no do soccorro da ilha de Ceilão por soldado de seu irmão D. Antonio Lobo, obrando em todas com grande satisfação, que os Vice-Reis mostráram sempre de sua pessoa. Passava ao reino nesta nao mais por ver a Sua Magestade, que por alcançar satisfação de tantos serviços.

A vinte e oito de Agosto dia de Santo Agostinho começamos a marchar, e seguindo o caminho chegamos a descançar a um ribeiro junto da praia, esperando por João Lopes tanoeiro da nao, a quem o almirante mandou por seus camaradas uma vaca mansa, que ficou de D. Duarte Lobo por nos não poder acompanhar de uma facada, que lhe deram em uma perna. Entrando com o arraial mais dentro da terra assentamos para passar a noite em uma chãa junto a uma ribeira de agua salobra, aonde se mandou enforcar com pouca prova um cafre dos que vieram com o seguro, que ficou de D. Duarte Lobo por se dizer que o resgatara, e outro seu camarada, que havia acarretado o mesmo fidalgo, e era do sotapiloto fugir com medo

por ser dos mesmos, que vieram com seguro. Neste sitio nos detivemos um dia por succeder no arraial um levantamento, querendo apartar-se, dizendo, que nào convinha irmos juntos, porque não haveria resgate para todos. Por causa do que chamou o almirante a conselho, e por todos se descontentarem de sua bondade, se votou que ouvesse divisão, que cessou por não concordarem na eleiçào do novo capitào, e repartição do cobre. Tornamos a marchar o outro dia trinta de Agosto com algumas vacas diante, até um bosque fresco á vista de tres povoações, de que sahiram muitos cafres, e cafras com grande resgate de vacas, milho, leite, e mocatés, onde assentamos este, e outro dia gozando desta fartura. Tornando os marinheiros, e grumetes a levantar voz, que se queriam apartar com o seu mestre, e que se dividisse a gente, repartisse o gado, e cobre, e armas, em que o almirante, falto de amigos, e de conselho concedeo, fazendo primeiro termo nos livros del-Rei das causas, e modo, porque aquelle apartamento se fazia, que era por o bem de todos, a que em umas partes faltava o resgate, e não abrangia a tantos, e que marchando apartados todos passariam melhor.

Repartio-se a gente, armas, gado, linhas, arpoeiras e caldeirões, e o mais, e dando o almirante a dianteira ao mestre, ficou marchando o mestre com a melhor gente do mar, e o rancho dos camaradas, que fomos de D. Duarte Lobo, que depois de sua morte nos conservamos sempre sem divisão, e com as melhores armas do arraial, de que era cabeça o padre Fr. Antonio de S. Guilherme, por seu grande talento, e valor, com que sempre militou na India, achando se em occasiões de guerra, em que o bem mostrou, antes de entrar na religião. Nesta companhia foram o padre Fr. Diogo da Presentação ; e Fr. Bento Arrabido, e

Fr. João da Encarnação, e por resgatadores Aleixo da Silva, e Antonio Carvalho da Costa.

Com o almirante ficaram seus camaradas, e os padres Fr. Afonso de Beja, Francisco Pereira, e o capellão da nao, e Frei Ambrosio de Magalhães de Menezes, e Domingos Borges de Sousa, Veiga, e Faro, e os mais officiaes da nao, e Paulo de Barros por resgatador. Neste sitio fugio um cafre a Roque Martins de Miranda, compadre, e camarada do almirante com tudo o que trouxera da China, onde era casado, e escapou da nao. Despedimo-nos uns dos outros com grande sentimento, pedindo-se perdões, e passadas duas, ou tres horas, que o mestre começára a marchar, se levou o almirante com o seu arraial com o gado diante por meio das povoações, de que lhe sahia muito resgate, que como eram poucos a todos abrangia, sendo os cafres mais doceis, e tanto que passando por suas aldeas, tal vez o seu gado se mesturava com o nosso, e elles o apartavam com muita quietação. Deste modo ouve o almirante vista, pelas quatro horas da tarde da companhia do mestre, que estava resgatando, depois de haver rodeado, e atravessado muitos caminhos, por se adiantar, trabalhando cada qual dos resgatadores por ser o primeiro; sem embargo, que nos tornamos a encontrar, marchando o almirante diante com o seu gado, e companhia, e nós seguindo-o, até um rio, em que fizemos alto, elle de uma parte, e o mestre da outra, o qual era de muito boa agua, e dava pela meia perna, e com muito fresco arvoredo. Armaram-se barracas, meteo-se o gado no meio com boas centinellas. Pelo discurso da noite se atirou do arraial do almirante um tiro de espingarda, por gritarem os nossos moços, que os cafres se tinham emboscado, para dar nos caldeirões, com que se ia buscar agua ás fontes, mas nesta não tiveram bom suc-

cesso, porque evitando este risco se valeram os nossos para isso de cabaços que tinham resgatado com leite, repartidos pelos ranchos. Aqui ficou o mestre dous dias sem marchar, por acodir muito resgate de toda a sorte, e algumas galinhas, e espetadas de gafanhotos que os cafres offereciam, imaginando se lhe daria cobre a troco. Aos cinco de Setembro pela manhã, rezando primeiro uma ladainha a Nossa Senhora, marchámos por uma serra muito ingrime, decendo-a logo á outra parte, de que não passamos aquelle dia pelo muito resgate, que acodio ao longo de um rio clarissimo, e de boa agua, em que resgatámos vacas, leite, e mocates, em meio de muitas povoações, donde o dia seguinte marchámos por um monte alto, com dous barbaros, que nos serviam de guia, deixando enforcado um cafre, dos que nos tinham fugido, e roubado o arraial.

Como estes barbaros fazem toda sua estimação do cobre, se conjuráram todos os do resgate do dia de antes, para nos roubar, servindo-lhes de espia dobre os dous barbaros, que se nos offereceram por guias, como fizeram, lançando a fugir por um mato com uma vaca, com que se ouvéram de acolher, se não fora a diligencia dos que iam diante, e pegando Joseph Gonçalves Velloso de um delles para o amarrar, lhe lançou o outro mão á mochila, sobre que andaram a braços, a que acodio Vicente da Silva, largando da mão a espingarda, de que affeiçoado um cafre do mato lançou mão, e correo tão ligeiro, que se lhe não pode valer. E saindo daqui nos achamos em um campo cercado de tantos cafres, como estorninhos, em ala, e som de guerra, brandindo azagayas, infinitos para cada um dos portuguezes, mas nós despedindo balas, ainda que com pouco effeito por ser de longe, os fizemos retirar, deixando-nos seguir nosso caminho,

sempre á sua vista, até um mato, em que nos metemos, imaginando ser desvio desta canalha, ordenando-se a marcha mui atento, com armas na dianteira, e retaguarda, e o gado no meio, e vigias pelos lados, por ser o caminho roim, e comprido, e os cafres não perderem ponto de nos offender, cometendo nos no meio do mato com grande grita, mas favorecendo-nos Deos lhe matámos logo tres, e sem dano nosso nos achamos livres do mato, e perto de uma fonte de boa agua nos acodio algum resgate, de que não se admire quem o ler, porque esta gente vendo cobre não reparam, em que lhe matem pae, e mãe, nem parentes.

Aos sete de Setembro marchamos deste lugar por grandes campinas, com muita nevoa, e sem poder romper as nuvens de gafanhotos. Aos oito dias do nascimento de Nossa Senhora, acodiram muitos cafres com resgate de vacas, e milho marchando por terra de trinta graos mui aprazivel, e alegre, com vista de muitos passaros grandes a modo de garças reaes, mas tão altos, que ao longe pareciam carneiros. Aqui avistamos um dia um bando de leões bem grande, que andavam em um valle brincando, sem darem fé de nós, que passamos por um alto, de que vimos o mar, para onde marchamos com quarenta e duas vacas vivas em nossa companhia, não tratando de entrar mais pela terra dentro pelo risco dos cafres. Dia de S. Nicolau de Tolentino, marchando pela praia, achamos um farol, e muita madeira, que julgamos ser fabrica de alguma nao, que devia dar á costa, e antes do meio dia chegamos a um rio caudaloso, que se não passou aquelle dia por ser de grande corrente, e estar a maré chea, aonde vieram alguns cafres pescadores da outra parte sem trazer resgate, de que alcançamos depois vinham a espiar-nos, vadeando o rio com agua pela

cinta, a quem deixamos o nome de rio da Cruz, por uma de pao que alli levantamos, e outra que se esculpio em uma pedra, para se a companhia do almirante viesse atraz, saber que eramos passados. Subimos a um teso de pedras, aonde nos esperavam mais de duzentes cafres com suas azagaias em som de guerra cubertos com rodelas de couro, de que usam, os quaes cometemos castigando seu atrevimento com a morte do que os capitaneava, a que acertou Antonio Carvalho da Costa, com duas balas pelas pernas, de que cahio ferido, e o acabamos de matar á espada desemparando os mais o campo á vista deste, porque não é gente, que mais espere, e advertindo, que quando estes barbaros vem muitos juntos sem resgate, vem a furtar, e não é acertado então poupa-los, sendo sempre o caminho da praia o mais acertado, e seguro, aonde nos tornaram a sahir ; mas matando Aleixo da Silva outro á espingarda, deixaram de nos seguir.

Nesta praia se ficou por não poder marchar um moço da India muito bom cirurgião. Chegamos este dia á noite a assentar junto de uma lagoa por detraz de um rio, que nos impedia a vista do mar. Ao outro dia doze de Setembro nos não levamos, por se levantar uma grande trovoada, e relampagos, e lançando os olhos a uma serra, vimos muita gente, que marchava com vacas diante, e vinha depressa a buscar sitio, em que se recolhesse da chuva. Conhecemos ser a companhia do almirante, que havendo vista do nosso arraial disparou duas espingardas, a que respondemos com outras, e vieram assentar da outra parte da lagoa amparados de um mato, donde vindo a nós Paulo de Barros, e outros soubemos a mal afortunada jornada, que haviam feito, e destroços, que tiveram dos cafres.

O mestre Jacinto Antonio, mandou por Fr. João

da Encarnação, visitar o almirante, a que respondeo por escrito, pedindo-lhe, e requerendo lhe se tornasse a unir á sua companhia para juntos se defenderem melhor dos cafres, que se podiam juntar em dano de todos, protestando, que do contrario daria conta, do que por essa causa succedesse.

Com este escrito fez o mestre conselho, em que depois de varios pareceres, em que os marinheiros votaram, nos não unissemos, por nos não governarem os passageiros, a que o almirante só deferia, com tudo o mestre intimidado por Frei João, que tornára a visitar o almirante, e pelo receio dos cafres, se resolveo em se unírem, ficando iguaes na jurisdição, e mando, o que então pareceo convinha mais á conservação de todos. Deixemos descançar os arraiaes unidos, em quanto damos razão do succedido a Antonio da Camara de Noronha, os nove dias, que marchou apartado.

Tanto que amanheceo o dia, que o almirante se apartou de nós além do rio começou a marchar pela serra acima, dando ao decer della com muito mantimento, atravessou um mato espesso, e sahindo a terras chãs com resgate de vacas, milho, mocates, e leite, dando com uns negros de boa natureza, que o acompanharam, ajudando-lhe a trazer as vacas, ainda que sempre com os olhos, no que poderiam furtar. Fez duas jornadas com esta fartura, e na terceira, passando um mato pequeno, apanharam das costas ao irmão do sota-piloto a sua mochila lançando-se o cafre a fugir, sem o poderem offender, por sua grande ligeireza. Outro cafre investio tambem com um mulato do contramestre, por lhe furtar os alforjes, e em quanto andavam ás pancadas, se lhe acodio, e fugio o cafre. Dahi passou a um rio com muito arvoredo, em que passou o rigor do sol, á vista de povoações,

de que lhe sahiram com muitos cabaços de leite. Querendo subir a uma serra, lhe sahio um cafre de boa feição, com muitas manilhas de cobre, e trezentos em sua companhia, mas sem armas, e tratando de resgate, e mostrando-se-lhe eobre, respondeo em portuguez, que não queria por as suas vacas, se não prata, como a lua, e ouro, como o sol, de que se entendeo devia aquelle cafre ficar alli pequeno, de alguma perdição.

Paulo de Barros, que por ter já passado este caminho, entendia bem o modo dos cafres, alcançou deste, que atentava para o gado, que o almirante já trazia manso com carga, e receoso de alguma assaltada, começou a marchar com as vacas diante, e um grumete, com alguns cafres da terra, que o tangiam. Tanto que os outros o viram marchar sahiram atraz delle, e chegando ao alto da serra vendo os cafres, que os que o seguiam não podiam chegar tão depressa, por ser o caminho aspero, e comprido, saltaram em Paulo de Barros, e no grumete ás pancadas, sem lhe valer a espingarda, e espada, que trazia, para o não moerem a pancadas, com umas braças de pao que traziam, e os feriram, tomando lhe os alforges, e tres vacas vivas. O grumete se defendeo melhor com um bacamarte, sem perder mais que o chapeo, por chegarem os mais a Paulo de Barros, e juntando as vacas o curaram da ferida. Soccedeo isto á vista de uma povoação, em que os negros do nosso arraial entráram, e roubando o que acharam de comer, não consentio o almirante lhe puzessem o fogo. Salvador Pereira chegando com o arcabus a umas arvores passou entre mais de cento e um cafre, e dando com elle em terra, os mais se afastáram, deixando os alforges, que tomáram ao Barros abertos, tomando o que lhe melhor pareceo com grande festa. E depois disto em qualquer parte, que assen-

tava o arraial, o não deixavam de seguir estes cafres, sem ouzarem ao cometer, mas chegando á vista de dous montes, e forçado a passar pela fralda da mão direita, no mais ingreme se atravessáram mais de trezentos cafres em um, e outro com suas armas, e chegando ao meio caminho se preparou a retaguarda esperando pelos que ficavam atraz, adiantando-se Domingos Borges, com alguns mais, que o seguiram pelo monte assima avançou o alto que os cafres largáram ficando elle senhor do posto, com o que os mais marcháram pela fralda sem dano algum, seguindo-os sempre os barbaros até chegar a uma châa com arvoredo, em que Domingos Borges, sem ser visto, se embarcou, e matou um. O que foi occasião de se enfurecerem de maneira, que desviando-se de tiro de espingarda, não deixavam de perseguir ás pedradas, tanto que decendo-se algum monte era necessario poremse tres homens com as armas de fogo ao rosto até o arraial passar, e logo em outro passo outros até chegarem a outras povoações, sem lhe fazer dano algum levando as vacas diante com gente de vigia, e chegando a um passo estreito com serras altas de uma parte, e da outra mato tão cerrado, que se não podia romper, os cafres os serviam de pedradas, de que se não puderam valer ferindo ao almirante, Salvador Pereira, na retaguarda, sem poderem ser senhores de si, nem atirarem mais, que o primeiro tiro, que não empregáram, vendo-se aqui muitos brabateadores, que correram bem para se livrar da trovoada que foi bem grossa. Passada ella se juntaram todos em uma terra, que havia sido semeada, junto a um rio, e os cafres entendendo que o arraial ficava alli, puzeram fogo á erva que estava seca, pelo que o almirante passou á outra parte do rio marchando para umas serras, assentando no mais alto dellas, para passar a noite com

vigia até amanhecer, sem armar barracas, nem fazer de comer com os cafres á vista, dando grandes caqueadas, e a entender, que cometeriam de noite o arraial. E o almirante antemanhã se levou seu caminho pela serra assima com as vacas, aonde achou que já os barbaros tinham occupado o alto della com galgas juntas, e por não haver outro remedio se dispoz Domingos Borges de Souza, Salvador Pereira, e outras pessoas a vencer este risco com as espingardas ao rosto, e os olhos nas galgas, que os cafres começavam a lançar com dano dos nossos, e indo buscar outras, tiveram os nossos lugar de avançar o alto, e elles se retiráram deixando passar todos a salvo. Descançando deste trabalho marcháram um pouco, e foram fazer noite junto a um rio, aonde chegaram bem destroçados do caminho, e dos cafres marchando muito aquelle dia por ver se se podiam adiantar de tão má canalha, e o almirante bem mal tratado das pedradas. Ao outro dia subindo, e decendo serras, e caminhos asperos, encontrou cinco cafres, que o seguiam, e chamando-os, o não quizeram esperar então, e ao meio dia chegaram dous delles, e dando-lhe pequenos de cobre para lhes ensinarem o caminho, elles o meteram em um mato cerrado, em que a poucos passos entendeo o guiavam para traz, e elles vendo, que eram entendidos, lançaram a fugir, havendo já votos, que os matassem. E marchando veio o almirante a um rio de muito arvoredo fresco, aonde descançando um pouco, mandou passar palavra para marcharem, o que se aceitou mal, por estarem cansados, e ser o posto bom, e cometendo uma serra, os cinco negros, que se adiantaram atraz, passaram o rio primeiro, e occuparam o alto della sem serem vistos, e tanto que o tiveram debaixo, começaram a lançar galgas, e atalhar o caminho, e sem duvida se os cafres foram mais es-

te dia escapára difficultosamente, com tudo se apressaram, e não descançaram até se ver na maior altura da serra, a que chegáram esbofados, com que cobraram algum alivio. Tornando logo a marchar por terras chãas, e caminhos seguidos, descobrindo tanta copia de cafres, que negrejavam os campos, e assim foram andando até uma subida, em que estava o Benamusa, a que chegáram sem agravo, e se viram em cima com elle cercados de povoações, e de muitos cafres com vacas, de que ficáram contentes, parecendo não faltaria resgate. Falláram com o Benamusa, que parecia pessoa autorisada, cuberto com uma capa de couro retalhada em tiras, e o mesmo os seus, que é a maior gala destes barbaros. Pedio-lhe o almirante que o mandasse guiar para um rio, que parecia, e aonde resgatariam, para o que lhe deu suas joias de cobre, com que se satisfez, mandando dous cafres seus por guias, com o que foram marchando com armas na mão, vacas diante, e cuidado na retaguarda, advertidos do que já lhe tinha succedido. Entráram por um caminho seguido cercado de uma parte de mato espesso, e da outra de pedreiras altas, a modo de edificios velhos, e em parte lapas naturaes, que serviam de reparo, para o que logo succedeo, que juntos os cinco cafres, de que atraz se fez menção com estes os avisaram da morte dos tres, e unidos se atravessaram em cima destas lapas com muitas pedras, que despediram chegando o gado, que ia diante, sendo-lhe necessario para fazerem tiro descobrir o corpo, dando primeiro na ponta das lages, e dellas no caminho, com que deram lugar á gente se desviar, indo sempre os que marchavam diante com o tento nellas, gritando, que havia traição, o que vendo os cafres, que guiavam, quizeram fugir, mas Domingos Borges de Souza leando a espingarda ao rosto derrubou logo o primei-

ro, e o outro escapou por meio de seis espingardas, sem se lhe poder fazer tiro, tão ligeiros são estes barbaros, não cessando em tanto os das galgas, de que escapou o arraial, valendo-se das lapas, em que se recolhiam, e dellas correndo quinze, e vinte passos tornavam a serrar outra lapa, até de todo se livrarem deste passo, chegando ao rio, que passáram com agua pelo giolho, e assentáram, dando graças a Deos pelos livrar de tão evidentes perigos. Os cafres vieram buscar o morto com grandes prantos, em que não cessaram toda a noite, em que o almirante teve com boa vigia até a manhã, que tornou a marchar, vindo alguns cafres com resgate para o que parou o arraial, parecendo que se alojasse alli dous dias, mas como o almirante estava doente, e ferido, receoso de alguma traição dos cafres, tornaram a marchar por um monte de muitos espinhos, e grande praga de gafanhotos pegados nas arvores, a que sobreveio grande nevoa com chuva miuda, sem verem o caminho, e foram em busca do mar fugindo dos cafres, que os tinham tão acossados, e descançaram dia e meio junto a um rio de lagens, e arvoredo com muita lenha matando vacas, refrescando-se para alivio do trabalho passado, curando os feridos com azeite de coco por não haver outra medecina.

Deste sitio se leváram para o mar de que tinham saudades, andando todos os dias seis, e sete legoas, por queimadas, e roins caminhos, de modo, que quando chegavam á noite se não podiam valer de cansados. Em um se foram meter na ponta de uma serra fragosa, e medonha, que ao decer para baixo punha tanto espanto, quanto ao subir logo da outra parte, que dividia um rio caudaloso, com grande pedraria no meio. Guiando as vacas diante começaram a decer, levando penedos consigo, que a marchar gente diante a fizeram

em pedaços (roim passo se ouvera cafres) e assim fi caram algumas vacas atravessadas entre as arvores sem se poderem bolir, e a gente decia arrastos pelo chão, com muito sentido, até chegar abaixo, aonde achâram a vaca em que o almirante marchava, morta, que decendo aos tombos com muitos penedos a poz si, servio aquella noite de pasto ao arraial, que a passou em um sitio de alto capim, que servia de sombra aos elefantes, com mais descanso, que as passadas, sem receio de barbaros, com cama de palha boa, e alta, de que sahiram ao outro dia pelo caminho da serra com trabalho, e passando o rio com bem roim vao, não se lembraram mais, que de ir por diante por se ver livre, de tão má terra, e peior gente. Seria pelas tres da tarde, quando se acharam na subida da serra caminhando para a vencer, pegados aos rabos das vacas, com que se diz, o que se póde encarecer, e descançando deste trabalho tornâram a elle marchando adiante, aonde deram fé de cincoenta cafres armados de rodellas, e azagaias, que chegando á falla, não tiveram animo para cometerem o arraial.

Idos elles sentiram os nossos muito achar menos um marinheiro, sabendo-se, que ficava dormindo duas legoas ataaz, quando descançaram, sem os camaradas o acordarem. Passando com grande trabalho uns charcos de agua, escolheram melhor sitio para passar a noite, trabalhando cada qual de buscar agua, e lenha para se cozinhar, o que se havia de comer. O marinheiro, que ficou dormindo, achando-se só, foi marchando a poz do arraial, e anoitecendo-lhe foi seguindo até as onze horas da noite, em que se achou em meio de muitos fogos, uns para a banda da praia, e outros pela da terra dentro, e marchou para elles até descobrir as barracas, a que chegou muito contente, festejando-o no arraial, como a cousa já perdida. Pe-

la manhã cedo se levaram, entendendo, que os fogos que o marinheiro vira na praia, seriam de alguma tropa de cafres, que os esperava, e foram com alguma chuva marchando para a praia, em que descobriram a companhia do mestre Jacinto Antonio, a que salváram, como está dito assentando-se defronte tão cançados, e cortados do trabalho, e medo dos cafres, que, como temos visto, se juntáram os arraiaes, assentando cada companhia o seu arraial apartado, porque no do mestre havia mais vacas, e este dia acodiram os cafres com muito resgate, que se repartio entre todos.

Juntos os arraiaes, marchamos para um rio, que passamos em tres braças, com agua pelos joelhos, que a não se achar seco na boca, era maior, que o da nao Belem, aonde nos acodio algum resgate de milho, e frangos, que se repartiram pelos doentes e feridos curando o almirante das feridas, que lhe fizeram os cafres, chegáram a nós uns com o resgate, sendo os primeiros a que vimos barretes de seu proprio cabello na cabeça, a modo de toucas dos baneanes da India, e contas vermelhas ao pescoço. Pelas tres da tarde fizemos alto em razão de dar pasto ao gado, e se matarem vacas para comer. Dia de S. Matheus, tendo marchado duas legoas pela praia, se descobriram vacas, e assentando, tanto para as nossas pastarem, como para a gente descançar. Ordenou-se a cinco pessoas da companhia fossem com suas armas ás povoacões a ver se havia resgate, e tornando com boas novas, e com uma cabra, e um cabrito, por não poder carregar mais, apparecendo logo atraz elles cafres, a que se resgatou o que traziam, e ao outro dia não faltou resgate; de muitas galinhas, que vieram a muito bom tempo para os doentes, e sempre, que achamos vacas não se deixaram de resgatar, as que se quizeram

vender, em razão da falta, que poderiamos sentir por se matarem cada dous dias tres para o arraial.

Levados deste lugar aos vinte e tres dias de Setembro chegamos a outro rio, em que foi forçado fazer alto, pelo resgate, que acodio muito, e se repartir igualmente, buscando-se vao ao rio, que está em altura de nove graos e meio. E suposto, que os que se haviam perdido da naveta, diziam, que o passaram com jangada, foi Deos servido mostrar-nos o caminho pelo trabalho, que as jangadas davam a todos, e passando com agua pelo pescoço se poz o arraial da outra parte, acodindo muitos cafres com grande festa, deu se ordem aos resgatadores, que resgataseem, o que fizeram, aproveitando-se sempre do officio em dano, e prejuizo do commum, que vendo a familiaridade, e abundancia, com que estes negros acodiam a resgatar, parecendo seria assim sempre, intentaram a maior parte dos marinheiros deixar-se ficar com o mestre, e apartar-se da mais companhia, tendo em seu poder a maior parte do cobre, movendo-se a esta discordia pelas que tinham uns com os outros, e desgostos que haviam do governo do almirante. O qual sem consideração, nem dar conta aos que tinham de sua parte, não resistio a nada, ordenando-se partissem as vacas, e cavalgando na que trazia para isso, assim doente, e ferido, como se achava, e começou a marchar só, a que o padre Fr. Antonio de S. Guilherme, e seus camaradas, sahimos atravessando-lhe o caminho, e perguntando-lhe o padre o que intentava, e a que ia só, que se apeasse, e mandasse chamar Paulo de Barros, que era cabeça da parte do mestre, tendo recebido muitos favores do almirante, porque a desunião não passasse adiante, o qual respondeo: que não queria vir, o que a todos pareceo muito mal, e tanto que chegando-se Antonio Carvalho da Costa, com ter af-

finidade com o mestre, ao almirante, lhe advertio, que não consentisse na divisão, que se intentava, por não convir á conservação de todos, allegando para isso muitas razões, sendo a principal, que ficava a maior parte do cobre na companhia do mestre, e a sua impossibilitada para o resgate, que se repartisse o cobre, e as vacas igualmente, offerecendo-se a ser seu resgatador, o que visto pelo padre Fr. Antonio, e a semrazão, com que se levantavam, sem medo, nem temor de Deos, disse em alta voz, qne a não lho impedir o habito, e profissão não sofrera tal, e com as armas investira a todos, e castigara tão grande ousadia, movendo com isto aos camaradas, e aos mais para tomar o cobre por força, e sahimos com as armas de fogo ao rosto para a barraca do mestre, ao que acodiram os da sua facção, que eram os mais, ao defender, e confórme a deliberação de uns, e outros este dia, ouveram de perecer muitos, e os mais ficarem expostos ao rigor dos cafres, se o mestre senão sahira apressado para o mato por detraz da barraca, e o padre Fr. João da Encarnação seu camarada despido á porta de giolhos pedindo com uma imagem de Nossa Senhora do Rosario nas mãos, que por esta Senhora, e pelas chagas de Christo se aquietassem, não faltando o almirante com sua brandura costumada, não consentindo se uzasse o rigor merecido, pelo que se passou sem offensa alguma, dando o mestre, e Paulo de Barros razões, qus se lhe não admittiam, e só dando-se lugar a que ouvesse amizade, e união, concedendo emfim todos no que se pedia por parte do almirante, por nos estar melhor a conservação de todos o não nos dividirmos, e se tornou a assentar o arraial, gastando-se aquelle dia no conselho, que se fez propondo leis, e cousas convenientes ao bom governo, de que sahio, o que mais convinha por voto do padre

Frei Antonio de S. Guilherme sem o qual senão obrava cousa, que boa fosse, fazendo-se assento nos livros del Rei, em que todos assinamos, nomeando-se capitães, e companhias como de antes, e vindo a noite ficamos todos em paz, e contentes, dando graças a Deos, que nos livrou de tão evidente perigo.

O dia seguinte de São Jeronymo marchamos duas legoas, e havendo vista de cafres, descançamos, refrescando-se o arraial com grande resgate de milho, mocates, e gergelim, que foi o primeiro que se vio, acodindo tudo em tanta abundancia, qual até então senão tinha visto, e entrando pela terra adiante meia legoa da praia fizemos alto por dous dias, em que até peixe nos trouxeram, que se repartio, e o mais igualmente sem queixa, effeito das novas leis, que se fizeram, em comprimento das quaes sahio um grumete neste sitio pelo arraial com baraço, e pregão por incorrer na pena de resgatar sem ordem, e a João Barbosa, que servia de escrivão do arraial, sendo acusado do mesmo crime por se lhe não provar bem o deposeram do officio. Com o que se mandou ás povoações buscar vacas donde trouxeram só tres, com que nos resolvemos tornar a buscar a praia, ficando nos aqui tres cafres fugidos, dous que foram de Dom Duarte Lobo com uma caldeirinha de cobre furtada, e outro do padre Fr. Antonio de S. Guilherme, e a horas de fazer noite nos metemos pelo mato a buscar agua doce, e chegando a uma parage, que fora povoação, a achamos, e assentámos entre muitas beldroegas, e canas de assucar tenras, e figueiras mansas, que nos alegráram muito. Enviando a descobrir terra, ouve noticia de povoações perto, a que o almirante mandou quatro homens a resgatar vacas, o que pareceo mal ao padre Frei Antonio por ter mostrado a experiencia, que os que iam ás aldeas, só tratavam de si, e nada do ar-

raial, e assim o persuadio, a que fossemos trás elles, levantando as barracas, guiados de dous cafres, e ficando-nos aqui um negrinho malavar do padre Francisco Pereira, ao qual tornando atraz em sua busca o não achúram. Chegamos a sitio, onde vimos aos que o almirante mandou diante rodeados de mais de trezentos cafres, com suas mulheres, e meninos, a quem tinham já resgatado dous feixes de canas de assucar, e alguns mocates, e outros tinham ido a buscar gado, dando mostras de ser boa gente, porque passando por elles o arraial nos receberam com festa, cantigas, e bailes a seu modo, assentamos á sua vista, e de muitas povoações em uma campina junto a um rio acodindo tanto resgate, que passaram de mil mocates de milho, o melhor pão de toda a cafraria, muitas galinhas, milho, vacas, cabras, e canas de assucar, de tudo grande copia, mas como traziamos de longe a pouca sujeição, á vista desta fartura a houve menos, embrenhando-se muitos pelo mato a resgatar em prejuizo dos mais, e contra o assentado, que era pena de morte a quem tal fizesse, e tratando o almirante castigar os culpados, por achar poucos izentos de culpa desestio do castigo que mereciam. Neste sitio passamos nove dias, descançando, e aproveitando o resgate, que acodia cada dia mais, fugindo-nos uma negra forra com um seu filho, a qual foi de Joanna do Espirito Santo a Beata, levando comsigo outra negra casta Buque cativa de Domingos Borges de Sousa. Passados estes dias nos levamos marchando entre povoações varias de uma legoa onde deixamos um grumete natural de Almada, por nome Francisco Gonçalves, por não poder marchar a pé, nem a cavallo, tendo-o feito até então com grande constancia, doente, e impossibilitado, que parecia a propria morte encomendado aos negros com um pequeno de cobre para terem cuida-

do delle, de quem nos despedimos com grande lastima. Marchamos a treze de Outubro com abundancia de resgate, vindo no proprio dia um cafre em companhia de outros com galinhas, fallando-nos em portuguez, e perguntando como fora alli dar, respondeo que da perdição da nao S. João, tendo os portuguezes guerra com os cafres, se ficára alli pequeno, e dando mostras de ser christão, beijou um crucifixo, que se lhe mostrou com devoção, e reverenciou com summissão os sacerdotes, que vio, dizendo, que estava alli casado com cinco filhos, que nos detivessemos aquelle dia, e ao outro tornaria, posto que seu Rei morava dalli grande distancia.

Ao dia seguinte querendo marchar acodiram muitos cafres com resgate, e assim tornamos a armar barracas no mesmo sitio, achando mais lealdade nestes brutos, que nos mais atraz, e era amelhor gente, que encontramos, bem ageitada, affavel, e confiada nos resgates. Aqui tornou o cafre, que disse se chamava Alexandre com um filho, a que chamava Francisco, e algum resgate em sua companhia, e por se mostrar afferiçoado á fé de christão, se moveo o padre Francisco Pereira, que tinha sido da Companhia de Jesus, a querer ficar com elle, desejando tratar da salvação daquella alma, e de seus filhos, e dos mais a que Deos tivesse escolhido. Tratou este intento com o almirante, e outros amigos, que lho quizeram impedir com razões, que não admittio, respondendo: que não fazia nada em dar a vida pela salvação daquellas almas, havendo-lha Deos dado tantas vezes, trazendo-a arriscada em tantos perigos, e miserias da terra, e riscos do mar, em que tinha sido nosso companheiro. Com reza na bocca, e lagrimas nos olhos de quem o via, se foi desfazendo de algumas cousas, reservando só para si uma imagem de Christo Senhor nosso, e uma lamina

do nascimento que trazia, despedindo-se do arraial com grande resolução, escrevendo ao arcebispo primaz da India, e ao Vice-Rei este seu intento, e levando comsigo o cafre Alexandre, e seu filho muito alegres, a quem se deu uma cadea de cobre, e outras joias a effeito de ficar propicio ao padre, que marchando para a sua povoação nos deixou admirados, porém com ser a tenção deste padre dirigida ao serviço de Deos Nosso Senhor, por ordem do diabo senão proseguio, porque achando-se no meio do mato desemparado do cafre, que o guiava, e já longe donde o haviamos deixado, e ficamos, foi forçado tornar-se ao arraial bem sentido, e desconsolado, com a imagem, e lamina, que comsigo levava, que se atribuio a favor milagroso do ceo deixar-lhas o cafre, e não o matar pelo roubar, segundo a estimação, que estes alarves fazem de cobre.

A quinze de Outubro marchamos pela praia um pedaço por area solta, que dava grande molestia, aonde chegaram cafres com muito resgate de toda a sorte, que se lhe comprou, e fazendo de tudo um monte na praia para se repartir, estando o almirante com uma azagaia na mão, acertou de tomar com ella um mocate amarelo, e mimoso, que se lhe devia por capitão, não faltando de comer no arraial, sendo, que os que tinham menos pejo resgatavam o que lhes parecia sem lhe ir alguem á mão com tudo vendo isto, sem se lhe ter respeito, nem a oito religiosos, que estavam presentes, saltaram os que estavam á roda nos mocates, e os arrebataram sem deixar algum, com o maior desaforo, que até então se tinha uzado, obrigando ao almirante a sahir dos limites de sua brandura, e boa natureza, dando com a propria azagaia em alguns, e podendo castigar a outros o não fez por escuzar no-

do delle, de quem nos despedimos com grande lastima. Marchamos a treze de Outubro com abundancia de resgate, vindo no proprio dia um cafre em companhia de outros com galinhas, fallando-nos em portuguez, e perguntando como fora alli dar, respondeo que da perdição da nao S. João, tendo os portuguezes guerra com os cafres, se ficára alli pequeno, e dando mostras de ser christão, beijou um crucifixo, que se lhe mostrou com devoção, e reverenciou com summissão os sacerdotes, que vio, dizendo, que estava alli casado com cinco filhos, que nos detivessemos aquelle dia, e ao outro tornaria, posto que seu Rei morava dalli grande distancia.

Ao dia seguinte querendo marchar acodiram muitos cafres com resgate, e assim tornamos a armar barracas no mesmo sitio, achando mais lealdade nestes brutos, que nos mais atraz, e era amelhor gente, que encontramos, bem ageitada, affavel, e confiada nos resgates. Aqui tornou o cafre, que disse se chamava Alexandre com um filho, a que chamava Francisco, e algum resgate em sua companhia, e por se mostrar affeiçoado á fé de christão, se moveo o padre Francisco Pereira, que tinha sido da Companhia de Jesus, a querer ficar com elle, desejando tratar da salvação daquella alma, e de seus filhos, e dos mais a que Deos tivesse escolhido. Tratou este intento com o almirante, e outros amigos, que lho quizeram impedir com razões, que não admittio, respondendo: que não fazia nada em dar a vida pela salvação daquellas almas, havendo-lha Deos dado tantas vezes, trazendo-a arriscada em tantos perigos, e miserias da terra, e riscos do mar, em que tinha sido nosso companheiro. Com rizo na boca, e lagrimas nos olhos de quem o via, se foi desfazendo de algumas cousas, reservando só para si uma imagem de Christo Senhor nosso, e uma lamina

do nascimento que trazia, despedindo-se do arraial com grande resolução, escrevendo ao arcebispo primaz da India, e ao Vice-Rei este seu intento, e levando comsigo o cafre Alexandre, e seu filho muito alegres, a quem se deu uma cadea de cobre, e outras joias a effeito de ficar propicio ao padre, que marchando para a sua povoação nos deixou admirados, porém com ser a tenção deste padre dirigida ao serviço de Deos Nosso Senhor, por ordem do diabo se não proseguio, porque achando-se no meio do mato desemparado do cafre, que o guiava, e já longe donde o haviamos deixado, e ficamos, foi forçado tornar-se ao arraial bem sentido, e desconsolado, com a imagem, e lamina, que comsigo levava, que se atribuio a favor milagroso do ceo deixar-lhas o cafre, e não o matar pelo roubar, segundo a estimação, que estes alarves fazem de cobre.

A quinze de Outubro marchamos pela praia um pedaço por area solta, que dava grande molestia, aonde chegaram cafres com muito resgate de toda a sorte, que se lhe comprou, e fazendo de tudo um monte na praia para se repartir, estando o almirante com uma azagaia na mão, acertou de tomar com ella um mocate amarelo, e mimoso, que se lhe devia por capitão, não faltando de comer no arraial, sendo, que os que tinham menos pejo resgatavam o que lhes parecia sem lhe ir alguem á mão com tudo vendo isto, sem se lhe ter respeito, nem a oito religiosos, que estavam presentes, saltaram os que estavam á roda nos mocates, e os arrebataram sem deixar algum, com o maior desaforo, que até então se tinha uzado, obrigando ao almirante a sahir dos limites de sua brandura, e boa natureza, dando com a propria azagaia em alguns, e podendo castigar a outros o não fez por escuzar no-

vos alvoroços, e não arriscar o arraial cada hora a uma desgraça.

Levando daqui marchariamos duas logoas, quando obrigados de um temporal, que nos entrou, com relampagos, fuzis, e trovões, assentámos entre um mato, junto a um rio de agua doce, sahindo-nos pelo caminho muitos cafres cantando, e bailando com grandes alegrias a seu modo, seguindo-nos até se fazer noite, aonde tornaram com muito resgate, e algumas cabras, cabritos, e ramos de figos da India, que nos serviram de alivio. O dia seguinte esperando que vazasse a maré, vadeamos o rio com agua pelos peitos dando-lhe por nome dos figos, por serem aquelles os primeiros, que achamos nesta cafraria. Passado o qual, seguindo nosso caminho, chegámos a outro, que achámos seco na boca, a que dividia uma coroa de area, que passamos com agua pelos giolhos, marchando até dezasete de Outubro, sem ter que contar. Chegamos a outro rio, que passámos de baixamar com agua pela cinta por tres canaes, que fazia. Depois do que passámos tres dias com resgate de vacas, e gallinhas em tanta abundancia, que a cada pessoa couberam cinco, e algumas cabras, de que as peles serviam para resgatar leite, e acodio pouco milho, por estar lançado á terra, havendo tanta desordem no resgatar, sem respeito ao almirante, nem aos religiosos, que ás claras, como se não ouvesse justiça, o faziam, e assim nos levámos a vinte dous do dito mez com o arraial abastado, marchando em nossa companhia um cafre, a que os da perdição da naveta deram nome Thomé, que nos acompanhou quatro dias, que foi de grande serviço, e acodia ao que se lhe mandava sem se negar a nada, pelo que se lhe deram algumas joias de cobre. Subindo da praia um comaro de area alto todo cuberto de mato por cima, e tor-

nando o a decer para a terra, démos fé em altura de vinte sete para vinte oito graos, da mais fermosa varzea, que nossos olhos viram, povoada de muitas povoações, e regada de rios de agua doce, com muito gado, aonde nos sahiram tantos cafres, e cafras, que todos aquelles campos negrejavam, trazendo tanto resgate, que descançamos um pouco á sua vista, e tornando logo a marchar com todos estes brutos em nossa companhia serviram de passármos um rio ás costas por tres braços com agua pelo pescoço, pelo que se lhe davam pedacinhos de cobre. Aqui fizemos noite, resgatando cada qual á sua vontade, sem haver quem puzesse remedio a tanto dano. O dia seguinte, antes de chegarem os cafres com o resgate, que foi tanto, que cahiram a cada pessoa oito galinhas, chamou o almirante religiosos, officiaes, e passageiros da nao, apartados do arraial, junto ao rio, e propoz as impossibilidades, com que se achava, para não poder continuar com o governo do arraial, e que elle desistia do cargo, e dimittia de si toda a jurisdição, para que se pudesse eleger pessoa, que com paz, e quietação nos levasse ao Cabo das Correntes, a que elle obedeceria: Ao que se lhe respondeo, que supposto a confissão, que fazia de falta de forças, ainda que não havia na companhia quem pudesse aceitar sua desistencia, se lhe aceitava por todos, e procedendo-se á eleição, sahiram eleitos para tomarem os votos o padre Fr. Antonio de S. Guilherme, e Urbano Fialho Ferreira, que se foram para a barraca de Antonio Carvalho, aonde acodiram todos, e havendo no votar algum desarranjo por alguns marinheiros, se apazigou tomando-se por terceiro Paulo de Barros, e tornando a votar de novo, e tendo votado o padre Fr. Antonio chamou a todos sem faltar pessoa, e lhes propoz como os votos estavam recebidos, se eram contentes

de aceitar por capitão o que sahisse por elles; e responderam todos, que si, tirando o padre o papel declarou, que Antonio Carvalho era o capitão por sahir com oito votos mais que Jacinto Antonio, a quem se tinham dado os que faltavam. Era Antonio Carvalho marinheiro da nao casado em Belem, mancebo respeitado de todos, por ter os marinheiros por si, e que, como dissemos foi eleito por resgatador por se haver perdido na naveta, e ter passado esta cafraria, e sem embargo de tudo murmuraram alguns da eleição, que elle aceitou, mandando logo lançar pregão, que nenhuma pessoa resgatasse cousa alguma sob pena de ser castigado, e sendo comprehendido um marinheiro da nao o mandou correr o arraial com baraço, e pregão, e duas galinhas ao pescoço, que foi o resgate, que se lhe achou, cousa, que elle sentio tanto, o sentimento com o trabalho do caminho lhe tirou a vida, dentro de quinze dias.

A vinte e quatro de Outubro marchamos pela varze adiante, com alguns atoleiros trabalhosos, os quaes passados nos esperavam innumeraveis cafres estendidos em ordem, com panellas de leite, e galinhas, que se lhe resgataram, sendo causa de se marchar menos este dia, assentando o arraial entre um mato baixo, com boas vigias no nosso gado. Pela manhã nos levamos, passando um rio de agua doce duas vezes com a agua pela cinta, descobrindo-se o mar pela boca do rio, que pareceo alto, porque fazia dentro um grande mar, e muitos alagadiços na enchente da maré, aonde os cafres tinham suas camotas para o peixe. Bota uma ponta a Les-Sueste alta, e grossa de area, cuberta de mato, fazendo uma enseada acomodada para qualquer embarcação. Marchamos este dia com grande orvalho, e frio, e muito trabalho, pelos muitos atoleiros que passamos, seguindo-nos os cafres com res-

gate, para que assentamos um pouco, e tornando a marchar por diante, avistamos sobre a tarde um rio caudaloso, que vindo enchendo a maré nos ia cobrindo o caminho, apressadamente, que passamos com grande ancia, caindo em muitas covas de elefantes, e cavallos marinhos, que achamos cubertas, e alagadas com agua, que dava pelo pescoço. Com este trabalho, e aguaceiro, que padecemos chegamos a assentar junto á praia, aonde acodiram os cafres, servindo-nos de lenha, e agua por pedacinhos de cobre, grande alivio por virmos mui destroçados donde nos levamos pela manhã, passando o vao com agua pela cintura, e achando a maré vazia marchamos pela praia duas legoas, passando outro rio em dous braços, em que vieram cafres em som de guerra com azagaias, e rodelas, que os cobriam, pelo que nos ajuntamos, o que visto por elles largáram as armas acodindo com muitas galinhas, que se lhe resgatáram havendo algumas desordens no resgatar, e disgostos entre todos, e intentando-se castigar a um religioso por resgatar a uma galinha, e a outro velho, e grave chegou um marinheiro a pôr as mãos violentas dando com elle em terra, com grande dôr, e sentimento de todos, perdendo-se o respeito a toda a pessoa grave.

Seguindo nossas jornadas viemos aos dous de Novembro á boca de um rio largo, e de grande corrente, sendo necessario obrar uma jangada para o passar em baixamar, esperamos para outro dia, resgatando muitas bolanjas, fruta á feição de laranjas, amarelas de casca grossa, e dura com miolo de bom gosto. Nesta noite sentimos grande reboliço, por causa de dous cavallos marinhos, que sahindo do rio passáram por entre nosso gado com grande estrondo, parecendo-nos que eram cafres, que cometiam o arraial. Ao dia seguinte enviou o capitão Antonio Carvalho da Costa,

quatro pessoas com armas a descobrir cafres, que nos ensinassem o vão do rio, e tornando com alguns, disseram, que uma legoa dalli o havia, para onde marchamos logo por caminho bem ruim, e em parte perigoso por causa de elefantes com suas armadilhas, em que perdemos dous bois, de que se tirou um com grande trabalho. Chegando aonde se havia de passar o rio o fizemos sendo bem largo, e de muitos lodos, de que não podiamos sahir, se não trabalhosamente, com a agua pelo pescoço, accodindo sobre nós tantos cafres, que foi necessario matar o capitão um á espingarda, com que se alargaram, deixando nos passar a outra parte, que era uma ilha, de que logo sahimos por outro braço de rio, com agua pelos peitos, deixando-nos muito quebrantados. Nesta ilha nos ficou um china de Antonio da Camara de Noronha dormindo, e achando a maré chea, quando acordou não pode passar, vindo depois só ter comnosco dahi a dous dias escapando dos barbaros, por trazer uma escopeta comsigo. Passado este rio, que chamam das Pescarias, tornamos a marchar com cafres em nosso seguimento com suas armas, que entendemos nos queriam assaltar. Chegamos a passar a noite, e descançar do trabalho passado, junto a um regato de agua, em que resgatamos dous carneiros, que se repartiram por ranchos.

Marchando mais sete legoas o dia seguinte, assentamos junto a uma ribeira de boa agua doce, com arvoredo aprazivel, á vista de uma povoação grande, a quem os praticos chamavam o lugar do Sorcor, pelo haver sido para elles, quando passáram do naufragio da naveta. Vieram logo cafres com dous carneiros, e algumas aboboras, que se lhe resgatáram, tornando ao outro dia com mais resgate. Lançamos o nosso gado a pastar por vir necessitado disso, com a vigia costumada dos grumetes, os quaes se lançaram

a dormir, metendo as vacas em um canaveal, de que os cafres deram fé, e do descuido com que as vigiavam, e nos levâram quinze cabeças das melhores, que havia no rebanho, em que entravam algumas mansas, que nos serviam para a carga, e gritando um grumete, que se acodisse ao gado, que o levavam os cafres furtado, sahio do arraial o capitão Antonio Carvalho primeiro com a pressa, que o caso requeria, e alcançando os negros, se tornáram os nossos com nove vacas, ficando-lhe seis de preza, porque lhe tomamos nove vitelas, e nove carneiros, e nove cabras, e outros tantos cabritos. Sobre a tarde deceram da povoação, tocando asoucos, de que usam nas occasiões de guerra, a que sahiram alguns do arraial com escopetas, e pouca ordem, sem mais prevenção, que a carga, que levavam no cano, e marchando pelo monte assima avançáram a povoação dos cafres, em que dispará́ram a primeira carga, sem matar, nem ferir algum, com que cobrou o inimigo animo, sahindo aos nossos, que lançaram a fugir de maneira, que chamando a que del-Rei, que os matavam, não se déram por seguros senão dentro nas barracas do arraial, saindo feridos algum, que quiz ter mão, e outros bem moidos a pancadas. Salvador Pereira passageiro, que nas accasiões em que se achou fez sempre, o que se deve a bom soldado, sahir desta com duas zagaiadas perigosas, e o mestre Jacinto Antonio sobre o moerem bem o recolhemos com quatro zagaiadas, duas na cabeça, uma na mão, e outra nas costas perigosas, sendo causa desta covardia, e desordem, os que mais se davam por alentados, e foram os primeiros que viráram as costas, sem prestarem para empregar uma bala em um de tantos barbaros.

Serrou-se a noite, curando-se os feridos com azeite de coco, e o arraial com boas e dobradas vigias, es-

perando todo o successo, prepararam-se vinte pessoas para irem o dia seguinte dar nas povoações, e com a manhã começáram os cafres com gritas, decer para o arraial brandindo azagaias, chegando tão perto, que foi forçado sahir lhe por nos não investirem nas tendas, que seria a total ruina nossa, segundo eram determinados. Ás primeiras espingardadas sahio um cafre mal ferido, que sendo visto dos mais lançaram a fugir, e os nossos capitaneados por Antonio Carvalho da Costa, trás elles em melhor ordem, ficando o arraial encomendado a Antonio da Camara de Noronha por estar doente. Chegamos á sua povoação, a que se poz o fogo, e a mais oito, carregando os nossos moços, e grumetes, do que se achou dentro, tornáram ao arraial, sem receber dano, saindo desta melhor, e repartindo se o despojo igualmente, havendo já vinte dias, que senão comia, mais que vaca, sem outra cousa.

A oito de Novembro levando-nos deste sitio pela praia com boa ordem, e vigia no gado, tendo marchado um pouco nos sahiram de um mato muitos cafres armados, trazendo comsigo vacas para meter com as nossas, e leva-las todas, porque as trazem tão costumadas a seus assovios, que com elles as fazem correr, e parar á sua vontade. Domingos Borges de Souza se adiantou a tomar uma mouta, com que se encobrio, e della fez tiro a um dos cafres, que mais esgares vinha fazendo, o matou com um pelouro, fugindo os mais com o seu gado sem pararem, nem intentarem fazer-nos outro mal. Livres já destes barbaros marchamos apressadamente por ser a jornada larga, e vir caindo muita chuva, com grande trovoada. E chegando a um rio, em que andavam cafres pescando, com muito peixe já junto na praia, em nos vendo o deixáram, fugindo com pressa, sendo tanto, que comeo todo o arraial em abastança delle este dia, e o outro,

aonde nos ficou enterrado Bartholomeu Rodrigues enteado do piloto Gaspar Rodrigues Coelho.

Passado o rio de vazante, o outro dia com agua pelo pescoço, e bem roim vao, com grande vento, e frio que fazia, tornamos a marchar pela praia até chegar a um ribeiro de boa agua, cinco legoas do rio de Santa Luzia, e porque se dizia, que até elle não havia outra agua, ficamos aquelle dia neste sitio refrescando-nos, matando vacas para marchar o outro dia, o que fizemos pela praia, levando cada um seu cabaço de agua, com grande molestia, que logo vasamos por ir dando com infinita agua, que decia por montes talhados á praia em mais de cincoenta partes. Tendo marchado quatro legoas, atravessando por dentro de um areal com serras de area, que se iam ás nuvens, e sem mato. Chegamos ao rio de Santa Luzia assentando o arraial na sua praia entre muitos espinheiros verdes, considerando o rio na boca impossivel de passar, por ser muito largo, e furioso, nem dar socego no encher, e vazar, que parecia um mar d'Espanha. Abrimos cacimbas para nós, e para o gado, e não achando madeira para jangada, nem as vacas cousa que comer, passando aqui dia de São Martinho se assentou tornassemos para trás, metendo-nos pela terra dentro, até achar vao, pois não tendo modo para o passar na boca, toda a detença era arriscar o gado, vida, e remedio de todos. Neste rio ouve algum dos que resgatavam para o arraial, e os que os serviam neste ministerio, que trazendo milho, e grãos escondidos, e furtado ao comum, o começaram a vender a dous xerafins um covilhete de cobre raso, recebendo logo o dinheiro a quem o tinha, ou penhores de ouro a quem o queria, crecendo o preço por diante assim como crecia a falta, até chegar a quatro cruzados, o que acabou de malquistar de todo o novo capitão Antonio

Carvalho pelo consentir, e fomentar, em que dava a entender ser tambem parte nesta ouzena, expondo muitos á morte por esta causa. Sendo que este homem no mais fez sua obrigação para conservar-nos a nós, e ao gado, como fez até o reino de Unhaca, em que fez entrega do governo outra vez a Antonio da Camara de Noronha, mas não nos admiremos de que este homem sendo maritimo faltasse em alguma cousa, quando muitos com differentes obrigações de sangue e officio se deixáram vencer do vil interesse, cometendo por elle cousas indecentes de se dizer, e escrever.

Guiados por dous companheiros nossos, que o dia de antes tinham sahido a descobrir, nos levamos deste rio outra vez para traz, e chegando junto a elle, depois de haver marchado por muitas serras de area buscando caminho por entre um mato, em que demos, não o achando, fomos assentar o arraial dali longe entre capim alto, chovendo-nos assaz aquella noite, ficando a agua para beber mais de meia legoa, a que se foi buscar, com trabalho, dando com uma fruta, a que chamam leiteira, de que nos abastamos, por ser madura. E Salvador Pereira com umas pessas de valia de mil cruzados, que lhe haviam faltado, tirando um penhor para comprar milho. Amanhecendo-nos nos deparou Deos dous cafres, a quem se deu cobre, por nos guiarem a buscar o vao do rio, e levando-nos por areaes, e matos tal vez altos, demos em uma sementeira de aboboras, e melancias verdes, de que não escapou alguma, que se não comesse, decendo a uma varze, perto de suas povoações, nos ensináram o caminho bem assombrado, com muitas sementeiras, resgatando tabaco verde, chegamos a um braço do rio de Santa Luzia, que passamos com muitos atoleiros, e alagadiços, e agua pela cinta, e no segundo braço, que mete pela terra dentro tres legoas, fizemos alto

para passar a noite, com pouca lenha, e estacas necessarias para armar barracas, enterrando neste sitio a Manoel Alves Pequenino, marinheiro da nao, a quem um grumete seu camarada, que depois veio a morrer no Cabo das Correntes havia trazido ás costas quatro dias, por não poder marchar, dando prova de bom amigo, aonde não havia achar, nem filho para pae.

Ao sabbado dezasete do mez, marchamos pela terra dentro com vista de alegres campos, povoados de elefantes, sem conto, passando outro braço do rio de Santa Luzia, com grandes alagadiços, em que nos detivemos, quasi o dia todo, para poder passar o gado. Dando graças a Deos por nos deixar passar com bem um rio tão caudaloso, que com o das medão do ouro, que tinhamos pela proa eram só o transe, que temiamos, e por toda a viage traziamos em grande cuidado. Sahidos deste trabalho fizemos alto para passar a noite em uma campina, em que se matou vaca para todo o arraial. Marchando o outro dia a terra dentro mais de sete legoas, buscando agua para fazer noite, demos em um rio aprazivel, cuberto de arvoredo, e passado com agua por cima da perna, fizemos noite entre um alto capim, que servio de cama molle, e aparecendo o dia seguinte cafres, nos deixamos ficar, para resgatar algum gado, que já nos ia fazendo falta. Levados daqui por uma charneca, marchamos até a tarde, que paramos em um mato alagadiço, á vista de uma grande varze, porque passava um rio, a que não achamos vao, aonde dormimos, vendo-se bandos de elefantes sem numero, sem chegarem a nós, donde tornamos o outro dia para traz, por se não poder vadear o rio, sendo o caminho, que tomámos pela terra dentro de muito enfadamento, pelos grandes alagadiços, e atoleiros, em que o gado deu muito trabalho a tira-lo, e aos que carregavam mais, buscando sitio,

para descançar, por nos não atrever a mais, o tomamos defronte de umas palhotas destroçadas, de que nos sahiram dous cafres a vender lenha e agua, matando aquella tarde gado para todos, passamos a noite, e tornando a marchar pela manhã, chamamos um dos dous cafres, dando-lhe uma pequena de carne, de que são amicissimos, e um pedaço de cobre, lhe pedimos nos fosse guiando, o que elle fez por montes, e valles, uma legoa e meia, e lançando a correr nos deixou, tomando uns por um caminho, e outros por outro, nos tornamos ajuntar á vista do rio do dia d'antes, marchando por elle assima, por se lhe não achar vao, e fomos passar mais de tres legoas, com agua pelo pescoço, á vista de muitas povoações, e cafres, que deceram dellas a nos esperar com muitas vacas. E assentando em um campo fermoso, acodiram logo com leite e galinhas, que se repartiram pelos doentes, não havendo neste sitio milho, sendo que não faltavam sementeiras delle, mas estava ainda em erva. Dia da Presentação de Nossa Senhora vinte um de Novembrc, resgatamos todas as vacas, que quizemos, e supposto, que por mais preço, que as outras, prefizemos cento e quarenta cabeças vivas, com que partimos. Avendo descançado tres dias, deixando enterrado ao longo rio João Barbosa, criado do conde do Prado Dom Luiz de Souza, que ao reino veio com o Viso-Rei Pedro da Silva, e na India servio de ouvidor da cidade de Damão, e do reino Jafanapatão.

Levados daqui, com poucas forças, pela continuação da vaca cozida, e assada sem outra cousa não ajudar a quem levava tanto trabalho, adoecendo alguns por esta causa tendo passado aquelle rio, que se dizia ser um dos braços do das medão do ouro, não deixando os negros de seguir-nos com vacas, resgatando aboboras, melancias, e tabaco de folha. Os resgatadores do

arraial propuzeram, que até o reino de Unhaca não havia gado, que lhes parecia fazer se mais resgate, e levarem as vacas necessarias; porque o cobre não tinha valia por diante, e para este effeito se desfizessem os caldeirões, pois não faltavam panelas em que se cozinhasse, para o que recolheram alguns, que seus donos resgatáram, por cobre que deram, a quem foi deste parecer, e depois lhe servio no Cabo das Correntes, para seu resgate, sendo certo, que por toda a cafraria é mais estimado o cobre, e latão, que toda a roupa; por estas, e outras semelhantes se malquistava o capitão Antonio Carvalho, consentindo se obrassem em um arraial de tanta gente boa, que elle levava á sua conta.

Sendo os negros de tão boa natureza, marchando até um rio que passamos com agua pelo giolho, os deixamos, indo fazer noite duas legoas a diante, em uma charneca com agua, á vista de palhotas, de que nos sahiram com muito leite, e aboboras, e ao dia seguinte com vacas, em que por serem caras não consertamos, nem em alguns dentes de marfim, que queriam resgatar; deste sitio nos levamos depois de jantar, com grande calma, marchando perto de tres legoas, até uma ribeira de agua doce, em meio de um campo cercado de mato, em que fizemos noite, sahindo delle alguns cafres com peixe a resgatar, e dando-se-lhe cobre o tomáram, sem largar o peixe da mão, antes ameaçando com as azagaias lançaram a fugir, com cobre, e peixe para o mato, sahindo em quanto não veio a noite em magotes a dar coqueadas, a qual entrou com tão grande trovoada de chuva, e fusis, que parecia vir se o ceo abaixo, molhando-se todas as espingardas, que nos detiveram pela manhã em alimpalas, e fazer de comer [illegible] natou á tarde, e antes que marchas[illegible] atravessar no caminho, prepa-

rando suas azagaias com grande grita, pedindo em sua lingua o gado, a que Paulo de Barros, que ia na dianteira deu a reposta, matando á espingarda um, que se quiz chegar, lançando os mais a fugir, a que seguimos, sahindo do mato ao campo, aonde prantearam ao morto grande copia de cafras, e descobrindo uma campina houvemos vista de alguma gente de chapeo, que com um na ponta de uma astea de lança vinham gritando, para quem sahio o capitão Antonio Carvalho com outros, cuidando ser estrangeiros da embarcação, que achamos quebrada na praia, e achando serem da perdição do galeão Sacramento nossa capitania, com a maior lastima tornáram com os miseros naufragantes em sua companhia, que só cinco portuguezes, e um canarim, e um mulato, e outro malavar, e um cafre a quem abraçamos todos, com tantas lagrimas, como quem se via em terra de barbaros, tão longe do natural, e por causa tão lastimosa, como a da perdição de taes embarcações, com tanta gente, e riquezas. Vendo nove pessoas sem armas atravessarem um caminho tão comprido com tantos barbaros, que cada hora armavam ciladas, de que Deos os livrou deixando os mais companheiros, que escapáram do naufragio, uns mortos a mãos de cafres, e os mais á da fome, e trabalho, e outros ficando vivos por lhe faltarem as forças para marchar. Estes nove eram Manoel Luis estrinqueiro do galeão a quem elegeram por capitão, e Marcos Peres Jacome sotapiloto, e o calafate, e dous grumetes portuguezes, e um mulato, e um canarim, e dous escravos, que todos marcharam em nossa companhia até sestearmos com grande calma debaixo de umas arvores diante de um rio de agua doce, mais de legoa e meia, donde sahimos; levados daqui demos sobre a tarde com uma figueira carregada de figos de Portugal, tão maduros, e sasonados, que

assentando-se o arraial ao pé, sobindo-se alguns assima, colhendo e abanando, cahiram tantos, que nos detivemos mais de hora e meia, comendo até abastar, e levando os que pudemos, ficando a arvore tão carregada, como se não houveram bolido nella, a poucos passos depois fizemos noite agasalhando os nossos companheiros do galeão, contando seu naufragio, até entrar o sono, e logo uma tormenta desfeita de chuva, vento, e fusis, não deixando barraca em pé, mais que a do padre Fr. Antonio de S. Guilherme.

Com a tormenta que nos entrou vespora de Santo Antonio ao galeão, e nao Atalaya (contavam elles) ficou o galeão sem vella grande, tendo ferrado entrando o tempo a gavea, que levava dada, e com o papafigo ao primeiro passaro, na volta de Les Nordeste navegando com o farol aceso, com grande trabalho, abrindo muita agua, que passado o tempo foi estancando, trazendo já algumas trincas dadas, que nestas occasiões são de effeito. Como amanheceo, vendo-nos sem a nao, fugindo aos mares, que eram grandes, voltámos sobre a terra, em cuja demanda nos entrou outro temporal dia de S. João, passado o qual, fomos seguindo viagem para o Cabo de Boa Esperança, sem largar a terra de vista depois que a vimos, e indo com o traquete na sua volta muito perto della, dia de S. Pedro á tarde vinte e nove de Junho, com grandes mares, foi advertido o piloto mór, se fizesse ao mar, o que fez uma empulheta, antes do sol se pôr marchando-se naquella volta seis impulhetas do quartinho e oito do quarto da prima; rendido elle, entrando o da madorra se tornou a marear com o mesmo traquete na volta de trrra, e ás seis empulhetas saindo a lua, os da vigia deram fé de terra muito perto, e avisando, mandou o piloto marear para o mar, sendo o vento pouco, e a agua tirava para a terra muito, e estan-

do o galeão meio arribado o não acabou de fazer, por mais diligencias, que lhe fizeram largando a gavea de proa, e cevadeira, sem querer já mais arribar, antes tornando com a proa para a terra, sempre foi duas horas para ella contra o leme, e mareação, até que com nm grande mar tocando a quilha do mastro grande para a popa, de maneira, que logo se foi desfazendo, caindo ao mar as duas varandas, com todo o espelho da popa, e o capitão mór Luiz de Miranda Henriques, e o padre Sebastião da Maia da Companhia de Jesus, e outra muita gente, que depois de acudirem assima, e verem não havia outro remedio, mais que perder-se, se recolheram ás varandas confessando-se, não escapando de todos um só, e dos mais que ficaram á proa, uns nas vergas, e outros em pedaços de paos chegamos a terra já dia claro com grandes mares, e recifes setenta e duas pessoas vivas, em altura de trinta e quatro graos, onde estivemos onze dias, sem ver já mais cafre, nem pessoa viva, e refazendo-nos de alguma cousa que o mar levou a terra, que foi pouco, começamos a marchar um mez, até achar indicio da perdição e no lugar della uma cafrinha, e dous cabrinhas aleijados, de quem soubemos o succedido á nao, e como havia vinte e oito dias tinham marchado deste lugar, em que tomámos polvora, e ballas, de que vinhamos faltos, e comendo alguns couros de canastras, que achamos, tornamos a marchar até dar com D. Barbora, que achamos viva junto a Joanna do Espirito Santo a Beata, o piloto, e escrivão mortos, que nos lastimou assás, pedindo-nos a trouxessemos, e perguntando-lhe se podia andar: respondeo que não, com que a deixamos, marchando por diante até o rio da nao Belem, aonde chegamos dez, ficando os mais mortos ás mãos dos cafres, e da fome, deixando-se alguns ficar vivos por não poderem marchar, chegan-

do todos a padecer tanta fome, e miseria, que não ficou calçado, nem cousa alguma, que se não comesse, até uma carta de marear, que matou a todos os que della comeram, a respeito do solimão das tintas, chegando a andar ás punhadas sobre um gafanhoto, que é o que se póde dizer, havendo dia de cinco, e de seis mortos á pura fome.

Do rio da nao Belem em diante, supposto que poucos, e com grandes sobresaltos, que cada hora tinhamos destes barbaros, seguimos sempre o rasto do arraial, achando de quando em quando sinaes delle, e nos mesmos cafres novas, de que Deos nos livrou até o presente, deixando-nos encontrar todos.

Passado o rigoroso temporal amanheceo o dia vinte e oito de Novembro, e levando nós em nossa companhia dous cafres da terra para nos ensinar o caminho, por um pedaço de vaca, e outro de cobre, que se lhe deu, fomos marchando guiados por elles para o rio das medãos de ouro, a que chegamos pelas oito horas, admirando a travessa, e largura, que tinha a todos, porque apenas se via a terra da outra parte, metendo em meio mais de tres legoas de agua, a que nos lançamos, levando os cafres diante com a entrada trabalhosa, e agua pelos peitos. O dia frio com vento, e mareta, passamos com o fato na cabeça, e o gado no meio, sendo a agua já mais baixa por baixo da sinta, chegando junto á terra da outra parte, fazia outro canal pelo pescoço, de que acabamos de sahir pelas tres horas da tarde, tão destroçados, e moidos, como se póde considerar, de que louvamos a Deos, pela mercê de acharmos estes cafres, sem os quaes era impossivel cometer este vao, por ser tão largo como o mar de Lisboa ao Barreiro, aonde nos ficaram afogados dous moços de Salvador Pereira um china e outro borneo; descançamos aquella tarde, e noite, e ao dia

seguinte marchamos pela terra dentro á vista da praia, caminho muito povoado, em que nos sahiam com aboboras, melancias, e bolangas, e tabaco, com que viemos passando, sem milho, nem ameixoeira, por não ser ainda novidade, e nesta parage, e quasi em toda a cafraria avia cinco annos, que não chovia, causando grandes fomes, e praga de gafanhotos, que por onde passavam não deixavam herva verde. O caminho da praia até o reino de Unhaca não é acertado, por ser seco, sem agua, e grandes serras de area, de que por vezes nos afastamos, por esta causa, quando alguma forçados, chegavamos a ella.

Em dous de Dezembro, havendo aquella manhã rodeado por entre matos, trabalhosamente uma alagoa, sahimos a uma campina rasa, em que descançamos. Levado o arraial dalli, foi marchando até á noite, pela mesma campina, fazendo alto junto a uns carcos de agua, achando menos um marinheiro, por nome Pedro Gaspar, casado em Lisboa, mestre sapateiro, que foi na calçada de Pé de Navaes, que caindo em pobresa com filhos, viera na mesma nao á India, buscar um parente que o remedeasse, e tornava para sua casa com remedio. Esta noite toda passamos com fogos, para este homem poder atinar com o arraial, que impossivel fora deixar de o ver se o buscára. O dia seguinte se enviaram seus camaradas atraz onde havia descançado ao jantar, tornando sem elle, nem novas suas, variamente se discorreo sobre este particular, sem acerto, e desenganados que não apparecia, marchamos por diante, resgatando cada um para si, como queria ameixoeira, e galinhas, aboboras, e melancias, até chegar a um rio caudaloso, que logo a maior parte do arraial que se adiantou, passou com agua pelo pescoço, e por vir enchendo a maré, e não ser possivel vadear, ficou o rancho do padre Fr. Antonio, e outros

dormindo entre o mato pegado ao rio, a que lhe acodio muito resgate de peixe, e galinhas, com que passamos até que a maré deu lugar, o outro dia a nos ajuntar com os mais aonde vimos o primeiro cafre, que falando portuguez nos chamou matalotes, dizendo, que na ilha do Quiusine estavam dous pangaios, alegrando-nos assaz, pelo receio, que traziamos de não achar pataxo de Moçambique.

Juntos com os mais da outra parte, passamos entre um fermoso arvoredo com boa agua dous dias, aonde acodio tanto resgate de peixe, e sal, que foi o primeiro que vimos, ameixoeira, milho, mel, manteiga, ovos, galinhas, cabras, e carneiros tudo em tanta abundancia, que nos parecia estar em uma ribeira bem provida, resgatando todos com liberdade, por panos, e trapos velhos podres, de qualquer modo que fossem, como não tivessem buraco.

Daqui nos levamos aos treze de Dezembro, marchando com muitos cafres em nossa companhia, passando este dia duas trevoadas de muita chuva, chegamos a fazer noite junto a uma lagoa, depois de um mato espeso, de que nos levamos pela manhã quatorze de Dezembro pela praia, e tendo marchado por ella uma legoa, achamos muitos cafres para nos guiar, com muita festa pela terra dentro, porque marchariamos outra legoa, até chegar á corte do Rei Unhaca, por outro Sangoan onde o achamos assentado em uma esteira á sua porta debaixo de uma arvore, em que ao costume dos cafres tinha suas insignias reaes, que eram uma cabeça de vaca com sua armação, e na mesma arvore uma astea muito comprida amarrada ao alto, e na ponta um arco, e frecha embebida; estava o velho Rei com um lençol de cotonia almagrada cuberto, com o seu lingoa em pé, pelo qual nos saudou, agasalhando-nos com bom animo, dando novas do pata-

xo de Moçambique, ser chegado á ilha de Quiusine, doze legoas deste reino, suposto não ter ainda assentado feitoria nesta Unhaca como é costume. Depois do que, nos mandou aposentar pelas palhotas, que havia, acodindo muito resgate de ameixoeira, galinhas batatas, manteiga, peixe, que cada um comprava a gosto por pedaços de camizas, e calções, e toalhas, e toda a sorte de roupa, de maneira, que em quinze dias que aqui passamos, sempre sobejou resgate. Mandando o Rei ao almirante Antonio da Camara, a quem Antonio Carvalho tinha á vista de Unhaca feito entrega do governo do arraial, uma pequena de ameixoeira, e uns tasalhos de cavallo marinho respondendo se-lhe com dous borrifadores de prata, e um pano com bordas de seda, e uma peça de corte de Baroche. Estes cafres com o trato e conhecimento dos portuguezes são grandes mercadores, entereseiros, e desconfiados, que primeiro hão de receber o pano, que larguem o resgate, que vendem por elle.

Como aqui se não davam novas do pataxo com a serteza que desejavamos, pareceo mandar pessoa nossa, que a trouxe, do que havia, avisando ao capitão delle, da nossa chegada, e perdição, e assim se despedio dous dias depois Antonio Carvalho com seis portuguezes, e dous cafres da terra, para o guiarem até a ilha do Quiusine, a que passaram os nossos com muito trabalho, onde acharam uma galeota, sendo da gente della bem hospedados por o capitão Diogo Velho da Fonseca natural de Villa Franca de Xira, casado, morador em Moçambique, ser ido assentar as feitorias do Manhisa Manoel Bombo, e Locondone, donde sendo avisado da nossa perdição, e chegada a Unhaca, como bom vasallo de S. Magestade, que Deos guarde, mandou logo com os mesmos um mouro piloto com

roupa para o gasto dos caminhos, e a barquinha, e lusio de resgate para passar os rios de Libumbo, e Machavane. Chegados Antonio Carvalho, com os que o acompanharam, dando tão boas novas os festejamos com admonstração de alegria que cada um sentio, mórmente sabendo, que havia quatro annos não tinha vindo outro pataxo mais que este, que atribuimos a beneficio e mercê de Deos, que seja sempre louvado por sua Divina Providencia.

A vinte oito de Dezembro com alguns cafres, que nos quinze dias, que aqui passamos travaram comnosco amisade, nos levamos deste reino de Unhaca atravessando a terra por junto a uma lagoa grande, e algumas povoações, até um rio que vadeamos com agua pela sinta, e marchamos este dia assás com muita calma, chegamos tarde ao reino de Machavane, mais rico, e poderoso, que o Sangoan, o qual nos sahio ao caminho nú, com uma capa de couro ás costas, aonde passamos a noite, e ao outro dia mandou ao almirante uma vaca, respondendo-lhe com uma suca branca. Levados d'aqui aos trinta do mez, sahio o Rei acompanhando o arraial diante uma legoa, despedindo-se de todos com grandes cortesias, enviando em nossa companhia para nos guiar um seu parente, até o rio Machavane, a que chegamos ao meio dia, e por ser mui rebatado, e caudaloso, era forçado passar-se em canoas, em que começamos a passar, ficando meio arraial para o outro dia; esta tarde passando tres grumetes em uma destas canoas, abrio uma agua de repente por um buraco, que levava tapado com lodo, e indo se a pique, não deu lugar mais, que a nadar, affogando-se um por nome Antonio Jorge, e os mais trabalhosamente sahiram a terra. Passados todos á outra parte com o gado, que ainda eram mais de quarenta vacas de carga, marchamos para o reino de Tem-

be Velho, em que fizemos noite, saindo elle ao almirante com um capado, porque se lhe deu uma peça de corte pintada, e levados daqui o dia seguinte, sendo a jornada larga, fomos anoitecer ao reino de Tembe Moço, poderoso Rei em gente, e gado aonde padecemos uma trevoada tão medonha, com tanta chuva e raios, que não ficou barraca em pé, sendo forçado passar alli outro dia, repartindo-se uma vaca, que o Rei deu para comer, e as nossas, que tirando-as da carga, sahio a cada dezoito pessoas uma. Aqui se resgatou muito leite, e melancias, chegando um escrito do capitão da galeota Diogo Velho da Fonseca, para nos apressar, que nos estava esperando com grande alvoroço, enviando o lusio, para se embarcar todo o fato com os doentes, e o almirante com os religiosos na barquinha, e os mais por terra.

Deste Tembe Moço sahimos marchando para o rio de Lebumbo, não nos podendo valer pelo caminho com cafres com leite, e melancias tão grandes, como fardos de arroz, comendo antes de chegar á praia em uma povoação, em que já achamos marinheiros do lusio, que nos levaram pela praia até a passagem, onde nos sahio o mestre da galeota Manoel Rodrigues Sardinha, e outros portuguezes chorando de sentimento, de nos ver perdidos, e com tantos trabalhos, e miserias, porque demos graças a Deos, em nos deixar chegar a ver portuguezes, e embarcação nossa, em que passamos á outra parte, e aquella noite na praia todos, deixando da outra o gado, encomendado a um cafre Benamusa, para o passar á ilha de Quiusine, como depois fez, pagando se-lhe o trabalho. Estas nossas vacas de carga foram em toda a cafraria de tanto alivio, e descanço, que a não nos valermos dellas, é certo não chegarem ametade a salvamento, porque de todo o arraial, só o padre Fr. Affonso de Beja, com

ser velho, e cego, e eu marchamos sempre a pé, o que se notou, para se dar a entender o effeito de que nos foram estes animais.

Embarcados no lusio os doentos com todo o fato, e na barquinha o almirante, e religiosos, deram á vela sabbado quatro de Janeiro, e os que restáram marchamos por terra, com Domingos Borges de Sousa por capitão, e o padre Fr. Diogo da Presentação, e eu em sua companhia, levando o mouro piloto por guia, com o qual marchamos aquelle dia por muitas povoações, sesteando em uma com muitas galinhas, leite, melancias, e bolangas, e tendo marchado tres legoas, fizemos alto, para passar a noite. Tornando a marchar o dia seguinte sedo, para chegar a tempo de poder ouvir missa no lugar, em que a galeota estava, a qual descobrimos pelas oito horas do dia, havendo passado grandes atoleiros, grande foi a alegria, que sentimos com esta vista, e tal ouve, que o não acabava de crer, considerando nos trabalhos, fomes, sedes, frios, e calmas, por que havia passado. Na praia estivemos esperando até á tarde, por não ser chegado o lusio, nem a barquinha, em que passamos por tres vezes, desembarcando da ultima já de noite, em uma ilha despovoada. Aos sinco de Janeiro vespora de Reis de 1648, sahindo logo para a igreja, que se alli faz de palha com a vinda do pataxo em que ha capellão, e missa, a dar graças a Deos, e á Virgem do Rosario, cuja invocação tinha.

O capitão Diogo Velho da Fonseca, com os mais companheiros da galeota sahio á praia a receber-nos com grande amor, e alegria, repartindo o dia seguinte a todos arroz, e ameixoeira para tres dias, acodindo a muitos com roupa branca, e sapatos, e aos que se valeram depois de sua despensa com doces, e todos os mimos que tinha para doentes, sem os negar a nin-

guem. Sendo merecedor de muitos agradecimentos, e beneficios, pelo bom modo, e liberalidade, com que se houve nesta occasião, em que os mais de sua companhia nos venderam um fardo de arroz redondo por quatorze cruzados de ouro, e uma maina de carambolas por seis e meio, uma botija de azeite, e vinagre por dez, uns sapatos tres, e quatro cruzados, e uma canada de vinho de Portugal doze cruzados, outra de nipa quatro, com a maior onzena, que já mais se vio.

Ao terceiro dia de nossa chegada, se repartio a gente da nao, e galeão, que eram cento e vinte e quatro portuguezes, e trinta negros cativos, pelas sinco feitorias, que já estavam assentadas, vinte legoas pelo rio assima, aonde não faltou comer, para que se dava por conta de S. Magestade tres panos por mez a cada pessoa, ficando na ilha o almirante por hospede do capitão Diogo Velho, e os religiosos, officiaes, e passageiros da nao, acomodados por palhotas, que se faziam de novo, e outras, que despejaram os lascares da galeota, a quem se pagaram. Passando-se seis mezes nesta ilha deserta, sem outra sahida mais, que a das feitorias, a que alguns sahiam a buscar mantimento, e refresco. Nesta ilha tinhamos, os que ficamos nella todos os dias a consolação de sinco, e seis missas, alivio grande para a peste, que se padeceo nas feitorias, e na ilha, em que morreo meia gente, lá pela abundancia de muito comer, e falta de sangrador, e aqui de febres agudas, que não davam lugar á medecina, de que não escapou pessoa, que as não sentisse, e muitas sarnas, porque despejaram parte de tanto mal, de que faleceo o P. Francisco Pereira da Companhia de Jesus, a um tempo, Salvador Pereira, o mestre Jacinto Antonio, Amador Monteiro camarada do almirante, filho do glorioso martyr embaixador a Japão,

não escapando dos do galeão mais, que Manoel Luiz estrinqueiro, Marcos Peres sotapiloto, Francisco Gomes canarim, e um cafre.

Chegando-se o tempo de partir, se vieram ajuntando, os que escaparam nas feitorias, e embarcados todos, levamos ancora a 22 de Junho á tarde, com aguas vivas, por entre balizas, por ser enceada de muito baixo, e chegando a dar fundo na ilha do Unhaca, resgatamos muitas galinhas, e batatas, e dando á vela dia de S. João, começamos a navegar para Moçambique com trezentas pessoas, brancos, e pretos na galeota, a maior parte doentes, e mal acomodados, por ser o barco pequeno, chegando a dar fundo em nove de Julho defronte da fortaleza em que morreo Amaro Jorge marinheiro da nao, natural de Ueiras. Chegando a terra a que sahio o capitão Diogo Velho, tornando logo a bordo escandalizado assaz do governador Alvaro de Souza de Tavora, com ordem para não sahir ninguem a terra, nem deixar chegar embarcação a bordo mais, que a do governador, em que nos levaram a todos á fortaleza, aonde com o ouvidor, e feitor, e seus escrivães tirou devaça, assim da perda das naos, como dos diamantes, que escaparam. Daqui se recolheo cada um aonde achou comodo, até ser tempo de embarcar para a India, mandando o governador soccorrer só aos homens do mar com uma panca de arroz, e um cruzado por mez, tomando alguns, que não eram casados para soldados da força, pela falta que tinha, repartindo-se os mais por tres embarcações, que haviam de partir para Goa.

A onze de Setembro sahimos á vela com terral, cinco embarcações de Moçambique, tres para Goa, e o pataxo de Dio, e outro para as ilhas de Comoro, havendo vista do pataxo dos rios de Cuama, porque até então nos fez o governador esperar, que andava em

uma, e outra volta esperando a viração para entrar.

Seguindo nossa derrota, logo se apartáram o pataxo de Dio, e o das ilhas, navegando os de Goa juntos até dez graos, em que a urca do governador na volta do mar, e o pataxo de Francisco Dias Soares na de terra, nos deixaram na galeota de Thomé Gonçalves de Pangim, em que vinha por capitão, e piloto Manoel Soares natural de Lisboa, a quem comprei a camara para passar com os padres Fr. Antonio de S. Guilherme, e Fr. Diogo da Presentação meus camaradas, e sendo esta galeota piquena, e roim de vela, o capitão della se mareou de maneira por calmarias, tormentas, e ventos contrarios, que só ella nesta monção passou a Goa, avistando terra em quarenta e sete dias entre Angediva, e o Cabo da Rama, e por nos faltarem terrenhos e virações, e não saber do estado em que estava a barra de Goa, com parecer que se tomou entre todos voltamos a entrar na barra de Onor o primeiro de Novembro, sincoenta e dous dias, depois que sahimos de Moçambique. Ao dia seguinte dous de Novembro me parti para Goa com os padres em uma manchua de quatorze remos, aonde chegamos, aos oito de Novembro pela manhã, admirando a todos as novas do nosso naufragio, e muito mais, pelos que este anno havia padecido esta cidade, perdendo dentro na sua barra um pataxo, e uma caravella carregados para a China com grande riqueza, de que não escapou pessoa viva, até o proprio geral de Macao Antonio Vaz Pinto, e sete navios de socccorro, carregados para Ceilão, e doze navios d'armada do Canará, sem de todos se salvar nada, com um terramoto, que não deixou arvore em pé, orçando-se a perda das palmeiras na ilha, e terras de Salcete, e Bardès, em mais de duzentas mil, fóra muitas igrejas, e mangueiras sem con-

to, sem ter chegado nova, nem embarcação do reino, nem da urca do governador de Moçambique, em que está o remedio, e cabedal daquella cidade, e os diamantes, que escaparam das naos, sentindo-se tambem a perda do galeão Santo Milagre, escapando alguma gente no abrolho, em que encalhou em seis graos do Sul, de que obráram um batel, em que quarenta homens só vieram tomar as ilhas de Querimba, deixando os mais no proprio abrolho, sustentando-se de passaros e tartarugas, faltando lhe outro si a nao Pata, que ia do reino, e deu á costa nos rios de Cuama, salvando-se a maior parte da gente, que morreo embarcada para Moçambique com o governador Alvaro de Souza de Tavora no seu patacho dos rios, que deu á costa com temporal, saindo a terra, em que morreram todos á fome, e sede escapando o proprio governador com poucos criados trabalhosamente. E não sei certo de qual me maravilhe mais, se da certeza, com que os males no mar são sempre certos, se da confiança, com que os que por elle navegam tem para si não ter algum. Digam os autores estrangeiros, o que lhe parecer, que os segredos do mar, e terra só a nação portugueza naceo no mundo para os saber descobrir.

FINIS LAUS DEO.

RELAÇÃO

DA

Viagem do galeão S. Lourenço e sua perdição nos baixos de Moxincale em 3 de Setembro de 1649

ESCRITA

PELO

Padre Antonio Prancisco Cardim

Da Companhia de Jesus, procurador geral da provincia do Japão

A Manuel Severim de Faria

Em Lisboa

POR

DOMINGOS LOPES ROZA

No anno de 1651

Perdição do galeão S. Lourenço, nos baixos de Moxincale, em 3 de Setembro de 1649

O GALEÃO S. Lourenço feito na Ribeira das náos de Goa com grande cuidado, e assistencia do governador do Estado da India Antonio Telles de Menezes, hoje conde de Villa Pouca, general da armada real de Portugal, e Governador do Estado do Brazil: foi o primeiro baixel feito em Goa, que nestes quarenta annos chegou a salvamento a Portugal, perdendo-se junto da barra de Lisboa o galeão S. João Bautista queimado pelos mouros no anno de 1620 e no de 1622 o galeão Conceição, depois de pelejar com duas náos olandezas junto do Cabo de Boa Esperança, deo á costa. Só o galeão S. Lourenço entrou pela barra de Lisboa a primeira vez no anno de 1645, indo nelle por capitão mór Joseph Pinto Pereira, que fora védor da fazenda real do Estado da India; voltou nelle por capitão mór Luis de Miranda Henriques no anno de 1646; o Viso-Rei D. Filippe Mascarenhas o mandou forrar em Goa, e voltar a Portugal no anno de 1648 indo nelle por capitão mór D. Pedro d'Almeida que com felicissima viagem ancorou no rio de Lisboa aos quinze de Agosto do mesmo anno.

Nesta de 49 o mandou outra vez para a India a Magestade del-Rei D. João o IV nosso Senhor que Deos guarde por capitania da viagem, e seu almirante o galeão Nossa Senhora do Bom Successo do povo, que sahira do estaleiro em 28 de Fevereiro antecedente. A boa estrea do galeão S. Lourenço, e o galeão novo, estavam convidando a todo Lisboa, e reino á presente viagem da India; concorreo muita infantaria, e com particular vontade a gente maritima, por lhe serem restituidas suas antigas liberdades.

Vinha por capitão do galeão S. Lourenço, e cabo dos dous galeões Diogo Leite Pereira, fidaigo da casa de Sua Magestade comendador de Alegrete da Ordem de Christo, que servia já nas armadas do Brasil, em suas guerras, como tambem nas armadas da costa. No galeão novo vinha por almirante Vasco de Azevedo. No galeão S. Lourenço se embarcaram seiscentas e setenta e oito pessoas, infantaria muito luzida, e destra, boa gente do mar, muitos fidalgos, e despachados: o doutor Paulo Castellino de Freitas inquisidor apostolico, que fora vigario geral da Torre de Moncorvo, desembargador da relação de Braga, procurador da mitra primaz das Hespanhas e prometor do Santo Officio em Coimbra com cinco sobrinhos para servirem nas armadas da India a Sua Magestade.

O doutor Jorge de Amaral de Vasconcellos, o primeiro doutor pela universidade de Coimbra, que passou á India, deixando muito bons despachos, em que estava consultado, e pertenções, que tinha por serviços de seus avós, além dos merecimentos proprios dignos de toda a mercê, aceitou o officio de ouvidor geral do civel do Estado da India, juiz das justificações do conselho da fazenda real, com que Sua Magestade o mandou com promessas de avantajados despachos, que saberá bem merecer. Dous annos havia es-

tado despachado por provedor mòr dos defuntos, o doutor Luiz de Abreu Borges, que servira já em Portugal de juiz de fóra de Mourão, e da Guarda, pessoa muito qualificada, e muito prudente. O lecenciado Francisco Vieira da Silva provido com a ouvidoria de Moçambique, para entrar no desembargo da relação de Goa, Leão Correa de Brito fidalgo da casa de Sua Magestade para entrar na capitania de Beçaim, com dous filhos, Manoel Correa de Brito, e Duarte Correa de Brito, D. Manoel Lobo da Silveira filho do conde de Sarzedas, D. Diogo de Vasconcellos, Manoel de Sousa, Manoel de Miranda sobrinho do estribeiro-mór de Sua Magestade, Ruy Lobo da Gama, Francisco da Cunha de Essa, e Joseph da Cunha de Essa seu irmão, todos fidalgos da casa de Sua Magestade.

Francisco Peixoto da Silva provido com a fortaleza de Mascate, D. Simão de Tovar, para entrar no paço de Noroá, Antonio de Freitas provido com a fortaleza de Barcelor, seu irmão Luis de Freitas, Simão de Almeida provido com o officio de corretor mór de Dio, Lourenço Batalha para entrar por juiz da alfandega de Negapatão, Antonio de Azevedo cavalleiro do habito de Christo despachado por governador de Jazanapatão, e escrivão da fazenda de Goa, e outras pessoas muito nobres, cavalleiros fidalgos, e moços da camara de Sua Magestade, soldados já experimentados nas fronteiras de Portugal, que com sua chegada a India esperam cartas de seus filhamentos, e habitos da ordem de Christo, que lhes foram promettido; outros traziam patentes para os receberem chegando a Goa.

Vinha por mestre do galeão, Bertholomeu Gonçalvez do habito de Santiago grande marinheiro bem conhecido na India por seu esforço, e valentia, que mostrou pelejando com o inimigo europeo, por adoecer gravemente poucos dias antes da viagem, foi promo-

vido em seu lugar Domingos Henriques, que estava nomeado para ir a Angola por capitão de mar, e terra do galeão Salvador; tomou o mestre Domingos Henriques o galeão em vespora da partida assim como o achou, piloto Diogo Tavares. O contramestre era Manoel de Freitas, sotapiloto Domingos Luis Parola, que fora já piloto mór da armada real de D. Fradique de Toledo, quando foi recuperar a Bahia, guardião Domingos Simões, condestavel Antonio Malhorqui, francez de nação mui esperto em seu officio, João Alvares carpinteiro da viagem, Domingos Gonçalves calafate, ambos bons officiaes. Dos marinheiros nenhum tomou o sol na viagem; porque diziam o piloto o não permittia, que esta parece é a causa da perda de tantas naos, faltarem pilotos experimentados.

Partimos do rio de Lisboa aos quinze de Abril com vento fresco, e boa maré; na nossa esteira vinha o galeão almirante, aos dezanove avistamos as ilhas da Madeira, e Porto Santo, aos trinta, a ilha do Maio uma das de Cabo Verde, aonde fazem de Lisboa quinhentas legoas, que não foi pouco andar em quinze dias; já neste tempo haviam caido no erro, que os da nao nova cometeram, em se sahirem de Lisboa sem capellão, chegaram á falla a pedir lhe quizessem dar algum sacerdote para lhe administrar os sacramentos que pois eram christãos, não parecia bem morressem como gentios. A estas vozes se resolveu o padre João Cardoso a acudir-lhe, dizendo ao padre superior Antonio Francisco Cardim que em caso que o capellão, que ia no nosso galeão, senão quizesse passar para a nao nova, lhe havia de dar licença para o elle fazer, por quanto tinha escrupulo grave de que fossem aquelles homens sem confessor, mas o capitão mór resolveo, que fosse o capellão, pois tinha soldo del-Rei, e que nós ficariamos correndo com a capellania do

galeão assim se fez, dahi a tres dias, em que o mar abonançou mais, se vieram chegando para nós, e lançando bandeira de quadra (sinal de que nos queriam fallar) se atravessou a nao, e nós com ella, ao lançar do batel fóra, foi tanta gente, que carregou ao bordo da nao por onde se lançava, que um dos officiaes enfadado pegou de uma bengala para os fazer retirar, e como o medo tira muitas vezes o acordo, succedeo que com a pressa da retirada, cahio ao mar um soldado natural de Lisboa, que teria de idade até quinze annos: foi grande o sentimento de todos, trataram de lhe acodir com o batel, por não trazerem ainda a boia prestes, que é uma como barril, com duzentas, ou mais braças de corda, confórme ao regimento de Sua Magestade para que tenham algum remedio os que caem ao mar, se bem de muitos é raro o que se salva, tanto assim que de quatro, que no discurso da viagem cahiram do nosso galeão, só um grumete se salvou, pegando-se á corda de um balde que a caso estava lançado a bordo, mas com tudo se ao que cahio da nao, lhe lançaram boia, creio se salvaria, porque com andar perto de duas horas no mar, teve tanto alento, que quando chegou a elle o batel, ainda o achou vivo sobre a agua com o ir buscar, perto de meia legoa afastado da nao, que ainda que estava atravessada, não deixou de ir descaindo: trouxeram no nosso galeão asssim por estar mais perto, como porque de caminho levassem o capellão: porém como não tiveram acordo para lhe mudarem os vestidos no batel, aquella mesma frialdade lhe extinguiu de sorte o calor natural, que quando chegou ao galeão, já vinha desacordado; acudio logo o padre João Cardozo ao batel, e vendo que ainda estava vivo, lhe deu a absolvição, e espero em Deos se lembraria de sua alma, e que seria aquillo meio para sua salvação, porque ao dito padre

disseram os marinheiros, que o foram buscar no batel, que ainda labutando com as ondas, logo em os vendo bradára por confissão.

Tratáram logo os da nao do negocio, a que vinham que era levar capellão, que lhe administrasse os Sacramentos: pedio o padre João Cardoso licença ao padre superior para acodir áquella necessidade, mas divertio com a razão que acima disse, e assim resolveo o capitão mór se passasse para a nao o capellão, que vinha em nossa companhia, e que os padres se encarregassem da capellania do galeão, e executou-se a resolução, e prouvera a Deos senão tomára, porque della póde ser se originou nossa perdição: era a nao um tanto mais veleira, e como se vio nella o capellão com desejos de chegar primeiro á India induziu ao piloto, que se apartasse de nós, para pôr em execução seu designio. Aos doze de Maio vespera da Ascenção estando um grão antes da linha, se deixaram ir descaindo para a costa de Africa; mandou o capitão mór se lhe tirasse uma peça, para que tornasse a ajuntar-se-nos, pelo muito que Sua Magestade lhe recomendava em seu regimento, que fossem as naos ambas em conserva; mas como iam muito empenhados em sua determinação, não tratáram de arribar sobre nós, antes se desviáram com tanta pressa, que nunca mais tiveram vista uns dos outros.

Esta cobiça, que os officiaes das naos tem de chegar primeiro á India, ou a Lisboa para venderem melhor suas fazendas tem sido a causa de muitos, e miseraveis naufragios, e grandes perdições, e não terá isto remedio, em quanto senão ordenarem rigorosas penas com os taes officiaes, prendendo-os, tanto que chegarem ao porto antes da capitania, ou desacompanhando-a por sua culpa, e ao menos se lhe deve

confiscar toda a fazenda, ainda que merecem maior castigo na pessoa.

Passamos a linha aos vinte de Maio, que fomos correndo a costa do Brasil com os ventos geraes, e bonançosos. Bem mal se correspondia neste tempo com Deos pelas mercês, que nos fazia; porque poucos eram os dias, em que não houvesse na nao roubos, latrocinios, e alguns de grande quantia, e tambem feridas, e cutiladas pelo rosto; os juramentos eram muito continuos, e taes que se escandelisavam os mais timoratos. Tambem entre as pessoas despachadas se moveram duvidas, e algumas chegáram a afrontas com que se dividiram em ranchos com odios mortaes, de maneira, que ia o galeão muito cheio de peccados, que parece se despertavam com a felicidade da viagem; não deixando as pessoas mais religiosas de temer o castigo da mão de Deos, que não tardou muito.

Afastados do Cabo de Santo Agostinho algumas legoas, e dos abrolhos, nos descompoz um vento contrario adiante já das ilhas da Ascenção, e Trindade, passadas as de Tristão da Cunha, nos tornou a enfadar o mesmo vento; até que entrou o desejado ponente, mas por o piloto se fazer muito ávante, e chegado ao cabo mandou algumas noites ferrar o panno das gaveas, com que perdemos a boa occasião, e todo o mez de Julho, que nos foi contrario, estando quasi á vista do cabo, sem o podermos passar. Nesta altura encontramos uma nao ingleza, que nos veio reconhecer, era já noite, quando passou por nosso balravento; e ainda que nos saudou com suas trombetas, não quiz o piloto, que se lhe respondesse cousa alguma.

Enfadados já de não passarmos o cabo em razão dos ventos contrarios, e muitas calmarias, andando sempre em uma e outra volta, já em mais altura, já em menos; fazendo votos aos Santos tirando-se es-

molas a suas confrarias. Dia de Santa Anna se fez o piloto passado o cabo; mas o sotapiloto lhe mostrou evidentemente não o ter passado: finalmente o passamos aos trinta e um de Julho com vento bonança, e mar leite; o que não se soube de certo senão aos dous de Agosto, em que a corrente das aguas nos fez avistar o cabo falso com a desejada vista das mangas de veludo, sinal certo de se ter passado o cabo em caso que não se haja vista de terra.

Aos quatro de Agosto cresceo o vento, que se fez temporal, durou dous dias, fez-se bonança, mas depois tornou o vento com mor furia; teve sosobrado o galeão, de sorte que por espaço de meia hora, não governou, até que por conselho do sotapiloto principalmente, e mais officiaes mandou o capitão, e cabo cortar a mezena, como o galeão vinha mal alastrado, a carga toda a estibordo, com um balanço, que deu, correo a carga de bombordo para estibordo, em que o galeão esteve muito arriscado: a este trabalho acudio a diligencia do sotapiloto, fazendo-se na outra volta, para que houve tempo para ter mão na carga de bombordo com taboões, a que assistio o guardião Domingos Simões, e o mestre carpinteiro João Alvres com grande diligencia, e proveito, como pessoas intelligentes, e bem experimentadas. Trabalháram todos nesta occasião com grande cuidado, assistia ao leme o capitão com vinte homens, que com grande difficuldade o lançavam com dobrados aldropes, e talhas. Os capitães da infantaria Dom Manoel Lobo da Silveira, Francisco Peixoto da Silva, Antonio de Azevedo, D. Simão de Tovar acudiam por suas horas com sua gente a esgotar a bomba, e aos contrabaços do traquete, e ajuda das escotas, a que sempre assistia muita gente: nem faltaram o inquisidor, e ouvidor geral, assistindo a todas as partes refrescando com seus

mimos aos que mais trabalhavam, e eu como capellão do galeão fazendo muitas vezes os exorcismos á tempestade. Com a entrada da noite foi abrandando o vento, que se nos representára muito fea; pela manhã estavamos já em bonança.

Na noite dos oito de Agosto nos cahio um raio bem perto da proa do galeão, que a cahir dentro nos abrazara a todos, passou isto em altura da terra a que chamam do Natal, que é logo passado o cabo, e dizem os homens do mar, que de ordinario costuma haver aqui estas refregas; mas que nunca haviam experimentado tão crescida, diziam ser a causa o fazermo-nos muito ao mar, e depois nos confirmamos mais, por que soubemos não abrangera esta tormenta a nao nova, que neste tempo se achara por alli perto, por se coser mais com a terra, e não subir a tanta altura.

Ordena El Rei no regimento aos capitães móres façam viagem sempre por fóra da ilha de S. Lourenço, por evitar as invernadas, que ordinariamente fazem os officiaes em Moçambique, movidos do muito que interessam nas vendas das fazendas, e ouro, que dalli levam para a India com total ruina da infantaria, que a ilha a pura fome, e máo temperamento em si consome, e tambem do perigo das aguas, que de Agosto por diante correm com grande impeto mais que rios, até o Cabo das Correntes: guarda-se muito mal esta ordem, e por se passarem vinte dias de viagem, vemos as mais das naos virem por dentro. Determinava o nosso cabo guardal-o, e entendido pela gente maritima se veio á sua camara, e alegando falta de agua, e mantimentos, com parecer dos officiaes, e em fatal hora, se resolv'o, que fossemos por dentro.

Aos 24 de Agosto amanhecemos com a ilha de São Lourenço, que fomos correndo tres dias com ventos bonançosos: em altura de 16 graos nos descompoz

um vento Nordeste, por espaço de vinte e quatro horas, que nos enfadou: fez-se o piloto em uma, e outra volta, mas por se desviar dos baixos de João da Nova, se meteu mais para a terra firme; de sorte que quando ao primeiro de Setembro nos entrou o vento de monção, devendo governar a Lesnordeste para se affastar dos baixos de Moxincale, governou a Nordeste quarta de Norte, fazendo com esta derrota o caminho do Norte quarta de Nordeste em razão da variação de agulha, e corrente das aguas, sendo tão grande, que na noite de nossa perdição tomou o galeão duas vezes de luva vindo com vento em popa, que se viera o galeão aberto, tomaram todas as velas vento, não foramos dar nos baixos de Maxincale.

Era o quarto da madorna da noite da quinta feira para a sesta, em que entravamos nos tres de Setembro, quando o galeão tocou no baixo com tão grande força das pancadas, que dava (alguns contaram oito) que parece se abria, lançou o leme fóra, que perdemos; e quem não sabe que cousa é o leme de uma nao, e tão grande como o galeão S. Lourenço, não poderá crer a violencia do mar, a facilidade com que o lançou fóra, o escuro da noite, a confusão da gente, o caso inesperado, os gritos, e lagrimas de todos, e parecer ao pilito, que estava nos baixos de João da Nova, foi causa de ficarem todos sem acordo; concorreram á confissão a gente principal, e soldados, os marinheiros a tirar acima uma amarra, não vindo até então nenhuma telingada, despedi-me de meus companheiros, abraçando-nos todos depois da confissão parecendo-nos aquella a ultima hora de nossa vida.

Uma grande consolação tivemos nesta afflição que foi não fazer o galeão gota de agua, sendo bastantes as pancadas, que deu para abrir naos muito poderosas; mas o ser o galeão da madeira de teca, que parecia

uma rocha, e dar na ponta de baixo, de que as aguas nos lançaram fora, foi causa de nossa consolação, e podéra ser da salvação do galeão, lançaram ancora em seis braças, tendo primeiro tomado prumo em doze; em quanto as amarras vieram acima, nos levaram as aguas para terra; mas como ataram a amarra no cabrestante da xareta, o levou comsigo, ficando todo o trabalho baldado, fomos dar em seco; sendo já manhã clara, como o fundo era de area, e brugalho, por mais que o galeão abateo, não abriu, só inclinou para estibordo, onde trazia o maior peso, conservando-o Deos para nos salvarmos.

No meio desta afflição, e total perdição sahi ao convez com uma imagem de Christo Senhor nosso, que trouxe de Roma tirada ao natural pela que Christo Senhor nosso mandou a Abagar o Kei de Edessa, que se guarda na igreja de S. Silvestre em Roma: á vista de tão preciosa Imagem, que arvorei, se prostraram todos de joelhos com as lagrimas nos olhos, a magoa, e dor no coração, a voz em grito, rompendo os ares pedindo a Deos Misericordia (e posto que tinha confessado a muitos, desdo tempo, que o galeão deu no baixo, como tambem o tinha feito o inquisidor Paulo Castellino de Freitas) e se naquella hora discorrendo todos tres a varias partes ficando só no camarote o padre João Cardoso, por estar doente, e de uma sangria no pé, que lhe apostemou não podia andar, dei a absolvição a todos em geral; porque em caso, que o galeão abrisse com as continuas pancadas que dava, é certo não haveria lugar para o fazer, mas tratar cada um de salvar a vida sobre alguma taboa.

Cortaram-se logo os mastros, lançou-se o batel ao mar, nelle gente com armas, por não saberem o lugar, em que estavamos; embarcaram-se logo nelle vinte mosqueteiros, para em terra segurarem a des-

embarcação a alguma gente maritima, para o tornarem a trazer a bordo; não pode o batel tornar ao galeão, por ser grande a resaca do mar na praia, que logo o atravessava, tornaram a nado duas pessoas, dizendo que os negros eram conhecidos, e falavam portuguezes, e estavamos perto de Moçambique; ao meio dia se tomou o sol, soubemos de certo, que o baixo era de Moxincale, como o sotapiloto tinha dito ao piloto; certificado da terra, em que estavamos, e difficuldade em tornar o batel, tratou o mestre carpinteiro João Alvres de fazer jangadas, trabalhando com tanto cuidado, e diligencia nas muitas que fez, e muito grandes, que foi causa de se salvar muita gente.

No mesmo dia da sesta feira á tarde se foi para terra em uma jangada o inquisidor Paulo Castellino de Freitas, por lhe dizerem os officiaes, que o galeão a cada hora se podia abrir, e no sabbado pela manhã o doutor Jorge de Amaral de Vasconcellos em outra, ambos deram calor com os capitães de infantaria Francisco Peixoto da Silva, e Antonio de Azevedo, que foram na primeira batelada a lançar o batel ao mar; o que teve tão bom successo, que poz outra, pouca de gente em terra, com a resaca do mar esteve nelle affogado um filho de Leão Correa de Brito; e de todos se offogou dentro nelle um menino pagem de Dom Manoel Lobo da Silveira. Não só a resaca do mar atravessava o batel, mas o descosia de maneira, que era necessario calafeta-lo com grande trabalho. Já nestes dous dias estava muita gente em terra; que tinham desembarcado no batel, e nas jangadas, tornaram com mais facilidade lançar o batel a terceira vez ao mar, que foi ao domingo, nelle se desembarcou o cabedal de Sua Magestade, o capitão, e cabo, mestre do galeão, e a gente que coube.

Como neste tempo estavam já em terra todos os marinheiros, grumetes, e soldados valentes, tornou o batel no mesmo dia ao galeão buscar gente, e porque não pôde trazer toda, tornou á segunda feira o piloto se desembarcou, e trouxe contia de quarenta e cinco mil cruzados, dinheiro dos mercadores, que vinham á conta do piloto, e sotapiloto: vendo os outros officiaes, contramestre, e guardião, que ficavam na nao vinte e cinco mil cruzados, que tambem traziam á sua conta dinheiro de mercadores, cuidando se lhes poderia dar em culpa não desembarcarem o dito dinheiro tiveram tão grande sentimento, que houveram de succeder mortes de algumas pessoas, senão acudiramos os que estavamos presentes, o inquisidor, o ouvidor geral, e eu: bem podéra no dia seguinte tornar o batel buscar o dinheiro, que ficava no galeão, mantimentos, e agua, e ainda ir a Moçambique, avisar o estado em que estavamos, mas faltou o governo e conselho; o batel se arrombou, e lançaram fogo, para que os negros não fossem ao galeão, ao dinheiro que estava em terra, cortáram de noite os saccos, e os queimaram, para não se saber, nem letreiro, nem marcas; fez-se um monte de dinheiro solto, donde cada um tomou o que quiz, e pode acarretar; posto que muitos convidados não quizeram encarregar-se de dinheiro alheio, o restante se meteo em um barril, e se enterrou; mas os cafres o levaram sem remedio.

Não obstante, que se tinha enviado um homem com aviso, para que de Moçambique nos viessem embarcações, não houve remedio fazer capaz aquella gente, a que esperasse reposta cuidando que em dous dias se poriam em Moçambique, mas succedeo-lhe o contrario, porque como o caminho fosse todo cortado de esteiros, não se podia fazer com tanta pressa, porque era necessario esperar as vazantes das marés para

os atravessar, e ainda assim se affogava muita gente na passagem destes esteiros, uns por fracos, e não poderem terem-se á furia com que a agua vazava, outros por pequenos, que por não ficárem atraz, se arremessavam aos rios: grandes desordens se viram neste marchar, assim por falta do acordo, que nestas occasiões não deixa o pensamento livre para escolher o melhor, como por desobediencias da gente, que nelle ia, por pouco costumada a obedecer, nenhum tratava do bem commum, sendo que nisso estava o de cada um em particular; mas era bradar em deserto o fallar nestas materias.

Eu me desembarquei ao domingo em uma jangada, que o mestre carpinteiro João Alvres fez para si, nella viemos para terra quatorze pessoas: antes de eu desembarcar, fiz que fossem primeiro para terra no mesmo domingo meus companheiros em uma jangada muito grande, que levava espia, e tornou ao galeão; na primeira viagem foi o padre Antonio Francisco Cardim com o ornamento para dizer missa, o escritorio dos papeis, e o barril da via da Companhia, este desfundáram logo os soldados, e grumetes, que estavam em terra, cuidando tinham nelle que comer, mas como acháram só cartas, as lançáram ao mar. Na segunda viagem da jangada foi o padre João Cardoso com muito trabalho; porque tinha ainda o pé apostemado com cinco buracos, que se abriam lá junto de terra; cortáram a espia, que ficava no galeão; porque os não deixava ir á vante, por se ter embaraçado em umas pedras quiz Deos, que esta não se virasse; porque era muito grande, e forte, e feita pelo mestre carpinteiro; uma jangada se virou em umas pedras, em que iam sete soldados, e um grumete; só este se salvou, affogando-se todos os mais, como tambem alguns moços fiando-se em saber nadar, se lançavam

ao mar em uma taboa com um, e dous barris, uma toalha por vela, mas a resaca do mar junto de terra os virava, e affogava; posto que se não fez resenha em terra, entende-se se affogaram algumas trinta, até cincoenta pessoas.

Desembarcada a gente, e postos todos em terra em suas barracas, que cada um fez como pode, tratou o capitão, e cabo de marchar com a gente toda, e cabedal del-Rei. O Xeque Empata de Moxincale, que morava quatro legoas donde se formou o arraial na praia de fronte do galeão, nos veio visitar todos os quatro dias que estivemos no arraial, com algum pouco de refresco; com elle tratou o cabo da marcha, pedindo negros para levar o fato, que era o cabedal, e porque o negro dilatava. parecendo que era engano, se resolveo o cabo de marchar, visto faltar agua naquelle lugar, mas estava distante uma legoa. Offerecendo se os marinheiros de acarretar ás costas os caixões do cabedal, que eram quatorze fazendo pengas quatro homens a cada caixão, mas por serem mui pesados, foi necessario puxar pela infantaria. Não tive pequeno trabalho em buscar quem levasse o padre João Cardoso, houve quem levasse barris de fato, e baús de roupa, e não quem levasse o ornamento; pelo que me foi necessario fazer em pedaços a vestimenta, frontal, e tudo o mais, quebrar a pedra de ara, e só recolher o Caliz, e Patena, porque nem a marcha se dispoz em ordem, nem houve mais, que confusão sem sabermos para onde iamos; tambem deixei o escritorio, rasgei os papeis, por estarem trespassados de agua salgada, e de todo perdido.

Abalou o arraial bem sobre tarde, tendo eu já marchado com os doentes diante para absolver a alguem em caso de necessidade; chegaram perto da povoação do Xeque, mas por falta de embarcações não

passaram o rio que os dividia da ilha, e povoação em que estavam os negros, fazendo tal jejum, que nem agua tiveram para beber, senão a tarde do dia seguinte. O corpo do arraial veio marchando ficando quatro doentes que estavam para morrer, que deixei confessados, posto que dous tornáram em si, e vieram ter a casa do Xeque donde os trouxe comsigo depois em uma embarcação o padre João Cardoso.

Continuou a marcha até as primeiras cazimbas de agua, descansamos um pouco e logo tornamos a marchar, sendo já de noite, até que a enchente da maré nos impedio não ir adiante: fizemos alto dentro dos matos, mas crescendo a maré, que era de aguas vivas, nos alagou, não nos deixando repousar o que restava da noite nem marchar, até não vazar, por virmos sempre seguindo a praia. Seria meio dia oito de Setembro, quando chegámos a umas cazimbas de agua defronte da ilhota do Xeque Empata, para onde elle nos guiou, promettendo mandaria logo muito peixe, e milho, porém não tornou naquelle dia, nem mandou cousa alguma; tornamos a fazer barracas aos pés das arvores, cobrindo-nos com os ramos das mesmas arvores com esperanças de termos recado de Moçambique, para onde partira do primeiro arraial no sabbado antecedente, quatro do mez, e o seguinte de nossa perdição, Luis Fernandes Lopes dispenseiro do galeão com dous marinheiros, dando-lhe o Xeque guia até Moçambique, e no mesmo dia oito do mez partio o contramestre com outros marinheiros para Moçambique.

No dia seguinte nove do mez, tornou o Xeque com muito pouco mantimento, de sorte que a sede, que nos atormentava no primeiro lugar, se trocou em fome no segundo: E posto que o cabo fazia boas diligencias para que todo o mantimento lhe viesse á

sua mão, e fosse uma só a que comprasse, não foi possivel, porque houve fidalgo, que comprou uma lanha por uma pataca, e um mocate, que é um bolinho de milho, por outra pataca, com que os negios levantáram o preço tão alto ao pouco que traziam, que foi cousa notavel, alguns experimentados em semelhantes trabalhos fizeram provimento de queijos, presuntos, e chouriços, que trouxeram do galeão: e o mar lançava nas praias, com que remedearam muitos a fome presente.

Quiz Deos trazer-nos o Xeque Embiro de Moxingli ao lugar, onde estavamos, o qual já o anno passado acompanharam o governador de Moçambique, a Sofalla Alvaro de Sousa de Tavora, quando se perdeo vindo dos rios. Este Xeque prometteo traria cochos, são umas embarcações, como as canoas do Brazil, uns feitos de um só pao, outros de casca de arvores cosidas com cairo; pediram-se com titulo, que o galeão trazia muitas caixas de ballas, para a fortaleza; mas ainda que soubessem era dinheiro, não havia nos negros nem gente, nem animo para resistir a tanta gente com armas de fogo como traziamos.

Concluido o negocio da passagem, feito concerto com os Xeques dos cochos, que ambos haviam de trazer no dia seguinte, para passarem a gente da outra banda do rio, e levarem o cabedal del-Rei, tratei com o Xeque Empata de recoiher em sua casa o padre João Cardoso até tornarem os guias, e redes, em que mandára a Moçambique uma sobrinha do doutor Luiz Borges Mergulhão, qne fora chanceller do estado da India, e de presente provedor mór dos contos; levou o Xeque ao padre para sua casa com dous moços para servirem o padre, e dinheiro para o gasto, e caminho até Moçambique.

Aos dez de Setembro depois de marcharmos meia

legoa, passamos o rio pagando cada pessoa aos barqueiros a meia pataca, e a pataca, não obstante ter dado o cabo aos Xeques quarenta patacas a cada um pela passagem de toda a gente. Em quanto vinham chegando os cochos com o cabedal, e a maré ainda vazava, disse o capitão ao cabo, ao inquisidor, ouvidor geral, e a mim, que todos estavamos com elle assentados em uns caixões do cabedal, que elle trouxéra no seu cocho; que podiamos marchar por terra, o que logo fizemos por grandes areias em direitura ás palhotas do Xeque Embiro, onde já estavam os doentes, estando já perto encontramos uns marinheiros, e soldados, que nos disseram não havia nas palhotas mantimento, e uma vez de aguà custava uma pataca, que elles levavam diante duas linguas, e guias, que marchassemos até uma povoação, onde achariamos mantimento, e agua, seguimos logo a marcha, passamos o primeiro rio com agua pelos peitos, a corrente furiosa, levou um moço doente, a que soccorri com a absolvição, por me ficar em pequena distancia, gritei a um valente marinheiro, para que o salvasse, quando chegou, já a corrente o tinha arrebatado.

Tornamos a passar o mesmo rio duas vezes, e grandes sapaes, apressando a marcha por razão da enchente da maré, que já repontava; chegamos á povoação, onde nos refizemos com um pouco de milho cozido, que foi grande regallo. O contramestre, que tinha passado diante com as mulheres, e uns fidalgos tinham já comprado as galinhas, que havia na povoação. O cabo ficou aquella noite com o restante da gente nas casas do Xeque Embiro, donde partio no dia seguinte onze do mez nos cochos com o cabedal del-Rei acompanhado do mesmo Xeque; a gente dividio em dous trouços até chegarem a Pelame seis legoas de Moçambique.

Aos onze de Setembro partio o cabo com o cabedal em cochos da aldea do Xeque Embiro, e nós da povoação, onde descançamos; aqui achamos um cocho que tomamos o inquisidor, ouvidor geral, e eu por treze patacas por quanto eu não podia caminhar, em razão de ter os pés muito inchados da passagem dos rios, e estarem tostados do sol; foi mercê de Deos acharmos o cocho, que nos trouxe aquelle dia até Moxingli onde chegamos alta noite não sem grande trabalho, e risco de uma enseada, ou braço de mar, que por encher a maré, e o vento ser fresco, nos poz em grande cuidado; em Moxingli achamos já o nosso troço da gente, que por terra nos acompanhava, tendo passados muitos rios, em que se affogáram algumas pessoas. Aqui descançamos em umas palhotas, que foram as primeiras que encontramos depois que sahimos do galeão; onde tambem chegou o cabo com os cochos do cabedal; porque vinhamos todos em conserva.

Na madrugada do domingo doze do mez seguimos nossa derrota nos cochos, e a gente por terra até Malema, onde ficaram os cochos, e cabedal, que os cafres, e Xeque de Lanculo, que é o da fortaleza, trouxeram até Pelame seis legoas de Moçambique, onde se tornaram a meter nos barcos, que vieram de Moçambique. Chegamos a Malema pelas dez horas do dia, marchamos logo pela praia Bayone onde ficamos aquella noite, aqui achamos já refresco de Moçambique, ainda que eu vinha muito mal tratado, os pés crestados do sol, e agua salgada, marchei por terra uma boa legoa a pé com grande difficuldade em companhia do inquisidor, e ouvidor geral; no caminho perto já de Bayone houvemos ainda de passar um rio que totalmente me derrotou, e com grandissima difficuldade cheguei a Bayone; chegou logo o Xeque de Lanculo

com muita gente carregada de arroz, que levava da fortaleza para toda a gente do galeão, com carta do governador Alvaro de Sousa de Tavora para o capitão, e cabo, em sua ausencia para o ouvidor geral, e posto que lhe deram a carta, elle a não abrio, mas a tornou a entregar, para se dar ao cabo, que ficava em Malema esperando estes mesmos negros, para trazerem o cabedal ás costas; por quanto de Malema não podiam passar os cochos com o cabedal, e se acabar alli o braço de mar, ou rio de agua salgada.

Na segunda feira pela manhã treze do mez marchou o inquisidor, e ouvidor geral para Pelame, onde estavam muitos portuguezes de Moçambique em seus barcos com refresco para levar os Reinões para Moçambique, como fizeram com muita caridade, vestindo aos mais necessitados, e recolhendo outros em suas casas. O padre reitor do collegio de Moçambique veio tambem buscar-me, e a meus companheiros, e porque soube em Pelame ficava eu em Bayone sem poder pôr os pés no chão, mandou uma machina, que serve em lugar de rede, para me trazerem os cafres ás costas como fizeram; cheguei ao barco onde estava o padre reitor com o procurador do collegio já noite: na terça feira, quatorze do mez, não houve vento para partir para Moçambique; servio este dia de se ajuntar mais gente em Pelame, onde estavamos, que por fracos uns, outros por acompanhar o cabedal, ficaram atrás: no barco do collegio recolheo o padre reitor algumas sessenta pessoas; e porque o vento de terra servia já para dar á vella, o fizemos de noite, e assim chegáram a Moçambique pelas oito horas do dia em quinze de Setembro, e eu com o nosso troço da gente em dezasete do mesmo.

E' Moçambique uma pequena ilha, e muito doentia, *terá* de largura a parte um tiro de arcabuz, e de com-

primento um quarto de legoa: temos nella uma formosa fortaleza, com tresentos homens, pagos, fóra os casados portuguezes, que serão oitenta, não cria a ilha em si coisa nenhuma, nem ha nella agua senão de cisternas, que se toma da chuva, todo o mantimento vem cada anno da India de novecentas legoas, sustenta-se em razão dos rios de Cuvama, e Manamotapa, que fica dalli tres dias de viagem, donde se tira muito ouro, ambar, e marfim, e é só a cousa que temos hoje na India.

O padre João Cardoso, que deixára em casa do Xeque Empata, como vio que de Moçambique não vinha resolução alguma se resolveo a buscar caminho, por sair de entre mouros cujas abominações, e ceremonias o lastimavam mais, que a enfermidade que padecia, por ver, quam pontuaes eram na guarda de sua falsa religião, tres vezes infallivelmente se ajuntavam cada dia a cantar suas orações, e o Xeque que lhe servia de Cacis, se lavava antes de entrar na mesquita, e deixando os çapatos fóra sobre uma lagem, que estava á porta, entrava de pulo na mesquita, porque tem por sacrilegio entrar nella, ou calçados, ou com os pés menos limpos; mas como toda a perfeição consista nesta limpeza exterior, o interior vae qual Deos sabe; porque são em extremo viciosos, um dia de sua festa que era o da lua nova, concorreram a este logar alguns mouros dos outros alli visinhos, e sabendo da estada do padre se offereceo um ao levar até perto de Moçambique, e concertando-se com elle, com lhe dar algumas cousas, que os moços que estavam em sua companhia, haviam salvado, lhe trouxe ao outro dia um cocho, embarcou-se nelle com mais tres moços; porque além dos dous, que ficaram com elle, se lhes havia ajuntado outro, que ficára com outros doentes na praia, e dando nelles os Macuas gente

barbara, e feroz, este se acolheo como poude, e lhe escapou de entre as mãos; que os mais que por fracos não poderam fugir, depois se soube, como eram mortos. Caminhåram o padre, e moços dous dias por um rio com assaz incommodidade, e muito perigo de vida, porque além de o cocho ser pequeno, e irem sempre debaixo da agua, entendeo o padre que os mouros o levavam vendido, e tratavam de o deixar em uma praia aonde se acabava o rio; mas indo já chegando perto desta paragem, ouviram um tiro de mosquete, alteraram-se os tres mouros, que iam governando o cocho dizendo uns para os outros, portuguezes, alegrou-se o padre com esta nova tanto, quanto elles se entristeceram, e chegando a tomar o porto, achou que o esperavam na praia dous portuguezes, que haviam vindo no mesmo galeão S. Lourenço, os quaes voltavam já de Moçambique por ordem do governador com muitos cafres visinhos de Moçambique, para trazerem preso o Xeque em cujo poder estivera o padre, por queixas, que delle tinha, mas quando foram já Deos lhe havia dado o castigo, porque uns cafres, que são mui temidos por esta costa, a que chamam Marabes sabendo da perda do galeão, e que os mouros daquelle lugar tinham em si o recheio, deram de repente sobre elle, e tomaram entre outros ao Xeque, e se o padre João Cardoso ainda alli estivera, correria o mesmo risco pela fereza destes barbaros. Em os portuguezes o vendo, se alegraram summamente, e por o terem já por morto; convidaram-no a comer de que elle não fazia caso, contentando-se com o gosto de ver gente conhecida. Então lhe deram por nova, como dalli quatro legoas estava um batel, que o padre reitor de Moçambique havia enviado em sua busca, mas os cafres que nelle vinham contentaram-se de esperar sem fazer mais dili-

gencias, obrigaram tambem aos mouros, que haviam trazido ao padre no cocho, a que o levassem por terra em uma machina, cousa que responde ás redes do Brasil, até darem noticia delle á gente do nosso batel, elles se contentaram de o pôr em um lugar, que estava mais adiante, onds enviou recado, e vindo alguns cafres nossos, o levaram ao batel, se bem com assaz de perigo; porque fizeram o caminho por um mato tão inficionado de féras, quanto bem mostravam os sinaes, que disso viram, ouvindo bramir ursos, e tigres, e muito rasto de elefantes, e ao passar de um rio tiveram vista de doze cavallos marinhos, os quaes andavam em terra; serão de grandeza de um boi, ainda que mais baixos dos pés, e de maior circumferencia, a cabeça muito maior, e de fora lhes sahiam dous dentes de desmedida grandeza. Aqui teve noticia do estylo, que havia em matarem os elefantes, e e vio como era patranha o que por alli se contava, em dizerem que não se deitavam. O estylo que estes guardam em os matar é de noite, depois de saberem onde se agasalha o elefante, vão dous cafres com suas zagaias, cujo ferro é muito largo, e levam na mão esquerda uma acha de fogo aceza, e tanto que lhe empregam a zagaia, tiram com o fogo para a outra parte contraria o elefante vae seguindo o fogo, cuidando que dalli lhe veio o dano; e entretanto o que lhe tira se põe em cobro, ao outro dia pelo rasto do sangue o acham morto. Chegou o padre a Moçambique aos vinte e quatro de Setembro vinte e dous dias depois de perdido nos baixos de Moxincale, donde fazem vinte legoas a Moçambique. Não se sabe de certo a gente que morreo nesta viagem, e marcha até Moçambique, entende-se seriam seis, ou sete pessoas de sorte que tres cahiram no discurso da viagem ao mar, dezasete morreram de doença, trinta do galeão para

terra, e sete, ou oito na marcha, vem a ser sessenta e oito pessoas ao mais. Esta foi a viagem e perdição do galeão S. Lourenco, que senão perdera se o mestre delle trouxera duas ancoras aviadas, para lançar ao mar, porque o galeão depois de dar na lagem, e perder o leme sem fazer agua, passou a um fundo de treze braças, mas como não tinha amarras, foi rolando para terra, até encalhar.

O despenseiro Luis Fernandes Lopes, que desembarcára do galeão ao sabbado quatro de Setembro, e partira logo para Moçambique, contratou com um seu patricio, que vivia em Moçambique, mandasse uma galeota, que tinha ao galeão, para o que lhe segurou as perdas, e danos com uma boceta de joias preço de mór valia, do que a galeota, tiveram o successo, que desejavam, porque carregaram a galeota de toda a prata, e precioso do galeão, e tudo o mais de mantimentos, que achou nos camarotes de cima do galeão; voltaram em poucos dias a Moçambique, deram a sesta parte das fazendas ao senhorio da galeota Manoel de Sousa, no dinheiro houve concerto, mas ficou o senhorio com mais de dez mil cruzados de ganho. a fóra o muito que se furtou, porque dizem se fizeram duas repartições de dinheiro em patacas uma de noite no mesmo galeão, outra no pateo do dito Manoel de Souza, com que todos ficaram contentes; e para que os Lascares não viessem descobrir o muito, que se tinha furtado no galeão, mandáram logo a galeota para fóra da terra, levando muitas patacas, coral, e mantimentos de carne de Portugal; é geral o dito sentimento, e queixa contra o dito Luis Fernandes, não acodindo ás excummunhões da Bulla da Cea, nem as ameaças, que os marinheiros lhe fizeram, por lhe escalar seus caixões, como tudo o mais que vinha por cima, porque os barcos que depois foram ao galeão,

não acharam nada por cima na varanda, e camarotes, com ser muito o que traziam em si, e deixar de proposito, para se mandar buscar de Moçambique.

O primeiro caminho, que fez o doutar Jorge de Amaral de Vasconcellos, foi á fortaleza, dizer ao governador, e pedir-lhe mandasse á India com aviso a galeota de Manoel de Souza, e para ir nella se offerecia o sotapiloto com os marinheiros necessarios; fez o governador conselho, julgou-se por todos era muito necessario, o tal aviso para poder escrever o Viso-Rei a Sua Magestade da perda do galeão, e para mandar a esta fortaleza embarcações, e mantimentos para irem para Goa seiscentas pessoas, que tinham entrado em Moçambique da perdição do galeão, cabedal del-Rei, dinheiro de mercadores, e fazendas, que se salvaram na galeota, e barcos. Com esta resolução ser boa, e haver ainda monção, para se fazer viagem, não faltou quem a impedisse, por se temer culpado na perda do galeão.

Fez depois o ouvidor geral um requerimento por papel ao governador, mandasse tirar as peças de artelharia do galeão, mandou o governador seis barcos, trouxeram quatorze peças de artelharia, e muitas fazendas. Os que vão ao galeão dizem, que até o lastro se podia tirar do galeão em occasião de aguas vivas, porque na baixa mar vaza muito, e o galeão ainda está inteiro, o certo é que as amarras, e outras muitas cousas se podiam salvar.

Aos quatorze de Outubro chegaram a Moçambique dous homens da perdição do galeão almirante Nossa Senhora do Bom Successo, que dobrou a todos o sentimento, veio-se perder abaixo das ilhas de Angoxa em oito de Setembro com vento em popa no quarto da madorna, amarras telingadas, vigias na sobrecevadeira, tocou o galeão junto da terra firme, affogaram-

se trezentas pessoas, escaparam só com vida cento e dez no discurso da viagem morreram noventa e cinco, em tocando o galeão, cahio para bombordo, correo a artelharia, matou muita gente, e arrombou o costado, o almirante morreo antes de passar o Cabo.

A causa da perdição destes dous famosos baixeis, em tempo, que a India está tão falta de soccorro de Portugal, se póde attribuir a muitas causas. Primeira, os muitos peccados, e desaforos, que havia no galeão S. Lourenço; porque não obstante que quasi todos os dias se diziam tres missas, nos dias solemnes se cantavam muito bem com cançonetas, e prégação, muitas confissões, e communhões, e doutrinas, que se faziam, e ainda se rezava o terço do Rosario quatro vezes na semana, com tudo foram muitas as maldades, que se commetteram, faltando no cuidado de suas obrigações os que o poderam ter. Segunda, a desunião dos officiaes em um, e outro galeão, e querer o piloto do almirante apartar-se em vingança, que foi a origem desta perdição, cegando Deos o entendimento aos pilotos para que ambos dessem com os galeões através com vento em popa. Terceira não se guardar o regimento de Sua Magestade, que manda que façam a viagem por fóra da ilha de S. Lourenço, mas como os pilotos não são creados nesta carreira, temem os muitos baixos, que ha por fóra, e no fim se vem perder na viagem de dentro. A nao ingleza, que encontramos no Cabo, foi tomar refresco ás ilhas de Comoro; encontrou a um pataxo de Moçambique, disse aos portuguezes, como nos encontrára, mas não podiamos vir por dentro, por ser o galeão muito pesado, havendo de ir por fóra, são necessarios mais mantimentos, e dispenseiros fieis, e não como um dos dous do nosso galeão, que lavava sua roupa na agua doce del-Rei; outras razões não são para esta relação.

Em Moçambique com a malignidade do ar, fome, e sede que se padecia, foram morrendo pouco a pouco de maneira, que até o mez de Maio morreram trezentas pessoas, e não escaparam dez de serem doentes: em casa do inquisidor faleceram quatro, e todos os mais estiveram á morte, e assim se passáram todos aquelles sete mezes com grande trabalho.

Vindo a monção nos partimos para a India a dez de Abril depois de seis mezes de invernada em um pataxo do capitão de Dio, fomos tomar no norte a cidade de Beçaim, onde nos fez esquecer dos trabalhos da viagem, que durou trinta e quatro dias, a muita charidade do padre reitor daquelle Collegio, e ouvimos ao inquisidor, que veio em nossa companhia, que dava por bem empregados todos os incommodos, que havia padecido, só pelo gosto, que teve, e pelos mimos, com que o padre reitor nos hospedára, é este o padre João da Gosta natural de Alvito, que veio desse reino. Daqui nos embarcamos com pressa para Chaul, por vir já entrando o inverno, que nesta costa começa no fim de Maio, e em tres dias chegamos a Goa onde foi grande o sentimento em todos pela perda das duas naos.

A gente, que ficou em Moçambique, que depois veio na monção de Setembro, seriam duzentas pessoas, as que chegaram sómente a esta cidade havendo partido do reino em ambas as embarcações, perto de mil e trezentas, e as mais pereceram todas no naufragio, e em Moçambique aonde tambem alguns se casaram ainda que poucos.

Depois de chegada a Goa a gente que escapou do naufragio, prenderam alguns officiaes pelas culpas, que commeteram na viagem, e na marcha de que resultou mandarem enforcar o mestre do galeão S. Lourenço no mandavim, que é o lugar onde fazem as jus-

tiças em Goa, e ao piloto perdoaram a vida, mas condenáram-no em dez annos para as galés de Portugal. Estes foram quasi os primeiros castigos, que se viram atégora nos officiaes das naos, porque dantes já se tinha enforcado o contramestre do galeão Santo Milagre, que se perdeo em uma ilha antes de chegar ás de Maldive por notaveis tyranias, e roubos que fez depois de perdido o galeão. E póde ser, que se houvera outros semelhantes castigos exemplares mais antigos, que se escusáram tantos naufragios de naos, tanta perda de fazendas, e o que é mais para sentir, tantas vidas de portuguezes que pereceram nesta navegação da India, por causa da ambição, e cobiça dos que governam as naos.

LAUS DEO

FIM DO DECIMO VOLUME